FON FON
ANNO XXVI — Nº 19
Rio, 7 de Maio de 1932
PREÇO: 1$000

Noite Adoravel

NOITE de alegria, de musica, de amor... Instantes divinos e inesqueciveis que um malestar fisico repentino — dôr de cabeça, de dentes, nevralgia, etc., pode perturbar.

Pelo sim, pelo não, devemos ter sempre comnosco a insubstituivel

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem afetar o organismo. » »

É tambem ideal contra enxaqueca, incomodos femininos, dôres de ouvidos, reumatismo, resfriados, etc. » » »

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

--Sonho--

"A vida...
"Eu tenho, precisamente, que a vida é aquillo que nós nunca pensamos..."

AOS trinta e oito annos, João Simplicio havia considerado encerrada a sua existencia de aventuras e galanteios, e, com um profundo conhecimento da psyche humana, se comprazia em focalizal-a através contos e novellas, aos quaes lograva imprimir um cunho de rara originalidade.

Dedentor de uma sinecura e redactor de um dos grandes diarios, Simplicio vivia a vida despreoccupada dos conformados, dispondo de tempo sufficiente para divagar e sonhar com as irrealidades do mundo...

Quanto ás mulheres, elle tinha uma impressão toda pessôal, intima, e o romance dellas, loiras ou morenas, esbeltas ou "mignonnes", appareceria á luz da publicidade, nas montras das livrarias, sem omissão de um só typo...

Vamos encontrál-o em seu gabinete de trabalho, deveras pensativo, como si, na memoria, fizesse desfilar os vultos passionaes e voluveis, que o enleiaram, num lapso meteorico de vinte annos...

Dentre todos, um crescia em sua imaginação romantica — Ninon, a arlesiana differente, esquisita, de flammante sensualidade, que amava, com olhos de uma inspirada do Bello, os bizarrismos da vida. Para ella, mercê de um jovialismo interior capaz de absorver os maiores tormentos, tudo se resumia em juventude, alegria inextinguivel, a felicidade tornára-se objecto commum, de facil acquisição, assim o exigissem seus sentidos de mulher e doidivanas.

A' sua lembrança, justamente por lhe ter ficado gravada no espirito a silhueta da trefega creatura, como a impressão mais forte de sua existencia bohemia, João sorriu, desdenhoso e superior, repassando os dedos finos sobre as laudas de papel branco, como si acariciasse uma linda e deliciosa chiméra adormecida...

Eis senão quando a campainha do telephone tilintou, arrancando-o, *ab-abrupto*, daquelle enlevo subjectivo.

— E' Joanna? Allô...

Fez uma voz debil e sympathica.

— Não; aqui é João, irmão de Joanna... — redarguiu o escriptor, num repente de flagrante bom humor.

— Ah!... desculpe-me. Foi engano...

— Não ha que desculpar, senhorita; eu é que lhe devo pedir perdão, por haver-me intromettido em sua conversa...

Uma risada crystalina écoou do outro lado, festivamente, quasi ao tempo em que a estranha voz dizia:

— O senhor é muito amavel...

Tem attitudes de um principe authentico!

João pensou um segundo e murmurou com seus botões: "E' um bello começo de romance..."

E depois, ao telephone:

— Allô, senhorita! Confesso-me *encantado* pela sua pessôa... Acho-a, mesmo á distancia, de um fascinio irresistivel...

— *Você* é demasiado gentil; possúe um coração de ouro... Olhe, tenho pressa; amanhã telephonarei para ahi, sim?

— Não, não... Eu não resido aqui... Estou de passagem... Seria preferivel dar-me o numero de seu phone...

— Pois ahi o tem... é...

* * *

João Simplicio, ao dia seguinte, só pensava em infantilidades e sentia-se mais alado, parecia que remoçára dez annos, e seu espirito só pensava em infantilidades e puerilismos...

Como era agradavel viver! Agora elle achava o calor do sol uma dadiva régia dos céos, e tudo era motivo para bemdizer o Creador.

Sim, evidentemente era *ella* o "pivot" dessa metamorphose repentina, que fazia de um moço-velho, desenganado e "spleenico", um joven ardente e visionario, o peito transbordando de ansiedade...

A's 19,35, João paramentou-se todo, mandou que o creado ornamentasse de flôres a mesa de trabalho, e encaminhou-se para o phone, como quem se prepara para receber uma visita de cerimonia.

— E' você, coração?...

— Oh, querido, sou eu, Ina... Não calcula como pensei, hoje, na loja, em sua pessôa, o dia inteiro...

— Isso me envaidece. Trabalha na loja? Em qual dellas?

— Os homens são muito curiosos. Trabalho na secção de "bonbons" da loja da rua da Assembléa...

— Ouça, então: sabe que lhe dediquei, esta noite, um bom pensamento? Para mim, seu "apparecimento" é qualquer coisa de immaterial e abstracto... Deve ser assim como a felicidade, que a gente, *ouve*, mas não vê nem alcança...

— Sentimentalismo... Quer saber? Eu admiro os homens que são intelligentes e sabem embellezar as palavras; você empolga-me, suas palavras vibram extranhamente em meu cerebro... Amo-o!

.. ..

— Allô, telephonista...

— Queira desculpar, "não querem mais" falar para ahi...

Era isso mesmo; a pequena desligára.

* * *

Esse episodio repetiu-se toda uma semana; João tornou-se mais esmerado na indumentaria e chegou a esquecer Ninon.

Um dia, ardendo de curiosidade, pois que não conhecia, nem em retrato, o objecto de seus sonhos, decidiu-se ser menos timido e partiu para a loja, com o proposito de identificar a amada.

O que experimentou foi tão impressivo, emocionára-o de tal sorte, sorte, que chegou a perpetrar uma "gaffe". Ina era de uma belleza simples, mas captivante, o modelo de sua aspiração vã, e, ao tomar-lhe das mãos lyriaes o pacote de balas, apertou-as docemente.

Ella empallidecera, assustada, e, depois, pôz-se a rir nervosamente, com as companheiras, dizendo-se requestrada por um "conquerant" barato...

João sahiu desalentado, como si lhe tivesse ruido uma grande il-

(*Continúa na pág. seguinte*)

lusão. Ella talvez o ridicularizasse, com as outras, epithetando-o de velho audacioso... Quando se tem dezeseis primaveras não ha que duvidar...

* * *

A' hora habitual, Simplicio deu o seu telephonema costumeiro.

— Olá, queridinho! Que saudade eu tinha de você...

— Não diga...

— Hoje fui conquistada... sabe? Um homem chegou ao balcão, pediu balas e, ao entregar-lh'as, apertou-me as mãos...

Sonho

(Continuação)

—E você, que fez?

—Eu? Ri-me do pateta, que sahiu completamente desorientado, a ponto de não receber o troco... Um idiota!

— ! . . .

— Queria fazer-lhe uma consulta...

— Pois não, disponha...

— E'... é... que fiquei noiva...

— Como? Então...

— E'... eu não queria, mas, mamãe achou que era um bom partido... Você concorda? Eu preferia fugir em sua companhia, porque o amor, desde o dia em que nos *vimos*...

Pobre pequena! Infeliz amôr...

Meditou Simplicio. Elle podia, com algumas phrases de effeito, modificar o eixo dos acontecimentos.

Isso, entretanto, não era honesto.

Depois, já passára da idade romantica e ella, quasi uma menina, não merecia um viver melanco-

ORGULHO FERIDO

NÃO é bem acolhido o examinando de Historia Universal e este muito intelligente e assaz estudioso e aliás preparado nesse ramo das disciplinas da instrucção secundaria.

Tira o ponto. Diz-lhe um examinador:

— Pode falar sobre a Origem do Poder Absoluto na Europa, particularizando-lhe a nova jurisdição...

— Protesto quanto á jurisdição!

— Como? Ignora o senhor a nova jurisdição nos Tribunaes leigos da idade média?...

Interrompe-o o examinando:

— Não i g n o r o. Ha equivoco. Quer certamente o ponto referir-se á jurisprudencia...

— Ah! Tem razão. E' isso...

De modo brilhante discorre o examinando acêrca do ponto, mas, ainda assim, não reprime a má vontade de outrem.

* * *

Emtanto, é bem acolhido outro examinando, a quem falta só o exame de Historia Universal para ter todo o curso de Humanidades.

Desde os doze annos, o estudante faz preparatorios, já é de maior idade e ainda lhe falta aquelle para ser matriculado no curso superior, afim de obter o titulo que deve elle conquistar, consoante o desejo dos paes.

Pelo exposto, já percebem todos os gráo de intelligencia do referido estudante, obrigado a fazer esforço sobrehumano sem conseguir resultado apreciavel, pela falta de gosto em se tratando de outras letras que não sejam as de cambio, pois só estas lhe interessam.

Os examinadores, a pedido de amigos a quem desejam servir, resolvem approvál-o e tudo fazem em seu beneficio. Dão-lhe com antecedencia o ponto da prova escripta, dão-lhe por fim a prova já escripta, afim de ser apenas copiada; e o examinando tem bôa nota.

Quanto á oral, facilitam-lhe o ponto: "*A guerra dos cem annos.*"

Depois de muito procurar isso na Historia Universal de Cesar Cantu, observa começar a rivalidade entre a França e a Inglaterra desde 1328, terminando a guerra em 1453. Faz o calculo. Vão cento e vinte cinco annos de uma á outra data. Não pode ser, conclúe elle. Comtudo, passa uma vista de olhos por alli. Talvez seja aquillo mesmo!... Nada, porém, lhe fica em mente. Nada, absolutamente. Relê mais de uma vez o capitulo acêrca da guerra dos Cem Annos e coisa alguma grava na memoria.

lico e crepuscular. Refez-se da surpreza, num átimo, e inquiriu-lhe:

— E elle, é joven, tem bôa collocação?

— Sim, ama-me, muito, tanto quanto eu a você...

— Diga-lhe que sim; esse é o marido que lhe convém...

— Tambem acha...

— Conheço a vida melhor que você, Ina. Eu já!...

— Ah! é por isso que...

— Não, não pense nisso! Foi um sonho...

Sonho

(Conclusão)

———

— E nunca mais nos *veremos?*

— E' preciso... Seja bôa para elle... Nunca o contrarie, a proposito de nada. Lembre-se, sempre, de que é o companheiro a quem você deve prodigalizar todo carinho... Uma desintelligencia forte destróe, ás vezes, a felicidade de um lar...

— Sim... sim... — dizia ella, soluçante.

— Bem, com o meu adeus desejo-lhe a maior ventura do mundo...

— João?!...

.. ..

Quanto tempo ficou elle, alli, a fronte pendida sobre a mesa, num silencio que lembrava a morte?

Quando ergueu a cabeça, viu que já era noite e se achava no escuro. Accendeu, automaticamente, um cigarro, e sahiu, porta a fóra, livido, com a agonia no semblante de quem houvesse recebido uma punhalada em pleno coração...

GOMES NETTO

De Hormino Lyra

Vae á banca do exame oral. Cae o ponto que lhe haviam dado os examinadores *camaradas*.

— Quer o senhor expôr o ponto ou deseja ser arguido? — pergunta-lhe um examinador.

E'-lhe indifferente uma ou outra coisa. Nada responde e fica tranquillo.

— Diga alguma coisa, senhor! — adianta outro examinador.

E elle, moita!

— E' preferivel fazer a exposição do ponto. — torna o primeiro examinador.

E passa a discorrer acêrca do assumpto, para o auxiliar:

— E, por fim, expulsos os inglezes na França, só fica, em seu poder a cidade de *Calais* até 1558, quando o duque de *Guise* a liberta do dominio britannico. Comprehende?

— Sim, senhor.

— Então, diga qualquer coisa acêrca do ponto. Qualquer coisa que disser, nos satisfaz.

Começa a bater com os queixos, a gesticular a medo recordando algo... Os examinadores deixam-no em paz a ver si sae mesmo alguma novidade daquella cachimonia! Esperam. Esperam... E nada!

Por fim, intervem de novo um dos examinadores:

— Diga qualquer coisa...

— Sim, senhor.

— Vae dizer?

— Sim, senhor.

— Então, diga.

O examinando abre a bocca. O silencio é profundo. Fala:

— A guerra dos Cem Annos, seu doutor, aquella guerra... foi um horror!

Um dos examinadores ri gostosamente, a dizer:

— Que poéta!

E o examinando, a sorrir parvamente:

— Sim, senhor!

— Sabe que é poéta?

— pergunta-lhe aquelle.

— Sei, sim, senhor.

— Que é?

— Poéta é um homem que anda na rua!

Existia realmente um senhor muito seu conhecido, cujo appellido de familia era poéta e o qual elle encontrava sempre na rua.

Ninguem lhe pergunta mais coisa alguma. Os examinadores estão plenamente satisfeitos.

* * *

Quasi todo o genero humano é sordidamente vingativo. Os examinadores, por causa do quináu, inhabilitam o examinando intelligente e approvam o estúpido, o tal da guerra dos Cem Annos!

Nada mais nada menos que o orgulho ferido.

O POBRE GRANDE HOMEM!

ERA realmente impagavel, o pobre homem. E era um gosto ver o olhar de desprezo com que encarava qualquer creatura. A' primeira vez que o vi, elle inspirou-me apenas repulsa. Instinctivamente, disse, então, para mim mesmo:

"Eis um homem, unico, excepcional, detentor de todos os segredos. Certo qu deve conhecer as nossas origens e qual a nossa finalidade na terra. Para elle não existe nenhum mysterio. E, como devem deixal-o indifferente e frio, as pequeninas coisas por que nos interessamos!"

Não se poderia deixar de pensar assim na sua presença, nas raras vezes, em que elle se dignava não nos virar as costas.

Preliminarmente, elle estava muito acima da molla perfeitamente ridicula dos nossos dias: em vez desses oculos horriveis que se usam agarrados por traz das orelhas, usava binoculos. Uma barbicha originalissima enfeitava-lhe a physionomia superior, de illuminado. E a superioridade com que elle passava de um a outro livro, depois de pegál-os, apalpál-os, tomar-lhes o peso, como um negociante especialisado neste ou naquelle genero? Abria-os, lia algumas linhas aqui e ali, para, depois, num gesto de desdem, pôl-os á margem.

Porque estavamos numa livraria, elle e eu. Numa livraria que me habituei a frequentar e onde se reunia um grupo de gente entendida, culta, do qual partiam, de vez em vez, opiniões sobre isto e sobre aquillo, quasi smpre expressos em tom doutoral, dogmatico. Ouviam-se, assim, as mais curiosas e estapafurdias reflexões sobre assumptos scientificos, literarios, historicos. Pela segunda vez em que o vi, quando elle sahiu, dignando-se cumprimentar o livreiro, disse a este:

— Não me admirarei se este senhor for algum genio desconhecido. Poderia dizer-me o seu nome, se está devidamente autorizado a revelál-o?

— Vê-se que o senhor tem "faro", responderam-me. Elle, effectivamente, já publicou uma dezena de obras sobre assumptos que deveriam interessar os seus patricios. Estes, porem, seria desnecessario dizer-lhe, não ligam a menor importancia aos seus trabalhos. Mas, é sempre assim: far-lhe-ão justiça depois de sua morte.

— Talvez não demore a morrer, accrescentei.

Minha decepção foi grande; no emtanto não o dei a perceber. Via a dezena de grandes obras sem precisar tel-as sob os olhos nem mesmo nas mãos, para poder folheal-as, successivamente, e, depois, pôl-as de lado, tambem eu, com um gesto de supremo desprezo: eram brochuras, *plaquettes*, *opusculos*, etc.

— Ah! agora vejo, disse, trata-se do sr. Matheus Régin.

—Sim, sim, o senhor *fareja* bem, repetiram-me. Na nossa provincia só elle, com effeito, conseguiu até agora realizar semelhante trabalho. Temos, tambem, é certo entre os nossos escriptores, o sr. Rémi Costas, que vae nas pegadas do sr. Régin, mas duvido que o discipulo chegue a alcançar o mestre.

— Realmente? Pois, meu caro senhor, muito lhe agradeceria se me apresentasse ao sr. Régin na primeira occasião em que o encontrasse aqui.

Deixei a livraria sentindo-me alegre, feliz, mesmo na certeza de que, dentro de breve, iria ter o prazer de travar relações com o grande "mestre" Matheus Régin.

No dia seguinte, ás 4 horas da tarde, fui exacto ao improvisado *rendez-vous*. Fomos apresentados um ao outro. Fiz-me humilde, persuadido de que ha outra attitude a tomar quando desejamos que o nosso interlocutor se ponha a nú, ingenuamente.

Com a divina expressão da superioridade elle mediu-me dos pés á cabeça. Franziu as sobrancelhas num gesto olympico, majestoso e começou a falar sem que eu me permittisse interrompêl-o.

— Disseram-me, ha pouco, que o sr. desejava conhecer-me. Com certeza reside em Paris e está entre nós, no nosso modesto recanto provinciano, apenas de passagem. Aqui moro, tendo preferido a vida da provincia por julgál-a mais favoravel aos verdadeiros artistas. Os espiritos superficiaes, e só

De Henri Bachelin

esses, entendem que somente em Paris se pode obter um pleno desenvolvimento intellectual. E' de fazer rir, meu caro senhor, semelhante bobagem! Eu, por exemplo, poderia tambem escrever dramas, epopéas, romances etc., que fariam successo, garanto-lhe, porque sou, de facto, um artista! Mas não darei nada disso á producção contemporanea. Prefiro dedicar-me á simples erudição. A arte, só a arte não é bastante, sobretudo como a realizam hoje. Dir-me-á que em Paris tambem ha eruditos, homens doutos. Pois bem: elles não me chegam aos calcanhares, apesar de terem tudo ao alcance das mãos: grandes bibliothecas, archivos nacionaes, etc. Só tratam de assumptos archi-conhecidos. Não digo que não tenham certos meritos. Estes, porem, são bem pequeninos deante dos meus. Parece incrivel que nesta provincia eu tenha conseguido a cultura que possuo, desenterrando, aqui mesmo, documentos da mais alta relevancia, desconhecidos de todo mundo. Sou, tambem, um grande poeta, porque o maior de todos, ao crear suas obras, jamais terá experimentado as alegrias que me teem valido minhas descobertas. E, a proposito, se o nosso pamphletario local não é de todo desconhecido, não é a mim que elle o deve?

Nesse ponto, não me contive que não falasse.

— Se elle nada tivesse escripto, disse, que teria feito o senhor? Assim, elle mesmo contribuiu um pouco para o seu renome.

— Qual! qual nada!, exclamou o sr. Régin nem se dignar refutar por completo uma objecção tão pueril. Mas, mudando de assumpto, sabe, meu caro senhor, que nos encontramos no mesmo terreno? Sinto-me feliz pela occasião que se me offerece de poder affirmar-lhe que está enganado, que está errado. Não é o que habitualmente escreve que poderá conduzil-o ás importantes elocubrações da erudição pura, nas quaes apenas excedem os verdadeiros artistas. O senhor escreveu algumas paginas sobre um editor que nasceu e morreu na nossa provincia. Preliminarmente, fez prova de um espirito severo e causticante, o que ninguem jamais poderá dizer de mim: a mansuetude e a bondade transbordam dentro de mim. Em seguida escreveu, no seu trabalho, 1818 em vez de 1810, falando de 78 annos em vez de 76 e mais outros senões. No que concerne, então, á vida do meu heroe — digo bem: meu — ainda se enganou muito mais.

— Ah! sim? Desculpe-me, então, perdôe-me! disse o mais humildemente possivel. Mas, o primeiro erro que me imputa é de natureza typographica; o segundo está explicado em uma nota e o terceiro...

— Bem bem, meu caro senhor. Se tenho, porem, um conselho a lhe dar é não consagrar-se a esta ordem de trabalhos, porque elles não estão ao alcance do primeiro que apparece, emquanto o romance!... Mas, vou concluir. Para escrever os ultimos annos de vida do meu heroe, não teria o senhor os documentos de que disponho. Nesses documentos está tudo. O senhor acabou fazendo delle um desabusado e um sabio!...

— Realmente!... disse. Ah! o pobre homem!

— O pobre homem? Mas, senhor, com que direito procura criticar o meu heroe? Sim. Digo-lhe, affirmo-lhe que tomou parte activa na vida local, candidatou-se ás eleições legislativas. Nunca, porem, escreveu romances: limitava-se a editál-os.

— Sem duvida, disse, editava tambem obras de erudição local?

O sr. Régin fulminou-me com um olhar.

— Senhor, disse-me, ha muito desconfiava que a minha gloria o offuscava: a prova está feita. A inveja é um sentimento bem baixo. Espero ter o prazer de não o encontrar mais aqui, seu insolente!

— Deixe-me, então, sr. Régin, ter o prazer de virar as costas á modestia que o senhor encarna de modo tão perfeito!

E eu sahi, sentindo-me alegre, a esfregar as mãos uma na outra, sem querer saber se o que dissera se applicava ao "seu" heroe, se a elle proprio:

"Ah! o pobre homem!... O pobre grande homem!"

AIMERY (S. Paulo) — Uma cartinha azul, que me chega da terra das glycinias e das garôas nevoentas.

Que me diz essa missiva de mulher? Vejamos:

"Caro amigo. Acabo de ler teu livro. Na confusão de idéas em que elle me deixou mais viva senti a amargura de ser mulher. A tua Lucinha fez-me conhecer a tristeza e a desgraça de uma alma de mulher viciada. Não Yves, creio que as Lucinhas que existem na vida real não tem alma; as mulheres que vibram sómente pelo sexo, são entes anormaes, sem coração, verdadeiras escravas dos nervos. E, assim sendo, não póde chamar-se mulher uma creatura que nada mais é que uma maquina de prazeres.

Quem já tem uma certa prevenção contra os homens, lendo teu livro fica completamente descrente do verdadeiro amor, e sente apagar a ultima restea do sol da illusão. Aquelle cortejo de homens, cada qual mais cinico, horroriza, dando-nos a entrever as grandes miserias da vida e a pusilaminidade dos homens.

Sente nele alguma cousa de Lola; a maneira impressionante de Péladan em descrever as creaturas viciadas; o estilete de Vargas Vila atacando as mulheres, mas dominando sempre o Freudismo.

O que mais interessante achei, foi teres me feito uma das personagens do romance. Não tiveste dó declinando meu nome inteirinho!... Quero dizer-te que de fato sou uma funcionaria; não tenho plastica nem beleza e vivo do meu mirrado ordenado de bancaria... Como cada louco tem sua mania, eu tenho uma e das peiores, que é escrever-te cartas que dizes serem literarias, mas que ao meu vêr não passa de simples gracejo teu. E' preciso que saibas tambem, que é um dos maiores peccados convencer uma mulher de possuir um dom que ella não tem, pois obriga o resto da humanidade a suportar uma pesima literata ou uma falsa poetisa...

Apesar de todos os porque, continuo como sempre tua sincera admiradora, esperando ansiosa o teu novo trabalho literario. — *Aimery.*"

Lamento muito ter apresentado personagens, que, de tão verosimeis se encontram, a cada passo, no turbilhão da vida. Não fosse isso, e v. ex. não se veria retratada, fielmente nas paginas de "Uma "garçonne" carioca". Parabens a mim e pezames a v. ex....

Infelizmente, v. ex. não diz que, através daquelle realismo candente, o meu romance encerra uma profunda e desconcertante moral.

E' isso que é preciso frisar — afim de que se desfaça essa lenda de que o livro é inconveniente.

"Uma "garçonne" carioca" tem o defeito de mostrar a vida tal como ella é. Para que fazer crêr ás creaturas inexperientes que a vida é "um sonho", é "uma illusão dourada" e outras fantasias, que só concorrem para que sejam maiores as decepções futuras?

De resto, tenho a esperança de que, no dia em que um critico probo se dér ao trabalho de julgar o meu livro com imparcialidade, todos me darão razão...

Si não é pretensão minha — demos tempo ao tempo.

JEUNESSE (Capital) — Aqui está a sua cartinha verde como o tedio de que hoje estou possuido.

Os sentimentos têm a côr das impressões que mais influem sobre elles. A côr que hoje domina, em relação ao meu estado de alma — é o verde.

Por que? Eu mesmo não saberia dizel-o...

Mas vamos á sua missiva.

Escreve v. ex.:

"Presado Bastos Portela. Recuerdos. Não sei bem que força estranha impellio-me a dar-te uma resposta; talvez o prazer de conversar com o Yves *tão mau*, talvez o meu "amôr insaciavel de escrever cartas". Não achas essa frase engraçada? gozei quando ma disseram! Que modo de se expressar exquisito, não?

Vamos, pois, a resposta que te devo. Em primeiro lugar devo te lembrar o adagio: "la bouche parle de l'aboudance du coeur." Dizes que faço reclame sentimental? Bem se vê que és um desiludido! Só falei comtigo *uma* vez no telefone, posso dizer até onde eu estava, para afirmar a veracidade de minha palavra, portanto, ves como estas hyperbolico? E para terminar minhas contentações, digo-te, não ando de bonde, nem uso aliança e sim um anel com a pedra *dele* (precisava complemento para a frase).

Nem calculas como tenho achado graça das confissões de tuas correspondentes do Saibam-Todos, referindo-se a "Garçonne Carioca". Considero esses subterfúgios que usam para a leitura de teu livro, um atrazo, ou uma hypocrisia... Por mim não aconselharei o teu romance, mas si mo pedirem emprestado, só não darei a quem tiver "money", para teres bastante sahida nas livrarias. Aprovas o ultimo alvitre?

Conheces os livros de Gina Lombroso? Já leste "La femme actuelle" da mesma autora? Ótimo a meu ver, suas definições do amôr.

Deves estar rindo ironicamente, mas, que me importa! falo do amôr porque gosto, e o Yves não fica atraz, apezar de querer ás vezes *lançar o serio*.

Que me dizes dos versos de... Conhece-os? Si te causar prazer, enviar-te-ei um numero da revista "Natal", orgam das Noelistas Brazileiras. Interesso-me muito pelo desenvolvimento da "Natal" e faço propaganda para que o noelismo cada vez mais floreça no nosso Brasil. Considero o trabalho intelétual uma obrigação, e só ensaiando, tendo decepções, ás vezes colhendo alguns *botões* de rosa é que chegamos a alguma cousa. Portanto, preciso é, a nossa revista que mais modesta nos encoraja, não nos atemorisandos como os leitores dos grandes magazines.

Perdão pela cacetada; quando vi o fim do papel, foi que notei, and with best love from you, your. — *Jeunesse.*"

Resposta:

1º — Agradeço-lhe, sensibilisado, as palavras que teve para o meu livro. Quer isso dizer que, nem tudo é hypocrisia neste "valle de lagrimas"... E grato pela propaganda.

2º — Depois de trocarmos essas gentilezas, é necessario que eu frise o seguinte: tenho a impressão de que v. x. é joven e bonita. Mas, por Nossa Senhora! — não perde vasa para fazer crêr que ha, neste Rio, um joven que a ama, que a quer, que a adora, que morre pela sua pessôa, e que lhe offereceu um annel onde ha uma pedra de grau... Será veterinario, o seu querido?

Basta! Basta, senhorita "Jeunesse"! Não me faça inveja com a sua felicidade amorosa... Já sei que v. ex. é noiva, e "elle" veterinario, dentista ou contador... Muito bem.

3º — Não conheço o livro de Gina Lombroso, a que se refere. Compral-o? Não ha verba para tanto prazer bibliographico... Quanto á poetisa a quem allude, devo dizer que fui aqui o seu paranympho. Concertei-lhe um soneto e publiquei-o com uma chroniqueta de elogios á pessôa della. Pois quer saber de uma coisa? Até hoje não recebi della uma palavra de agradecimentos...

Mas que quer? Trata-se de mulher... E teria graça que uma poetisa não fosse ingrata para com aquelle que a ajudou a apparecer...

4º — Pergunta si acceito a sua revista? Tudo que me vier de suas mãos será bem recebido... Até mesmo a pedra do anel do seu verdadeiramente?"

THAIS (Capital) — A sua pergunta é dessas que nos deixam desconcertados. Só mesmo uma Eva é que poderia concebel-a:

Leiamos a sua missiva:

"Yves: Um homem muito fino e muito culto, me fez a seguinte pergunta: "você seria capaz de amar verdadeiramente?"

Eu encolhi os hombros, e não respondi.

Mas essa pergunta ficou a martelar-me o cerebro.

E, a todo o instante eu me perguntava: "serei capaz de amar verdadeiramente?"

Lembrei-me, então, de você.

De você que é homem e conquistador. De você que é o psicologo mais amoroso que conheço.

Diga-me; qual o pensamento occulto que o homem tem, quando faz essa pergunta a uma mulher? Ou melhor; qual o duplo sentido que encerra essa pergunta?

Esse amor-paixão consiste, sómente, na animalidade?

Não creio que, na época de hoje, os homens lhe dêm um sentido mais elevado.

Então, o que quer dizer?

Um convite para uma aproximação?

Ou num puro egoismo masculino?

Você já deve ter feito essa mesma pergunta a mais de uma mulher.

Diga me, pois, sinceramente, o que você desejava ao fazer essa pergunta...

(*Conclúe na pag. seguinte*)

Permita ocultar-me sob o pseudonimo da mais bela das cortezãs. — *Thais*."

Rio, 11|4|32.

Os homens são sempre maliciosos — quando procuram sondar o espirito feminino. Mas nunca chegam a ser mais maliciosos do que ellas...

Em todo caso, direi com sinceridade o meu pensamento a tal respeito.

Quando um homem indaga de uma dama, si ella seria capaz de amar verdadeiramente, quer dizer, por traz de taes palavras: "Você seria capaz de sacrificar o seu amor mais sincero — sem mesmo buscar saber que é que receberia em troca?"

E, naturalmente, ainda como um complemento da sua phrase — ou da sua intenção — annuirá, intimamente: "Si elle lhe der um bungalow e um automovel, você nada pedirá em troca..."

— Então, ficou satisfeito com a cura do tal medico que lhe fez recuperar a memoria?

— Sim, mas, esqueci-me do meu chapéo no seu escriptorio, e não ha meio de me lembrar do endereço...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Como v. ex. é mulher talvez saiba melhor do que eu, si tenho ou não tenho razão...

HEITOR TAVEIRA (Capital) — O seu conto foi entregue ao secretario. Elle lhe dará o conveniente destino. Não tive tempo para lel-o. Ah, si eu fosse ler tudo que me enviam!...

CARMEN (Capital) — Agradeço-lhe, em nome do *Fon-Fon*, as felicitações que nos enviou pela passagem do anniversario do nosso magazine. Sou-lhe tambem muito agradecido pelo presente que me enviou.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 7-5-932

Data da consulta..........

Nome da consulente..........

....

RECTIFICAÇÃO (Capital) — O sr. Gilberto Veiga, nosso collaborador, trouxe-nos a carta abaixo, afim de que fosse publicada nesta secção:

Snr. Yves. Tendo o sr. Theocrito de Castro Alves das Neves, academico de medicina, morador á Avª. 28 de Setembro, 337, declarado a V. S. em nota publicada no ultimo numero do "Fon-Fon", não se referir á sua pessôa a declaração por mim feita, nesta secção, no numero de 12 de Abril p. passado, volto á sua presença para confirmar aquella declaração, pois se trata, realmente, do mesmo senhor.

Muito lhe agradeço a fineza da publicação. Patricio attº.—*Gilberto Veiga*".

Espero que os dois se harmonisem e cheguem a um accordo definitivo.

Yves

Eduardinho vê pela primeira vez uma tartaruga.

— Quanto custa um bicho destes?

— Tres mil reis.

Mas, com a caixa?

A TESTEMUNHA

De BENET - VALMER

ERA um pouco antes da madrugada, á mesma hora em que, já ha annos, ella acordava para se revolver no leito de um lado para outro sob o horrivel supplicio da insomnia matinal.

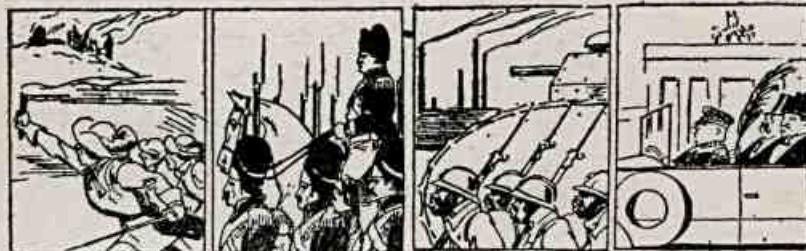
Sentiu junto ao seu corpo o seu amante. Pela primeira vez tinham dormido na mesma cama. Acceitára, satisfeita, esta escapada para os arredores de Paris. A idéa de partilhar do mysterio do somno, no principio de uma ligação, traz o espirito em alvoroço, perturbado, preoccupado, todos o sabem. Isso consagra o amôr. Ora, ella amava-o, tinha-lhe amôr, desejava ter-lhe ainda mais, aferrada a esta consoladora esperança: experimentar por elle esta fresca impressão de mocidade que proporciona a dadiva, a entrega completa de si mesma. Talvez ella confiasse demasiado no seu amôr e, talvez, ao dormirem juntos, o sortilegio que, ha seis annos, á mesma hora, tocava sua fronte, rudemente, despertando-lhe a imagem que, em vão, procurava affastar, se desfizesse de todo.

Com a cabeça pousada sobre o travesseiro elle dormia ainda, calmamente. Dormindo, parecia mais moço, porque o seu olhar é que, sobretudo, o envelhecia. Porque elle tinha nos olhos algo de inquieto e de violento, e ella lembrava-se desse olhar.

Na época em que se fechava para não tremer deante de quem lhe fixasse a vista no rosto — onde julgava que todos leriam a verdade — ella tinha-lhe medo e, constrangida, odiava-o.

Teria sido por esta repulsa, que ella não escondia, que elle a perseguira?

Encontrava-o em todos os salões que frequentava, contrafeita, mas onde deveria apparecer para desafiar os curiosos e desmentir os maldizentes. E elle, somente elle, se conservava discreto, calado, emquanto os demais não se continham que lhe não falassem a respeito do drama da sua vida. Cumprimentava-a com uma simples inclinação de cabeça e retirava-se para um canto, a contemplál-a.

Mais tarde, quando o caso sensacional já não interessava a ninguem, sentiu que elle não o havia esquecido. Havia uma interrogação ansiosa na sua physionomia e elle cada vez mais procurava approximar-se della. Sua insistencia chegou ao extremo de as amigas lhe dizerem: "Parece que elle está apaixonado por ti." Estremecêra a essa idéa, embora estivesse habituada ás assiduidades desagradaveis: não ha mulher que, mesmo innocente, tenha sido suspeita de assassinato, que não tenha recebido cartas de sádicos, attrahidos pelo crime e pelo sangue.

1806. 1921. 1931.

As visitas francezas á Allemanha.

Elle não era um sádico, mas um sentimental e um triste, bem timido tambem.

Quando ella começou a fazer-se coquette para elle, foi enorme sua perturbação e o principio da aventura, que tanto custou tambem a ella, foi todo cheio de silencios, de discreta emoção. Passeios a Versailhes, longas divagações melancolicas nas brumas de inverno, phrases inacabadas... Seria que elle tambem teria um segredo?

Ella conformára suas confidencias, limitando-se a declarar que se sentia muito só. Elle, porém, mantinha-se fechado, concentrado, não procurando fazêl-a revelar-se melhor.

A's vezes, ella o surprehendia a fitál-a demoradamente com seus olhos inquietos onde a violencia parecia estar meio adormecida. E, na tarde em que suas mãos prenderam-se demoradamente, para despertar a volupia, não foi ella quem lhe estendeu os labios? Não foi ella quem curvou os joelhos, cheia de desejo, provocando a conquista?

Elle parecia-lhe mais tocado por um sentimento de protecção que apaixonado. Nos seus mais intensos ardores havia uma especie de compassiva ternura. Tanto que o mais das vezes elle lhe chamava: "minha pobre queridinha!" E ella sentia-se protegida, amparada nos seus braços, contra seu peito, quando suspirava soffredora, como desejava não ter esse remorso que, naquelle momento, no leito em que elle dormia calmo e remoçado, della mais uma vez se apoderava, resuscitando a imagem que a perseguia.

Martha soffria com isto.

Nem o advogado e nem o confessor conseguiram arrancar-lhe o segredo que ella guardava. Um dia foi ao confessionario para gritar que era culpada. Não proferiu, porém, uma só palavra. Suas mãos crisparam-se, seus olhos fecharam-se, sua bocca cerrou-se. Apenas uma grande, accentuada ruga se fixára no seu semblante. O silencio tambem tem seus estygmas.

De subito, através das persianas fechadas, a luz penetrou no quarto. Nas frontes de Martha corria o suor da consciencia em tumulto. Batiam-lhe, forte, as arterias. A voz da emoção gritava-lhe aos ouvidos. Nesse estado, a imagem, as imagens, toda a scena exteriorizava-se, fazia-se real, viva, na sua mente exaltada, até que Martha ouvisse o estampido sêcco do tiro de revolver e a quéda do corpo sobre o soalho.

(Continúa na pag. seguinte)

— E' um match de campeonato?
— Qual o que! Isso é o "treining".

A testemunha

(Conclusão)

Nas outras manhãs, ella pulava da cama, andava pelo quarto; não via seu crime; parava ante os insultos que lhe dirigiam; não chegava a pegar o revolver, que via em cima da mesa, mas que não queria apanhar; escutava, tambem seu marido contar-lhe sua trahição, vangloriar-se da sua amante, tornar-se vil e abjecto; ia, então, matál-o... E não o matava.

Mas, hoje, que diria a seu amante se elle lhe perguntasse o que significava aquelles passos agitados, aquella inquietação?... Ouviu a quéda do corpo no soalho e, na sua allucinação, teve um estremeção que lhe retesou os musculos.

— Que tens, Martha?, perguntou-lhe o amante, despertando.

Ella estava sentada na cama, com a expressão do crime na physionomia.

Então, elle se levantou e abraçando-a ternamente, murmurou-lhe ao ouvido:

— Não pense nisso, minha pobre queridinha!

Ella julgou ter enlouquecido e repelliu-o com os punhos, selvagem, magnifica na desordem da sua cabelleira loura.

— Deixa-me! gritou-lhe.

E pôz-se a chorar como nunca chorára.

Quando a calma lhe permittiu vêr, depois daquelle desafogo das lagrimas, Pedro estava inclinado para ella. A inquietação substituira, nos seus olhos, a compaixão.

Martha, então, suspirou:

— Ah! se tu soubesses!

Elle respondeu:

— Sei... Eu estava lá... Ouvi tudo. Não! Não! Cala-te! Eu te contarei... Minha pobre querida põe tua cabecinha aqui, sobre o meu hombro. Contar-te-ei tudo e não te affligirás nem te torturarás mais depois de teres ouvido, narrada por outro, a descripção que vives a fazer diariamente, accusando-te cruelmente. Escuta: eu estava no mesmo hotel, em Dinard, ha seis, hospedado no quarto vizinho ao teu e de teu marido. Eu era esse viajante que declarou nada saber, nada ter ouvido porque estava dormindo quando se deu o crime. Eu era aquelle sr. Leblonde, citado no teu processo e que logo depois, sob aquelle nome, desapparecia porque não queria falar.

No emtanto, sabia de tudo minha pobre querida... Vocês, tu e teu marido, na exaltação em que se achavam, suppuzeram, talvez, não ter nenhum vizinho proximo ao quarto que occupavam. Discutiam em voz alta. Ouvi tuas reprimendas, verberaste violentamente a indecente conducta de teu marido, dizendo-lhe que elle poderia ser fiel á sua amante, a continuar a trahir-te, dizendo cynicamente que te amava tambem. Elle tinha bebido. Sua voz era gaguejante e rouca. Falava-te sobre as suas intimidades com a amasia, isso de mistura com difficuldades de dinheiro, tendo tido uma grande perda no club. Descia á objecção, mas se consolava da ruina pelo orgulho de se julgar um irresistivel dom João. Tu o condemnavas, ameaçava-o de separação, lançando-lhe á face a baixeza, a vilania do seu proceder.

Elle, cynicamente, recordava o amôr de vocês e falava-te da força, do poder que tinha sobre a tua carne. E gritou-te: "Não poderás nunca passar sem mim!" E perseguia-te, desejando-te.

Disseste-lhe, depois: "Toma cuidado!"... Ouvi cahir uma cadeira, depois tu, gemendo, bradar: "Ah! miseravel!" e, de repente, a detonação do revolver, o estampido dos tiros, um corpo cahir... Silencio momentaneo, depois correrias, portas que se abrem no corredor... Deito-me e faço que durmo a somno solto. Foi preciso que me sacudissem com força para que eu acordasse.

Acompanhei a instrucção do processo com uma inexplicavel angustia. Eu te condemnava e absolvia no meu coração. Foste soberba. Admirei a serenidade e intelligencia com que provaste o suicidio de teu marido. A perda de grande somma no jogo e a acção do alcool provocaram aquella crise de desespero. E tu havias atirado tão de perto que logo foi admittida a versão do suicidio. Uma multidão te lamentou, ao sahires do hotel. Em Paris vim encontrar-te de novo. Desde então estavamos ligados. Segui-te, espionei-te.

Eu sabia, adivinhava que em teu cerebro se reflectiam as mesmas imagens que se reflectiam no meu e, sempre que despertava, dizia: "Ella deve estar acordada tambem, a pensar nas mesmas coisas." Eu imaginava os movimentos da tua consciencia e a minha tinha tambem os mesmos.

Nos salões, afastado de ti, sentia, no emtanto, que era o homem que de ti estava mais proximo. Soffrias com o meu olhar que não te abandonava. Inspiravas-me horror e piedade. Tinha um louco desejo de ser teu amigo. Quando consegui aproximar-me de ti, tive receio de que fosses indigna e criminosa, não sendo pura. Mas, durante os nossos passeios a Versalhes, notei que uma força mais poderosa do que nós, um pensamento commum e incessante, haviam modelado nossos séres de accôrdo com um molde unico. Comprehendi, então, que deveriamos amar-nos. Não ha maior amôr do que o que se forma entre cumplices. Nós o eramos, e o somos ainda. Ah! chora, minha pobre querida, derrama todas as lagrimas accumuladas durante a época heroica da tua solitude!

Mas, ella desprendeu-se dos seus braços.

— Vae-te! Vae-te embora! Não deverias ter falado! Agora já não te poderei mais vêr! Não quero, não acceito este amôr entre dois cumplices. Não pódes absolver-me; ninguem o poderá. Matei e é preciso que eu esqueça. Não quero que me absolvam: quero que me renovem a alma e o coração! Não te amo mais. Vae-te!... Vae-te embora, e leva de mim somente isto: o odio da assassina... Quem quer que mate, ou é cumplice de um crime, como tu o és, será sempre perseguido. Talvez seja esquecido, mas nunca será perdoado...

— Qual foi o resultado do remedio que lhe aconselhei para seu rheumatismo?

— Não me serviu de nada.

— E' curioso! A mim succedeu o mesmo!

VELHA RUSSIA

DE PIERRE MILLE

A primeira mulher de Leão Leonovitch Choulgaine? — perguntou-me o velho russo. Conheci-a bem. E, se pude deixar o paiz a tempo, talvez ainda viva. Ou, então... Sabe-se lá? O que é certo é que a perdi de vista. Assassinada, vivendo na miseria ou tornada dansarina em algum cabaret de Berlim? Mas... não! Não é possivel! Em tal caso, eu a teria encontrado. Pouco importa. Como disse, conhecia-a ha muito tempo. Muito antes da Revolução. E parece que faz seculos...

Foi em Davos que Leão Leonovitch a encontrara. Ella era filha de um general de cujo nome não me recordo mais. Deveria lembrar-me, no emtanto: elle escrevia extraordinarias brochuras sobre a vida milagrosa dos santos; sobre os monges cujos cadaveres ficaram indemnes de toda corrupção o que provava, a seu ver, a santidade dos mesmos; sobre a illustração e a majestade dos czares, sua bondade, sua caridade. Não possuia nada e, no emtanto, era franca a sua mesa. A publicação destas brochuras, porem, approximava-o de Nicolau II e dos seus ministros e os altos commerciantes de Moscou procuravam-no, como intermediario, para obterem certos favores, junto aos mesmos.

Ella, Maria Petrowna, era uma loira de porte elegante, verdadeiramente bella, mas tinha os olhos verdes... E as mulheres que teem os olhos verdes não inspiram confiança. Pessoalmente, não gosto das mulheres de olhos verdes. Isto, porem, não tem importancia pois não pensava assim Leão Leonovitch. Em Davos, elle e Maria Petrowna faziam sport de inverno... Leonovitch suppunha-se tuberculoso. Talvez o fosse, porque toda a sua familia, em duas gerações, era minada pela tuberculose. Ella, ao contrario, parecia admiravelmente robusta. Ainda hoje não sei o motivo de sua vinda a Davos.

Um dia, quando tirava os *skis*, Leonovitch, bruscamente, propoz-lhe casamento: uma sorte para Maria: seu pae, o general, vivia largamente á custa dos commerciantes a quem servia, mas nada tinha, tudo gastava e nada lhe deixaria. Assim, ella promptamente acceitou a proposta inesperada.

Pouco depois de casados, nasceu-lhes um filho, o unico que tiveram nos cinco annos que viveram juntos, quasi sempre fóra da Russia.

Um dia, Leonovitch percebeu que ella o trahia com um official, tenente de cavallaria. Muito calmamente, interrogou-a:

— Tu o amas?

Ella, muito naturalmente, tambem, respondeu:

— Assim, assim...

— Mas do que a mim?

— Sim, mais, talvez.

Leão Leonovitch reflectiu um instante:

— Elle é um rapagão garboso... Bello cavalleiro... Mas, jogador e sem fortuna.

Maria alçou os hombros. Isso era-lhe indifferente.

— Então, concluiu Leonovitch, tudo é muito simples. Nenhum ser humano tem o direito de ter um outro a seu lado, contra sua vontade. Não vês nenhum inconveniente em que eu fique com o pequeno Constantino, o nosso filho?

— Isto será como quizeres.

Eis o caso! Mas, de certo, não conhece a lei russa: a lei de antes da Revolução, bem entendido. O divorcio não podia ser decretado senão pela autoridade religiosa, pelo Santo Synodo e não por um tribunal civil. E o Santo Synodo não concede o divorcio a uma mulher a não ser quando a culpada não foi ella. Leão Leonovitch sabia disto... Nós, os russos, fazemos sempre assim... Não damos importancia ao caso.

Durou mezes o processo do divorcio. Durante esse tempo, o bello official vivia publicamente com Maria Petrowna. Leonovitch mantinha com elles relações correctissimas. Mas, quando o divorcio foi concedido, elle foi ao encontro do official:

— Se, dentro de um mez, não tiver casado com minha ex-mulher, matal-o-ei como um cão! disse-lhe.

Isso, para elle, era tambem um dever. Quanto ao tenente, este estava bem longe de pensar em casar a miseria com a pobreza. Elle não tinha real e Maria muito menos. Mas tinha amor á sua pelle e tres semanas depois estava casado. Logo, porem, elle fez sentir á mulher que ella era uma imbecil e outras coisas bem duras e crueis que Maria teve

VELHA RUSSIA

(Continuação)

de ouvir. Dava-se o que prevera Leonovitch, que não era um máu homem, nem um ciumento. Os russos o são raramente. Não ha, porem, ninguem perfeito...

Não acabou a historia. O mal hereditario continuou a lutar contra Leonovitch. Seu filho, que elle não resguardara bem do frio do inverno, na casa paterna, em Borofskala, logo morreu. A mãe achava-se em Poltava, onde o marido se fizera coronel. Leonovitch foi irreprehensivel na sua conducta: enviara á Maria telegramma sobre telegramma. Mas, o marido, o coronel, os retinha. Não era por zelo ou ciume que elle assim procedia e sim porque não perdoava á Maria tel-o arrastado ao casamento em vez de se contentar com um adulterio commodo e confortavel. Emfim, um dos despachos cahiu em mão de Maria, que conseguiu viajar para ir ver o filho. Chegou apenas para assistir o enterro. Viera, porem acompanhada pelo ordenança do coronel, de quem o soldado recebera ordens reservadas, uma das quaes era não consentir que sua mulher dormisse, sob o mesmo tecto, com Leonovitch. Assim, ella teve de installar-se em uma propriedade um pouco distante, pertencente a uma sua parenta. Ahi pernoitou e Leonovitch approvou este escrupulo das conveniencias. Mas, logo pela manhã, uma carruagem foi recebêl-a e conduzil-a para Borofskala. Então, Leonovitch lhe apresentou uma joven e linda mulher, morena, simples, encantadora, com um ar todo espiritual, muito differente, emfim, de Maria Petrovna.

— Minha mulher, disse-lhe. Esqueci-me de prevenil-a de que me casara novamente.

— Oh!, disse Maria, tinha sido avisada... Meus cumprimentos, minha senhora!

Saudaram-se ambas cerimoniosamente. Na casa não faltava uma creança, um novo, pequenino Constantino. O almoço decorreu sob um ritual tão grave que se tornava comico. A ordenança recebera do coronel ordens de nunca deixar a mulher só e lá estava o soldado, firme,

O ladrão. — Desculpe-me accordal-o, mas, o senhor não deixa mais o seu dinheiro na terceira gaveta, á esquerda?...

erecto. Maria, muito á vontade, cumulava a sua substituta de gentilezas, de pequeninos cumprimentos, extensivos ao garotinho "Tão lindo! Tão lindo!" dizia.

No emtanto, accrescentava com perfidia: "Mas tão delicado, tão fraquinho. E' preciso cuidado, muito cuidado com elle!" Nadige, a nova esposa, calava-se, nada dizia. Já á tarde, a carruagem veio receber Maria para conduzil-a á casa da prima. Novo cerimonial. Todos os serviçaes, enfileirados, iam beijar-lhe a mão. A ordenança foi o ultimo a se mover. Mas, havia ainda um rito a cumprir: Tom, o enorme cão de raça São Bernardo, devia estender-lhe a pata. Desconfiado deante dessa extranha, elle não fez um movimento. Então, Maria parou e o soldado tambem. Leão Leonovitch deu de hombros com um gesto de aborrecimento. E fez um signal para Nastia, a creada de quarto, que gozava da especial sympathia do São Bernardo. "Estenda a pata!", disse-lhe Nastia. O cão a estendeu, e Maria pegou-lhe na pata, emquanto Nastia se afastava.

Assim decorreu uma semana. No ultimo dia, por occasião do almoço, Maria, de luto fechado, disse, em voz accentuada, estas palavras:

— E, agora, Leão Leonovitch, que tal acharias se fizessemos um pequeno passeio a Monte-Carlo? Tomo o trem hoje á noite.

Leonovitch olhou para Nadige, sua nova mulher.

— Mas, sim, meu caro. Tens necessidade de distrahir-te.

Leão Leonovitch acompanhou Maria desde Borosfskaia a Monte Carlo. Conduziu-a até a sala de jogo e deu-lhe um maço de notas. Deixando-a, foi tomar um porto. Uma hora mais tarde via-a voltar, radiante.

— Ganhei! Ganhei, meu amigo! E's um homem encantador.

— Ainda bem. Agora, já não tens necessidade de mim, não é?

E, na mesma noite, voltava para sua casa.

Aspecto do rio Nilo no dia seguinte áquelle em que a filha do Pharaó recolheu Moysés...

Um numero que não figurava no programma...

ERA uma noite quente de agosto, a casa escaldava e as tres irmãs não sabiam como diminuir o aborrecimento que invadia o calmo recinto.

Minneapolis é uma cidade abafada, onde a brisa do mar não suaviza as horas de calor.

Miss Florence Halpin e as irmãs começaram a suggerir diversos meios de divertir-se durante as horas que corriam lentas.

— Vamos ao parque?

— Não; vamos sentar-nos na porta da rua.

— Eu proponho irmos ao theatro — disse Florence.

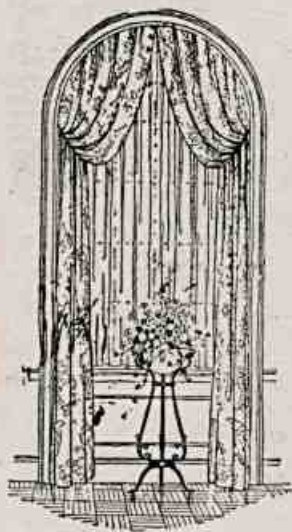
— Está bem, iremos ao theatro — concordaram as outras.

Vestiram-se, e Miss Florence, que é uma figurinha leve de Tanagra, botou o seu ligeiro vestido de organdy. O calor era tanto!...

Compraram as entradas e passaram garbosamente pelo corredor que levava á platéa. No meio do estreito caminho, porém, que fica entre duas filas de cadeiras, miss Florence deu um grito e todos os espectadores da sala tiveram a visão de uma nuvem de rendas e fitas fluctuantes. Miss Florence passára sob o ventilador que produz ar frio para refrescar o theatro, e o seu leve vestido de organdy voára para a cabeça da joven, seguido pela combinação de séda. Ella, nervosa, não sabia do ponto onde estava, gritando desesperadamente. Os musicos, os espectadores, os guardas e todos os que se achavam no theatro levantaram-se para apreciar o numero que não constava do programma.

Um guarda caridoso carregou a moça soluçando hystericamente, e assim findou o melhor trecho da noite. Ninguem fez caso do resto do espectaculo; só se falava do desastre de miss Halpin.

Ao chegar á casa, considerando a sua vergonha, miss Halpin resolveu pedir uma indemnização ao empresario, que, por descuido, deixou que collocassem o ventilador na passagem dos frequentadores. Um advogado foi incumbido da causa, e uma acção proposto pedindo $50,000 por perdas e damnos, causados pela humilhação soffrida por miss Halpin, que, em consequencia do facto, ficou seriamente nervosa.

E miss Halpin teve ganho de causa...

"Ronda literaria"

(*Especial para o FON-FON*)

GUILHERME DE ALMEIDA é um poeta, cujas composições já foram largamente publicadas por todo o paiz. Um livro novo do academico mais moço do nosso "Trianon" é sempre um successo de livraria.

Agora acaba de dar-nos, este delicioso, *O Jitanjali*, de Rabindranath Tagore, cuja traducção magnifica vae fazer a delicia de todos quantos ainda, nesta terra, amam o bello e o bom!

A' variabilidade da sua musa, oppõe agora o poeta a resignação paciente de traduzir, para o vernaculo, as meditações desse lyrico formidavel que é Tagore, e a simplicidade do seu estylo adequa-se facilmente á natureza de Guilherme de Almeida.

Esses poemas em prosa, traduzem toda a belleza, toda a paixão "juvenil" de Tagore, o velho patriarcha de barbas longas e brancas. Não é um livro que Guilherme offerece ao seu "batalhão" de leitores; é uma dadiva de arte! Nelle, o amôr surge sempre, não como o amôr que desfallece, que desconfia, mas o amôr forte, puro e bom, tão raro nos nossos dias!

Não ha cinzas; ha brazas vivas que contaminam.

Guilherme de Almeida, que tão grandes beneficios tem prestado ás letras patrias, com este livro, firma-se como um traductor fiél e magnifico intérprete dos sentimentos de Tagore.

Todos nós somos mais ou menos criticos, mas estas linhas são, todas ellas, mais de applausos ao poeta pela bella iniciativa, do que commentarios ao livro que é um primor!

PLINIO CONDE

O que se deve saber

AS VELOCIDADES RADIAES DAS NEBULOSAS

O professor C. P. Perrine observou, no numero 5754 da "Astr. Nach", que no Maunt Wilson foram determinadas velocidades que se approximam de 10.000 kilometros, por segundo, para algumas das nebulosas espiraes distantes. Indica que a aberração annual de taes nebulosas teria que ser comparada com a das estrellas proximas.

Segundo as theorias antigas, e admittido que esses corpos se afastem com uma velocidade da ordem de 1/30 da luz, a velocidade de suas ondas luminosas, com relação ao observador, deveria ser menor que a das estrellas na mesma proporção. Em consequencia, para ellas a constante da aberração deveria ser maior que para as estrellas, sendo a differença de 0,7, quantidade facilmente mensuravel, sobretudo obtendo-se boas photographias.

De accordo com a theoria de Einstein, a velocidade apparente da luz é constante para todos os corpos. Assim, pois, da mesma maneira que se teem feito observações para comprovar o desvio einsteiniano das estrellas proximas ao disco solar durante os eclipses totaes, seria interessante fazer-se a mesma experiencia para comprovar a theoria que deixamos exposta.

PORQUE AS FOLHAS PERDEM A CÔR

Se as folhas da maioria das arvores se tornam amarellas no outomno é porque — dizem os botanicos — nessa epoca do anno diminuem os hydratos de carbono que entram na sua composição.

E se os hydratos diminuem é porque a respiração, que é muito activa durante o verão, por influencia do calor, baixa consideravelmente durante o outomno.

O QUE VALEMOS

Quanto valemos, não intellectual nem moralmente, mas material, commercialmente? E' o que vamos ver.

Um homem que pesa 75 kilos tem em sua pessoa 100 decimetros cubicos de oxygenio, hydrogeneo e azoto; contem corpos gordurosos que dariam para fabricar uma vela pesando de 6 a 7 kilos; e, encerra ainda, em seu organismo 11 kilos de carbono, que, dariam para se fazer 9500 lapis.

No sangue tem duas grammas e meia de ferro e no resto do corpo quantidade sufficiente do mesmo metal que daria para fabricar um cravo que supportasse 75 kilos. Contem ainda, um homem sadio, 1400 grammas de phosphoro.

Seara alheia

Paz de retiro

Sobre as galas transitorias do mundo triumpha sempre a vida retirada, onde não haverá sementeiras estereis, se buscamos, no sincero amor pelos livros, a flor e a nata do pensamento dos mestres.

Socegados, tranquillos, afervorados pelo anhelo enthusiasta de saber, iremos pela larga e interminavel estrada da sabedoria, não com o proposito de alimentar logo impafias de imbecis, ou ser sabios de pacotilha.

Viver a vida, sempre a esperar a sua revelação, a sua illuminação deverá ser o nosso desejo maximo.

E, viver-se a vida sem alardes, já é se ser um pouco sabio. Nem as inquietações nem os desfallecimentos perturbarão a paz bemfaseja do retiro, do recolhimento interior a que nos entregamos a ler os mestres — OSCAR ALBERTO IBAR.

Alchimia espiritual

Não ha que confundir a justiça com a ordem. Em meio á maior ordem podem clamar a maior injustiça, e, muitas vezes, da desordem é que nasce a justiça.

*

Esse defende a monarchia, e a republica, aquelle o socialismo... No emtanto, bastaria que cada um se limitasse a defender o sentido commum!

NOTAS DE ARTE

CONCERTO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS CURSOS DO I. N. M. — O directorio academico do I. N. M. promoveu um concerto commemorativo da reabertura dos cursos desse I., o qual se realizou no Salão Leopoldo Miguez, dessa casa de musica, em a noite de sabbado, 22 de abril, com o concurso dos alumnos que ingressaram este anno no I., obtendo o 1º logar nos exames de admissão. Foram executados os seguintes numeros, distribuidos em 3 partes: I) 1. Bach — Busoni — *Toccata e fuga em ré menor* pela srta. Maria Rita Costa (Curso do prof. Rossini de Freitas); 2. Haendel — *Sonata* (adagio e allegr.), pela srta. Heloisa Marques Lima (Curso do prof. Paulino d'Ambrosio), 3, a) Grétry.—*Les deux avares* (ariette), ob) Mozart. — *Voi che sapete* — pela srta Elisa Santos Carvalho (Curso do prof. M. Isabel de Verney Campello); 4. Viotti — *Concerto nº 24* (1º tempo), pelo sr. Abrão Smith (Curso do prof. Humberto Milano); 5. Bach. — *Fantasia dramatica e fuga*, pela srta. Leda Boisson (Curso do prof. Guilherme Fontainha); II) 1. Schubert — *Improviso em lá bemol*, pela srta. Edith de Almeida (Curso da prof. Alsina Navarro); 2. Massenet. — *Herodiade: Il est doux, il est bon*, pela srta. Olga Praguer (Curso da prof. Marietta Campello Barrozo); 3. Schubert — *Tema com variações*, pela srta. Wany Moreira Barbosa (Curso do prof. Silva Maia); 4. Schumann — *Adagio e Allegro*, pelo sr. Armando Pinheiro (Curso do prof. Eurico Costa); — III) 1. Liszt — *Rêve d'amour* pela srta. Clelia Augusta G. Bacellar (Curso do prof. Alfredo Fertin); 2, a) Brahms — *A uma violeta;* b) Cesar Franck — *Aimer* — pela sra. Luiza Carvalho Muniz Freire (Curso da prof. M. Isabel Verney Campello); 3. Weber. — *Movimento perpetuo*, pela srta. Eunice Reis Silva (Curso do prof. Custodio Góes); 4. Vieuxtemps — *Fantasia appassionata* (1º tempo), pela srta. Lucia Basilio (Curso do prof. F. Chiaffitelli).

Fez os acompanhamentos o conceituado pianista, prof. Souza Lima (José). Precedeu a festa musical o discurso politico-literario da srta. Magdala da Gama Oliveira, 1º premio de violino do I. N. M. e destemeroso critico musical do *Diario Carioca*. O auditorio gostou e applaudiu a palavra da joven intellectual, salvo as restricções dos que, como nós, somos pela Constituição, mas... sem Constituinte... Concerto de alumnos de diversas idades e de diversos gráos de adiantamento, não se pode comparal-os para assignalar o logar de cada um na escala do merecimento technico e esthetico. Todos satisfizeram com mais ou menos pericia ás funcções que lhes foram confiadas e provocaram com maior ou menor enthusiasmo os applausos do numeroso auditorio, onde se viam varios representantes do nosso mundo musical e literario.

Mas, se se abstrair do criterio da idade e do adiantamento para se considerar o effeito produzido nos ouvintes por cada executante, não se pode deixar de destacar dois nomes: o da srta. Olga Praguer, entre as cantoras, e o da menina Wany Moreira Barbosa entre os instrumentistas.

A srta. Olga Praguer, nome feito como violonista e cantadora, que conseguiu dar cunho artistico ás canções ao violão, pelo especial encanto com que as interpreta — revelou-se na aria de *Herodiades* capaz de ser tambem um dia nome invulgar como interprete da alta

E' preciso ser forte! De accordo: antes, porem, é preciso saber em que consiste a fortaleza.

*

A erudição, na maioria das vezes, é uma carêta com que se disfarça a ignorancia.

*

Acontece, muitas vezes, que, para encontrar o "nosso mundo", precisamos sahir um pouco deste.

*

Os homens fortes

— Você joga o *tennis?*
— Não.
— E o *foot-ball?*
— Tambem não.
— E o *cricket?*
— Ainda menos.
— Mas, você, certo que gostará de algum *sport* que pratica?
— Sim, o meu sport predilecto consiste em metter-me num café com os amigos.
— Mas nem todos os seus patricios serão como você.
— Quasi todos.
— Então a sua raça degenerará. Debilitando-se, vocês morrerão á falta de exercicios ao ar livre...
— Qual o homem mais forte? O que percorre trinta kilometros em uma tarde ou o que é capaz de passar seis horas sentado deante de uma mesa de café?

Imaginai um rustico, um camponio forte, curtido, removido, bruscamente, para a cidade; que o mesmo esteja, durante duas horas, numa leitura literaria; que vá, depois, assistir a uma peça theatral; que durma num hotel e assista a uma sessão do Congresso... Este homem, depois de dois dias de uma vida assim, estará fatalmente moribundo.

A força, a fortaleza dos homens da cidade é muito differente da dos homens do campo.

.. ..

O erro fundamental dos homens de sport está em crêrem que para se viver nas cidades, é preciso muita força, muito musculo. Não. Nem tanto. Muita habilidade e muita despreoccupação, isto sim. — JULIO CAMBA.

---

poesia sonora, como notavel cantora lyrica. Sem grande extensão e volume, mas de agradavel timbre, formada em bôa escola, a voz da srta. O. P. causou-nos muito agradavel e encantadora emoção. Notamos-lhe sobretudo a naturalidade da expressão e a nitidez da dicção. Aperfeiçoando os naturaes dotes, apurando a sensibilidade para tornar mais intenso o poder communicativo da emoção, a srta. O. P. certo colherá como cantora lyrica os mesmos louros que tem colhido como cantante ao violão.

O outro nome que brilhou com acentuado brilho no salão do I., foi o da menina Wany Moreira Barbosa. Fechando os olhos, cada ouvinte julgaria estar ao piano um pianista de nome feito. Não só a perfeição technica, mas sobretudo a espontaneidade, iamos dizer a genialidade do temperamento artistico. A menina tocava absorvida completamente na sua arte. Traduzia magistralmente todos os matizes do poema de Schubert com um poder expressivo, excepcional em tão pouca idade. Uma revelação a pianistazinha, que será talvez amanhã uma grande pianista.

Sempre segundo o criterio puramente impressionista e não como juizo critico proferido mediante o exame technico dos valores, destacamos ainda o sr. Abrão Smith, cujo violino provocou especial admiração pelos effeitos de sonoridade; a srta. Eunice Reis Silva, que mostrou apreciaveis dotes para a musica de bravura; a srta. Elisa Santos Carvalho, encantadora voz de soprano, delicada e commovente.

Bello triumpho para alumnos e professores a festa musical do I. N. M.

ACADEMIA BRASILEIRA DE MUSICA. — Primeiro da nova série, realizou-se no I. N. M., em a noite de 27 de abril, o concerto de cordas e canto da A. B. M., onde se ouviram: CONCERTO VIII, *fatto per la notte di natale*, de Arcangelo Corelli, e SUITE, *em si menor*, de J. S. Bach — pela orchestra sob a direcção do prof. F. Chiaffitelli, na qual figuravam, como organista, na primeira peça o prof. Armand Gouvêa, e como flauta, em solo, na segunda, o prof. Ary Ferreira; — *Stizzoso, mio stizzoso*, da op. SERVA PADRONA, de Pergolese. — *Se tu dormi ancora*, de Bassani — *Già il sole dal Gange*, de Alex. Scarlatti — *Musik, Lieb und Wein* — *Noch einmal wecken Tranen* — *Die Hochlands Wache* — *Mariechen, Komm an's Fensterlein* — *La Gondoletta* — dos cantos escossezes, irlandezes e italianos, de Beethowen — pela prof. sra. Rosetta Costa Pinto, acompanhada pelo violino do prof. Carlos de Almeida, pelo violoncello da srta. Nydia Soledade e pelo piano do prof. Souza Lima; — *Minuetto* da op. brasileira O CONTRATADOR DE DIAMANTES, de F. Mignone — *Serenata*, de Alberto Nepomuceno — *Minha Terra*, de Barroso Netto — pela orchestra e piano.

Bello esforço em prol da propaganda da grande arte musical entre nós, o concerto da A. B. M. Regorgitava de ouvintes o Salão Leopoldo Miguez. Foram fartos e merecidos os applausos. Impressionaram-nos mais especialmente a *Suite*, onde se destacou a flauta canora de Ary Ferreira; as peças de canto — *Se tu dormi ancora*, *Noch einmal wecken Tranen* e *La Gondoletta*, nas quaes mais sobresahiram a voz e a arte da cantora patricia, prof. Rosetta Costa Pinto; e a *Serenata*, merecida e enthusiasticamente bisada, porque, além de bella em si mesma, teve bella interpretação pela orchestrina de cordas.

OSCAR D'ALVA

Ás oito da manhã salta da cama
Em seu pyjama
De tricoline multicolor.
Penetra o sol pela janella.
Canta a cigarra tagarella
Vem do jardim um suave olor.

O seu pyjama não perderá as côres por mais que Madame o exponha aos raios do sol; é que ella só compra tecidos e vestidos tintos com os famosos corantes

INDANTHREN

e marcados com a etiqueta registrada.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 19

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 7 de Maio de 1932

Uma noite de luar...

QUANDO eu era pequeno, e não conhecia ainda esse deslumbrante supplicio que se chama civilização, gostava de ficar, longamente, nas noites claras do sertão, olhando o luar que se derramava, luxuriante e perdulario, por sobre a natureza tranquilla e simples da minha terra cearense. Então, garoto ingenuo e feliz, eu embebia na paizagem luminosa os olhos insatisfeitos de pantheista de dez annos. O campo vestido de branco, sob a immensa lampada do céo, scintillava com as suas arvores, sêccas no verão, frondosas no inverno, e os seus grandes caminhos sinuosos, que se perdiam no pateo da fazenda... Deante desse espectaculo maravilhoso, a minha sensibilidade infantil se impregnava de melancolia, sorvendo, romanticamente, a doçura côr de prata do luar e a suave poesia da rutilante noite sertaneja. Sem saber em que pensar, sonhava com um mundo cheio de coisas impossiveis: o amôr, a felicidade, a gloria, a esperança...

Já nesse tempo lindo, havia em mim o sonhador, que acreditava em todas as mentiras da vida. Olhando o luar, eu olhava as illusões do meu destino. Mas sentia-me feliz innundando o meu corpo e a minha alma com essa claridade opulenta que vem do céo, quando a noite não tem estrellas nem sombra...

* * *

Vinte annos depois, o destino me fez novamente criança e me mostrou uma noite de luar no campo. O céo, limpo de estrellas, era o *abat-jour* da paizagem scintillante. No meio da estrada, só uma coisa denunciava a existencia da civilização: o automovel que me levára para longe da cidade. Da cidade cujas luzes offuscavam o luar. Da cidade onde eu aprendi a esquecer, ingratamente, a fascinação da natureza...

O carro civilizado enguiçou na estrada e eu fiquei, deslumbrado, nostálgico, infantil, a contemplar a noite clara sem a electricidade e fulgurante sem os encantos urbanos. Evoquei, então, as noites de luar do meu sertão, e o perfume do campo, e a tranquillidade da fazenda, e a serena ventura dos meus dez annos... Tudo tão longe como aquelle luar que me envolvia no seu manto imponderavel... Tudo tão distante como aquelle céo sem nuvens, e sem estrellas, que espiava, enternecido, a seducção da noite tropical...

Uma casinha humilde á beira do caminho largo e recto... E uma fogueira no terreiro, para espantar os mosquitos... Que saudade eu senti vendo, sob o luar, essas pequenas lembranças rústicas!...

Saudade dos meus dez annos, quando eu era ditoso, porque tudo ignorava... Saudade dos olhos verdes da esperança, que illuminaram fugazmente o meu caminho... Saudade de uma noite de luar em que eu te perdi, felicidade!...

Martins Capistrano

Ensemble bleu saphir. Robe en crêpe. Manteau en velours garni de renard bleu. (Photos especiaes)

Para FON-FON).

Ensemble du soir jaune. Robe en georgette. Petit vêtement de velours garni de zibeline.

FOI numa noite de luar, quando a face do astro vagabundo derramava seu tenue véu de prata sobre o casario antigo das vielas que bordam o Sena, na Rive Gauche, entre a Ponte Nova e o cáis da Tournelle, que vi Quasimodo não como nos tempos em que se debruçava qual um demonio de pedra das altas e rendilhadas galerias de Notre Dame. Trazia uma meia amarela e outra vermelha, um estarcão verde colorindo o torso disforme, o manto escuro esvoaçando sobre a corcunda, uma escarcela e um molho de chaves pendentes do cinturão de couro. Coxeava lentamente, ao peso da giba, ao longo das fachadas negras e irregulares da estreita e sombria rua do *Chat qui Pêche*.

Apontei-lhe o vulto sob o fóco de gas duma esquina:

— Olhem! E' Quasimodo!

Sonora gargalhada respondeu-me. Os tres amigos que haviam jantado comigo na Tour d'Argent e a quem convidára para um giro noturno pelo velho e poetico Paris da redondeza, torciam-se de riso. E um deles, antigo jornalista no Rio de Janeiro, brincalhão incorrigivel, explicou:

— E' o Nuits-Saint-Georges!... Esse vinho de Borgonha sobe á cabeça.

Em verdade, havíamos regado a *sole bonne femme* com umas tres botêlhas de Pouilley sêco e o *caneton á la roueunaise*, especialidade famosa dessa ilustre casa fundada em 1580, onde o velho Frederico, de longas suiças, que outróra conheci, se celebrizou na composição dos *civets* ou cabidelas de pato bravo, com quatro empoeiradas garrafas do Nuits, restos da assombrosa adega do extinto Café Anglais.

— Não sejam tôlos! respondi. O borgonha faz-me o efeito da agua da Carioca. Reparem, por favor, é ou não Quasimodo?

Eles esquadrinharam a curta e lobrega rua com os olhos ávidos e deram-me razão a *una voce*:

— Com efeito! E' mesmo o corcunda de Vitor Hugo. Vamos seguil-o. Será um fantasma?...

O aleijão vestido de Carnaval enfiou por uns bêcos sinistros. Tinhamos dele e do ambiente a impressão exata da idade media. Iamos atrás da figura insolita silenciosos e quasi emocionados. Adeante, a visão sumiu-se numa porta baixa. Esperamos uns dez minutos. Reapareceu e se pôs a ir e vir no passeio, agitando uma sineta que tilintava tristemente na noite calma e enluarada. Só então reparámos que no alto da porta havia pequeno letreiro luminoso: *La cloche*. E adivinhamos tudo: o homem era a insignia viva, o trugemão, o anuncio, o chamariz de pequeno cabaret.

Para lá nos encaminhámos. Ele desbarretou-se em nossa presença e curvou a mesquinha estatura desengonçada, torta:

— *Bon soir, messieurs! Entrez, s'il vous plait. On chante. On danse. Il y a du monde et très peu de places. Ou s'amuse chez le vieux sonneur de cloches de Notre Dame, le fameux Quasimodo...*

Empalmou a gorgeta. Entrámos. Era uma pequenina sala meio subterranea, em estilo normando, com moveis rusticos, cheia de homens e mulheres, sobretudo americanos, que bebiam e fumavam. Em um estrado baixo, esgrouviado velhote batia nas teclas de fanhoso piano. Os criados serviam com a mesma libré medieval do porteiro. Uma rapariga em trajes de camponêsa cantava as velhas estrofes populares dos *Deux Gendarmes*:

Deux gendarmes un beau
[dimanche
Chevanchaient au long
[d'un sentier,
l'un portait la sordine
[blanche,
l'autre le jaune baudrier.
Le premier dit d'un ton
[sonore:
— *Le temps est beau*
[pour la saison...

— *Brigadier, répondit Pandore,*
Brigadier, vous avez raison.

A voz da cantora encetava outra copla:

— *Oh! c'est un métier difficile*
garantir la proprieté...

O côro dos presentes repetia unisono:

garantir la proprieté...

Ela prosseguia:

Défendre les champs et la ville
du vol, de l'iniquité.
Pourtant l'épouse que j'adore
repose seule à la maison...

O acompanhamento:

... à la maison

A camponia soltava o estribilho:

— *Brigadier, répondit Pandore,*
brigadier, vous avez raison.

Aí todos se esguelavam:

— *Brigadier, répondit Pandore*
Brigadier, vous avez raison.

Os ultimos versos rezavam assim:

— *J'ai souvent servi sans re-*
[plique
les sonoerains régnant jadis:
Napoléon, la Republique,
et Louis XVIII et Charles X.
Il me souvient d'avoir encore
fourré Bonaparte en Prison...

(Conclúe na pagina 54)

Sergio Silva

O embarque para a Europa do director de Fon-Fon, e sua exma. familia

Sr. Sergio Silva, director de FON-FON.

O nosso companheiro Ary Sergio da Silva.

TEMPERAMENTO pouco adaptavel ao exhibicionismo, o sr. Sergio Silva, nosso director-proprietario, impediu que noticiassemos, com os cuidados das antecipações, o seu embarque para o Velho Mundo. Mas, agora, que o nosso chefe e amigo, — a essa hora em aguas estrangeiras, a bordo do «Mantique» — já se não póde oppôr á indisciplina da nossa redacção, não attendendo ás exigencias da sua modestia invencivel, estamos á vontade para dizer das saudades que delle nos ficaram e dos votos que formulamos pelo seu breve regresso. A fadiga, os esforços continuos, dispendidos na luta diaria, á frente da administração deste semanario, forçaram o nosso director a essa ausencia de alguns mezes, em excursão pelos paizes da Europa. E fazendo este ligeiro registro, não deixamos de frisar que todos os que trabalham nesta casa desejam ao chefe querido os melhores dias nas terras estrangeiras. E' que, em cada um dos seus auxiliares, Sergio Silva tem um admirador e um amigo sincero, que reclamam a sua companhia sempre amavel, o seu convivio sempre proveitoso. O sr. Sergio Silva viaja acompanhado de sua exma. esposa e de seus filhos Ary e André Sergio da Silva. Ary é nosso prezado companheiro de trabalho, e outro cavalheiro em quem se reunem as finas qualidades de um "gentleman" e a belleza de um caracter magnifico. André é applicado alumno do Collegio Aldridge.

Mme. Sergio Silva, é opportuno accentuar, por sua vez, se destaca entre as figuras da nossa alta sociedade, pelo encanto das suas attitudes fidalgas e pela irradiação da sua personalidade captivante.

* * *

O sr. Sergio Silva, na impossibilidade de apresentar as suas despedidas a todas as pessoas de suas relações, nos pede fazel-o por este semanario. Ellas ahi ficam, com as devidas excusas do nosso illustre director.

A embaixada do Japão offereceu, na penultima sexta-feira, 29 de abril, uma recepção para festejar a data natalicia de sua magestade o imperador Hirohito, que foi assim carinhosamente homenageado pela sociedade nipponica desta capital.

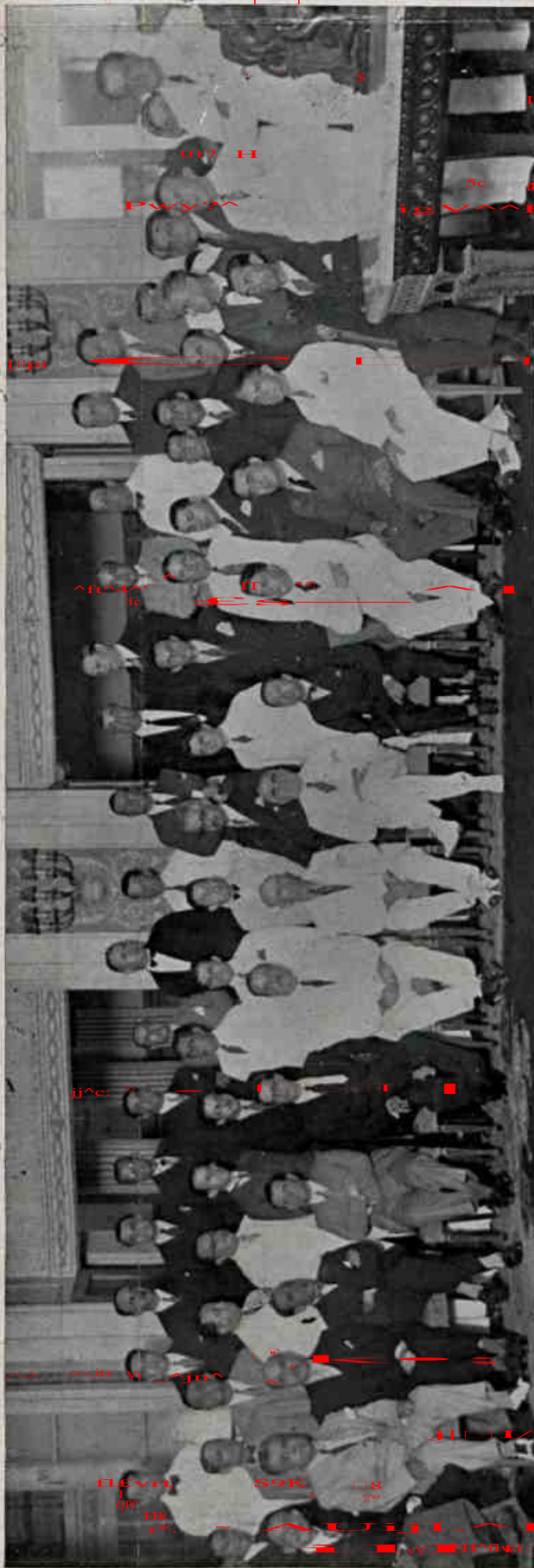
SABEDORIA

O segredo de toda vida nobre consiste em ver as coisas com clareza, e depois agir com absoluta sujeição a esse modo de ver. — W. J. *Danvson*.

Não ha pensamento, por mais bello que seja, que valha o olhar de um amigo ou o sorriso de uma mulher amada. — *Regismancet*.

A commissão organizadora dos festejos commemorativos do quinquagesimo anniversario da morte de Garibaldi reuniu-se sabbado ultimo, pela primeira vez, no palacio do Itamaraty, aonde compareceram, especialmente convocados para esse fim, pelo ministro do Exterior, entre outros, o embaixador da Italia, os ministros da Guerra e da Marinha, o general Tasso Fragoso, o representante do interventor do Districto Federal, membros destacados da colônia italiana, jornalistas, etc. Presidiu á reunião s. ex. o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, que ectava ladeado, á mesa, pelo embaixador Vittorio Cerruti, pelo general Leite de Castro e pelo almirante Protogenes Guimarães. Varias deliberações foram tomadas nessa primeira sessão da alludida commissão, sendo nomeado um comité especial para ultimar o programma dos festejos em homenagem a José e Annita Garibaldi.

O FESTIVAL DA POLICLINICA

A Quinta da Bôa Vista movimentou-se garridamente no ultimo domingo, por motivo do lindo festival que alli se realizou, em beneficio da Policlinica Geral do Rio de Janeiro, sob os auspicios de uma commissão de directores da benemerita instituição, composta dos drs. Belmiro Valverde, Augusto Linhares, Affonso Mac Dowell e Manoel de Abreu, foi organizado, para esse festival, um programma de variedades que alcançou o mais expressivo exito, e no qual figuravam numeros de grande originalidade e belleza, como os que fixamos nesta pagina: barraquinhas com vendedoras bonitas, «hespanholas» provocantes, amazonas... a pé, «ciganas» irresistiveis e «cantadores» do «sertão» carioca...

As classes conservadoras, representadas pelas figuras e pelas instituições mais prestigiosas do commercio e da industria da capital da Republica, prestaram, sabbado ultimo, uma grande homenagem ao presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, sr. Serafim Vallandro, que acaba de regressar do Rio Grande do Sul. Essa manifestação de sympathia e apreço ao illustre homem de negocios consistiu num almoço de cerca de trezentos talheres, realizado no salão do Automovel Club.

O ministro do Trabalho, Industria e Commercio, dr. Salgado Filho, visitou, na penultima sexta-feira, a séde da Liga do Commercio do Rio de Janeiro, onde varias homenagens foram prestadas a s. ex. pela directoria e associados daquella instituição. Na photographia de baixo apparece o ministro Salgado Filho ladeado pelos principaes directores da Liga do Commercio

"A MULHER E O DIABO", DE BERILO NEVES.

BERILO NEVES é um dos poucos representantes da literatura satyrica.

Ao lêl-o, tive a impressão de que tudo nelle é rectilineo: o odio, o amor (?), a sympathia.

Tive a impressão de que não existem curvas na sua alma nem matizes nos seus sentimentos.

Ainda mais: comparei a alma de Berilo a uma janella aberta para a belleza da vida, cujo store — um tratado de geometria — impede que essas bellezas sejam admiradas em toda a sua plenitude.

Por que Berilo Neves não é um escriptor cummum.

Os motivos dos seus contos — fantasticos e irreaes, quasi sempre, — constituem uma novidade e uma pausa na nossa literatura de boudoir.

A sua arte de conteur, inimitavel como a de La Fontaine, — mixto de humour, de blagues e de ironias imperdoaveis (não fôsse eu uma Eva), conquistou-lhe um publico consideravel, que lhe compra os livros com uma volupia nunca satisfeita.

Qual a escola de Berilo? Herbert Wells? Julio Verne? Chi lo sa? Quem póde affirmar que o sr. Diabo não venha a ser, futuramente, um parisiense, um elegante á Gustavo Barroso ou Martins Capistrano? Quem póde affirmar que não assistirá a um baile no Inferno, quando isso constituir a nota chic da temporada? Quem negará a electricidade do amor ou a synchronização das almas? Ninguem... Tudo é possivel. Julio Verne, o visionario de hontem, não previu tantas coisas certas?

E o mais interessante é que Berilo Neves, sendo joven e sympathico, não apaixona. E' mais um cerebral, um humorista, um satyrico, como disse acima. Elle escreve com graça, numa linguagem fluente e rica, mas não apaixona. Em geral, quando se termina um livro amavel, a gente fica pensando no autor, nas palavras bonitas que elle nos poderia dizer, nos beijos de fogo que elle nos poderia dar...

Em *A Mulher e o Diabo*, pelo contrario, é um personagem ou um titulo que se fixa na nossa imaginação: "O Ex-defunto", "A Paixão do Bacilo", "Almas Synchronizadas"...

Berilo Neves é o conteur da moda.

Lê-se Berilo com a mesma intenção com que se assiste a um *film* de successo: "Frankstein", "Dracula", "O Medico e o Monstro"...

Lê-se Berilo para ter sensações novas e fortes...

Terminando a leitura d'*A Mulher e o Diabo*, que já está na segunda edição, murmurei, num despeito surdo de Eva ferida: "Esse Berilo é o diabo..."

CONCHITA CID

AS ELEIÇÕES NA ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA

Foi, sem duvida, um acontecimento de alta significação para a vida do jornalismo brasileiro, as eleições que se realizaram, sabbado ultimo, na séde da Associação Brasileira de Imprensa. Tratava-se da renovação do terço do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal e, para isso, compareceram 514 eleitores, entre os quaes dois ex-ministros, ex-presidentes de Estado, além de ex-congressistas e outras figuras de relevo no periodismo. O pleito foi, portanto, renhido, e despertou um interesse crescente, durante doze horas, — facto que nunca se registrou no seio das classes jornalisticas do paiz. Procedida a apuração final do pleito, verificou-se terem sahido victoriosos os dez nomes abaixo, que assim completarão o Conselho Deliberativo: Austregesilo de Athayde (347 votos); Martins Capistrano (341); Oscar Sayão (325); Angelo Neves (324); Carivaldo Lima (321); Custodio de Almeida (317); Claudino Victor (316); Paschoal Ferrone (316); José Guilherme (315); Belfort de Oliveira (306). As photographias desta pagina fixam aspectos da installação e encerramento dos trabalhos de votação, na A. B. I.

Os scepticos da argilla humana e os que duvidam de sublimações e não crêem em benção, procuram na historia momentos excepcionaes que animam os destinos.

E as commemorações, symbolos vivos de fé e heroismo, estreitam essas grandezas, objectivando a historia na vida coetanea.

Os cultos revivem eternamente a saudade. Desdobram a recordação em lenitivo e magoa, acendendo a fogueira do amor num delicado sentimento de alma.

Os povos civilizados vivem para os seus cultos. Animando-os, sentindo-os, registam os melhores rythmos da sua existencia.

O Dia das Mães, que os povos americanos vêm commemorando, desde o anno de 1913, é um culto dos mais expressivos.

Nascido de uma saudade pungente, segundo a lenda que me trouxeram de fonte autorizada, o Dia das Mães teve em Philadelphia a sua primeira homenagem, e, desde então, até nós nos solidarizamos para a sua universalização.

Não ha incompatibilidade de crenças nem divergencias de idéas que se anteponham ao culto das Mães.

Podem faltar crenças aos corações e idéas aos cerebros, mas não faltarão filhos que amem as suas mães e as recordem pela vida fóra, com um devotamento excelso.

Todos sabem que a perfeição não é deste mundo. E' milagre providencial. Pois o amor de Mãe é milagre de perfeição. O espirito mais vulgar tem impulsos de perfeição no amor de mãe.

E' sciencia instinctiva, necessidade intima, vocação abnegada, que não soffre controversias, e obedece ao cumprimento de um sagrado dever.

Todo coração de mãe é um drama torturado de mysterio e amor. A avalanche dos appetites, o egoismo destruidor, os desesperos da ambição não escalaram ainda a cidadela invulneravel que é o coração materno.

Entre os espiritos novos que compõem o quadro dos jornalistas cariocas, Martins Castello, nosso sympathico e fino confrade do «Diario Carioca», se distingue pelas suas attitudes elegantes. Martins Castello é, no emtanto, mentalmente falando, um temperamento feito para o combate. A sua penna é um estylete de ouro, convenhamos; mas, quando fére, desarma e envenena. Hoje, porém, o que desejamos frisar é que Martins Castello, figura brilhante do nosso fôro, onde de ha muito vinha advogando, com triumphos constantes, acaba de collar grão, com a turma de bacharelandos de 1932, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. E' escusado dizer que fez um curso brilhante. O que vale a pena accentuar é que Martins Castello continúa a advogar com o mesmo talento que sempre lhe reconhecemos e é justo assignalar.

E emquanto a constituição humana persistir feita materia, um unico orgão de perfectibilidade actuará sobre a terra. Esse orgão é o coração de Mãe.

Não ha cathedras solennes nem complicados laboratorios que possam com os apparelhos pedantes da sua trivialidade explicar o phenomeno particularmente sublime do amor materno.

O mundo physico e o mundo psychico detêm-se ante o incognoscivel desse caso supra-sensivel.

Desde os mais imperfeitos irracionaes ao homem accessivel aos modernismos supremos, o amor de mãe tornou-se um quinhão consideravel da phenomenalidade universal.

O segundo domingo do mez de maio é o Dia das Mães. Esta pagina, eu a offereço á mãe soffredora deste momento. E' a senhora Espinola de França Navarro, mãe do sr. Antenor Navarro, o moço desventurado que a morte colheu num dos vôos da sua vida.

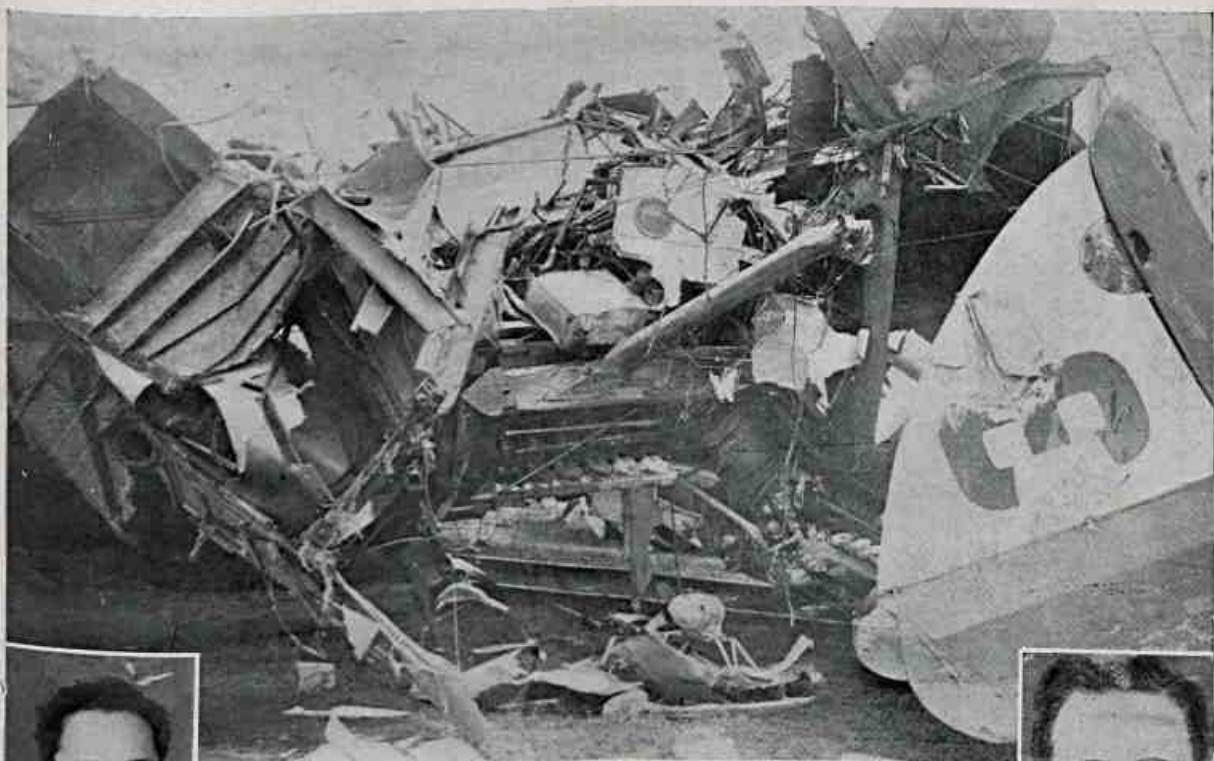
A senhora Navarro, minha velha e bondosa amiga, representa agora o martyrio na sua gloria.

Depois de educar meia duzia de filhos, soffrendo injustiças e decepções, coube-lhe a sorte de ver seu filho Antenor formar uma personalidade inconfundivel. Affectivo e meigo, fôra-lhe o seu padrão de orgulho e recompensa.

Tendo-o fulminado por um destino infeliz, elle, a alma poderosa e eleita da sua felicidade de Mãe, a senhora Navarro, condensa em seu coração o soffrimento de gerações e o desolamento de multidões.

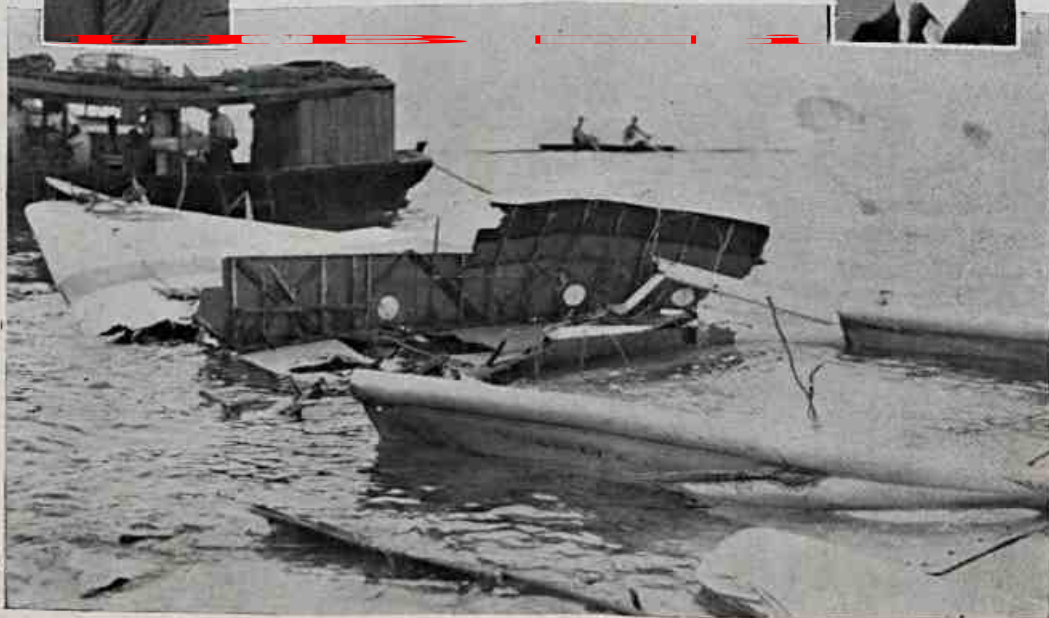
A sorte, num sorriso de felicidade, trahiu-a, desgraçadamente.

Resta-lhe um consolo: a lembrança eterna de Antenor, o seu glorioso filho, que passou fugaz como um fulgido meteoro.

Dia das Mães... Dia radioso e sombrio. Grande dia de soffrimento e abnegação...

O DESASTRE DO PORTO DOS TANHEIROS

ABALOU a alma nacional, compungindo-a de modo impressionante, o desastre de aviação de que foram victimas o dr. José Americo, ministro da Viação; o dr. Antenor Navarro, interventor da Parahyba; o engenheiro Lima Campos, inspector geral das obras contra as seccas; o commandante Dante de Mattos; e ainda outras pessoas. O accidente occorreu no porto da Bahia, com o hydro-avião da Marinha de Guerra, "Savoia Marchetti n. 3", no qual viajavam o ministro da Viação e os seus companheiros, morrendo o dr. Antenor Navarro, o dr. Lima Campos e o radio-telegraphista do apparelho.

Desse desastre, que foi largamente noticiado pela imprensa do paiz, offerecemos, nesta pagina, dois flagrantes, mostrando os destroços do apparelho sinistrado.

Vêem-se ainda ahi as photographias das principaes victimas do accidente: o interventor Antenor Navarro e o engenheiro Lima Campos, mortos no desastre, e o ministro José Americo e o piloto do avião, capitão de corveta Dante de Mattos, que escaparam milagrosamente.

Os desastres sportivos surprehendidos pela photographia

O trenó derrapa na curva, mas a tripulação nada soffre.

A motocycleta derrapa, atirando longe seu conductor.

O automovel vira numa corrida vertiginosa. Uma fracção de segundo depois que o photographo bateu a chapa, o carro já voava pelos ares e o «chauffeur» se machucava seriamente.

No alto: Uma collisão dentro dagua. Duas lanchas de corrida batem uma de encontro a outra. E' curioso observar como o barco da frente — «Miss Trent» — ficou de pôpa para o ar. Em baixo: Para conquistar a bola, um grupo de jogadores resvala no chão.

Perigoso accidente numa corrida em conjuncto. Duas «aranhas» cahem e uma terceira ameaça collidir com as outras.

Scena impressionante de uma quéda por occasião de uma corrida de obstaculos. Emquanto o cavalleiro se salva, o animal parece correr perigo.

A conquista da bola, num jogo de «base ball», determinou a quéda de um dos jogadores.

Um touro, crivado de farpas, ataca seu matador que corre sério perigo.

Uma collisão, em massa, numa corrida de bycicletas.

Nesta capital, em S. Paulo, em Nictheroy e em todo o Rio Grande do Sul, de que era filho eminente, tendo nascido em Pelotas, terá commemoração condigna o 1.º centenario do nascimento do conselheiro Antonio Ferreira Vianna, o varão illustre e notavel estadista que tantos e tão assignalados serviços prestou á patria brasileira. Nascido a 11 de maio de 1832, na cidade de Pelotas da então provincia do Rio Grande do Sul, Ferreira Vianna, moço ainda, ingressou na vida publica, em cujo scenario de actividade logo se projectava, com remarque, sua nobre individualidade. Jornalista, advogado, orador, jurisconsulto, mestre do direito, o eminente brasileiro exerceu os mais elevados cargos publicos, no regimen monarchico, tendo sido deputado, varias vezes, ministro do Imperio, na pasta da Justiça, etc. A cidade de Pelotas, além dos imponentes festejos civicos com que vae celebrar o 1.º centenario do nascimento de seu grande filho, inaugurará, tambem, no proximo dia 11, uma herma em bronze de Ferreira Vianna, em frente ao edificio da Faculdade de Direito. Nesta capital, no Instituto Ferreira Vianna, no Instituto Historico e Geographico, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e em outros centros de cultura realizar-se-ão sessões commemorativas da passagem daquella data.

O fallecimento, recentemente occorrido em Paris, do illustre soldado e estadista argentino, general José J. Uriburú, causou profunda e legitima consternação assim na sua grande patria como nos demais paizes americanos e nos circulos mundiaes sobre que se projectava mais intensamente a individualidade do saudoso extincto. Commandante-chefe do Exercito Argentino e presidente do governo provisorio, instituido na Republica vizinha depois da memoravel jornada civica de 6 de setembro de 1930, o general Uriburú soube realizar, com intelligencia, com elevado espirito de patriotismo e acção serena e energica, os sentimentos e aspirações democraticos do povo argentino, que hoje lhe cultúa a memoria. Restabelecidos o espirito democratico e o verdadeiro sentido da liberdade em todo o territorio argentino, o notavel homem publico passou o governo ao actual presidente constitucional da Argentina, e, afastando-se da actividade politica, seguira para a capital franceza, onde a morte o surprehendeu, enlutando sua patria e consternando as nações amigas.

Commemorando o segundo anniversario da fundação da Clinica Escolar «Oscar Clark», as professoras e alumnos do 8.º Districto e de outras escolas prestaram espontanea e significativa homenagem aos drs. Oscar Clark e Martins Pereira, respectivamente, fundador e director daquella benemerita instituição, que vem salvando da doença e da morte precoces milhares de creanças das nossas escolas publicas. A festa, que teve a presença de distinctas figuras de nossa sociedade, revestiu-se de expressiva simplicidade.

A festa regional que o Tijuca Tennis Club organizára para a noite de sabbado ultimo foi grandemente prejudicada pelo temporal que desabou á hora em que os violões começavam a gemer e as vozes femininas começavam a vibrar nos novos terrenos do gremio tijucano, preparados para esse fim. Toda a assistencia correu, então, precipitadamente, para dentro da séde do club, onde a reunião proseguiu sem a ambientação natural do ar livre, mas com a alegria e o enthusiasmo de todas as festas do Tijuca.

Os alumnos da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro realizaram sabbado passado, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, a sua tradicional «Festa do Calouro», que decorreu cheia de brilho e animação.

TREPAÇÕES

Enlevo e encanto dos seus extremosos paes, d. Amelia Fontainha Seta e sr. Leonelio Seta, residentes em Juiz de Fóra, a linda Cordelinha, nesta galante «pose» de «gente grande», parece estar a perguntar si a acharam bonitinha...

A vida tem caprichos inexplicaveis. Ninguem sabe porque é que a interessante menina, verdadeiro botão de rosa, deixa, ao cahir da noite, a casa paterna, para encontrar-se na esquina proxima, com um individuo que, positivamente, não é do seu nivel social.

A assiduidade dos encontros está indicando que se trata de um caso escandaloso de amor, cujo epilogo terá, fatalmente, de ser desfavoravel para a interessante creaturinha.

E faz pena!

Devendo possuir fortuna, pelo que demonstra o trem de vida da familia, estava no caso de defender a sua felicidade com mais elegancia e intelligencia.

Devia evitar o primeiro aventureiro que lhe atravessou os passos, devia olhar para o alto, mandando passear o tal typo de má catadura.

Ainda é tempo para meditar, para medir a extensão da louca aventura.

Não deve demorar, agindo para fugir da desgraça imminente.

Um gesto decisivo de coragem, e tudo será evitado.

Então, a interessante menina poderá voltar a attenção para o advogado que lhe ronda as portas, sem ser notado.

E' o opposto do outro, em tudo Excellente caracter, forte intelligencia, alma aberta, franca.

A menina só terá a lucrar com a substituição, fazendo a acquisição de um perfeito marido.

Quem avisa...

DESDE que o bondoso *coronel* atravessou o Atlantico e ganhou terras da Europa, *madame* entrou em crise.

As contas dos fornecedores vão se accumulando, com a promessa sempre renovada de um: *passe amanhã...* *Madame* ouvia falar que as coisas andavam ruins, mas não suppunha que estivessem tão feias. O *coronel*, apesar de conhecido como sovina, sempre attendia aos bilhetes pedindo que passasse *algum...* O essencial para a vida do illustre cavalheiro proporcionava, de cara alegre, a *madame*.

Quando se tratava de um chapéu, ou de contas da modista, então era preciso *chorar* um pouco mais. Elle, então, defendia-se, solicitando abatimentos, **fazendo** contas de chegar... Quando resolvia, porém, largar as notas, na certa que appareciam outras contas de chapéus e vestidos. O *coronel* já conhecia a *escripta* e até parecia experimentar certa volupia satisfazendo aos pequenos caprichos de *madame*, sol da sua vida e outras coisas mais...

Entretanto, repentinamente se afastou da linda terra carioca e não deixou *procurador*.

Por isso é que *madame*, por mais que procure, não encontra o necessario para satisfazer ás contas dos credores. E palpitamos mesmo que só esperando pela volta do bondoso cidadão *madame* poderá dar um geito na vida...

Thales, um garoto interessante, filhinho do sr. Raul Martins Ribeiro, conceituada figura do nosso alto commercio.

OS olhos azúes de madame acariciaram, ternamente, os olhos castanhos-escuros do escriptor, na tarde azul, que morria. E o nosso homem ficou deslumbrado e commovido deante daquella surprehendente demonstração de sympathia, que causaria inveja a muita gente bôa.

Madame já não é moça. E' mesmo bem mais velha que o escriptor. Seus trinta e oito annos, porém, não destruiram sua belleza rutilante e sua fascinação de mulher voluptuosa e romantica. Madame ainda seduz e não apparenta mais de seis lustros, porque é o que se póde chamar... *uma mulher conservada...*

O nosso amigo, ultimamente, vivia atormentado por um atróz caiporismo. Andava *pesado*, pois até as pequenas não lhe davam tréla. Pescava aqui e acolá, mas, por fim, nada feito. Pesquizou as causas para fazer cessar o effeito, mas é excusado dizer que não atinava de onde partia o mal.

Na semana passada, as coisas mudaram de rumo. As pequenas começaram até a apparecer pelo telephone, e as *bôas* tambem lhe dispensaram um sorriso amavel na Avenida.

O facto causou-lhe espanto. Não sabia explicar aquella mutação.

Só póde attribuir o phenomeno a um terno de roupa que mandou fazer na Casa Valle!...

Viola, galante filhinha do casal Edgar-Arasy de Alencar.

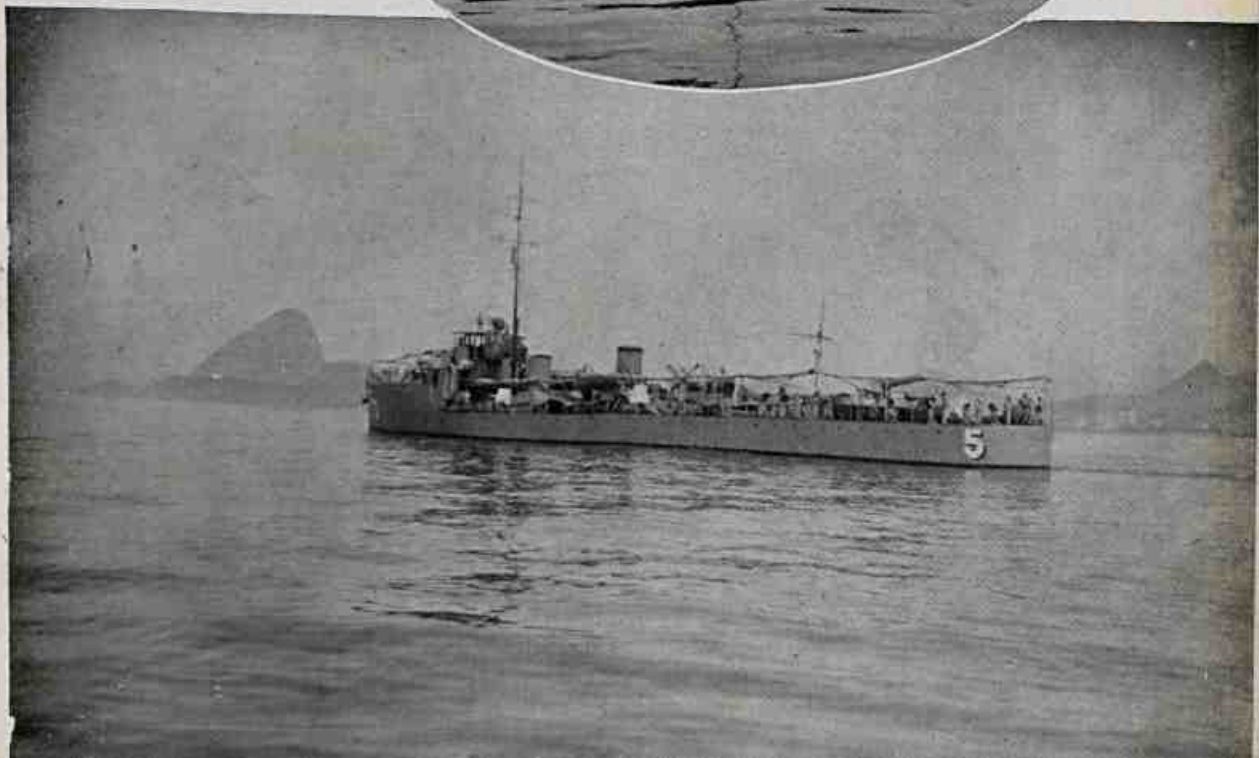
2.ª Divisão naval de contra-torpedeiros, capitaneada pelo cruzador «Bahia» e tendo como commandante o capitão de mar e guerra Luiz Pereira Pinto Galvão. Fazendo parte dessa divisão, seguiram os contra-torpedeiros «Rio Grande do Norte» e «Parahyba», commandados, respectivamente, pelos capitães de corveta Affonso Pereira Camargo e Annibal Coutinho Marques, e que, como o cruzador «Bahia», apparecem no «cliché» desta pagina.

AS PALMEIRAS

(Armand Renaud)

Os amores das palmeiras
Vão, no vento, de surpreza,
Das mais velhas e altaneiras
A's mais cheias de belleza.

Ligadas pelo desejo,
Numa febre quasi louca,
Têm a volupia do beijo,
Sem a secura da bocca.

Osorio Dutra

Caverna de Ali Babá

J. Ferreira da Silva, prosador catharinense, autor de «Fritz Muller», substancioso estudo bio-bibliographico sobre o grande naturalista que Darwin denominou o «principe dos observadores». «Fritz Muller», a que já se referiu elogiosamente o critico literario de FON-FON, é um livro de pesquiza e sympathia humana, destinado, por isso, a brilhante êxito de livraria

O TELEPHONE DOS NEGROS

A Africa, apesar de percorrida em todos os sentidos pelos exploradores europeus, continua a possuir mil segredos ainda não devidamente esclarecidos pelos civilizados. Seus costumes desafiam a curiosidade e a cada passo se encontram coisas que nos mostram como os africanos sabem resolver os problemas de sua vida primitiva.

Muito antes do mundo culto conhecer o telephone, já os negros o usavam a seu modo. Communicavam-se com grande rapidez, transmittindo as noticias mais interessantes a todas as aldeias duma região no mesmo dia, por meio dum systema telephonico pratico e seguro. O apparelho transmissor, que as tribus Fang do Camerum denominam nkú, compõe-se dum tambor de madeira feito com o tronco duma arvore verde, cavado a fogo, cuja altura varia de um metro a metro e meio e cujo diametro, de sessenta a oitenta centimetros. Uma brecha estreita, que se alarga para cima, corre ao longo da face superior. Com duas vaquetas se bate alternativamente nos bordos dessa abertura, produzindo-se dois sons differentes, um agudo e alto, outro grave e baixo. Por meio delles, os pretos, que possuem finissimo ouvido e cujo vocabulario não tem duas palavras com a mesma sonoridade, podem exprimi[r] tudo.

Virgilio Ramos da Silva, que é um dos bellos espiritos do Ceará intellectual, acaba de publicar o seu primeiro volume de prosa — «Não só...», livro de patriotismo e de fé, no qual aborda os problemas palpitantes da actualidade. Ha nelle paginas de vida e sentimentos interiores como «Fatalidade e destino», «O bom e o máu», «Inutilidade da prece»; paginas de moral como «Resignação», «Suicidio», «Caridade»; e paginas de problemas publicos como «Divorcio», «Sentimento religioso», «O trabalho». E' uma obra bem pensada e escripta com elegancia e clareza.

Antonio Marrocos de Araújo, joven e interessante «conteur», nosso collaborador, cujo recente livro — «Paginas Soltas» revelou um novo talento apaixonado pelos aspectos regionaes do Norte, onde nasceu e vive, amando a arte de escrever e praticando-a.

O nosso confrade dr. Plinio Edwar[d] Gioia, que acaba de formar-se e[m] direito pela Faculdade da Univers[i]dade do Rio de Janeiro, recebeu, p[or] esse motivo, carinhosa homenage[m] dos seus companheiros da Academ[ia] Carioca de Letras, onde varios o[ra]dores exaltaram as qualidades d[e] intelligencia daquelle jornalista.

Cada aldeia Fang installa se[u] nkú, no alto duma collina. E[m] indicação de chamada estabelece [a] communicação. Depois, é só trans[-] mittir as novas como se se falasse...

Os nossos indios usam dum [te]lephone parecido, batendo tamb[em] num tronco de arvore cavado a [fo]go e suspenso de duas estacas.

Nada é novo á face da terra e de[b]aixo do sól, como assegura [a] Biblia...

PENSAMENTOS DUM TYPOGRAPHO

As mulheres, como os typos, de[vem] ser tratadas: uma a uma e n[ão] muitas duma vez, para evitar pasteis...

A mulher embusteira é o espaç[o] que foge no momento de aperta[r] a linha.

A mulher digna é a caixa em que se distribuem todos os typos da virtude.

A mulher nervosa é um typo gasto a força de impressão...

A joven solteirona é a entrelinha colocada entre a casada e a sol[]teira.

A sogra é a tarja negra que s[e] se applica nas impressões de luto.

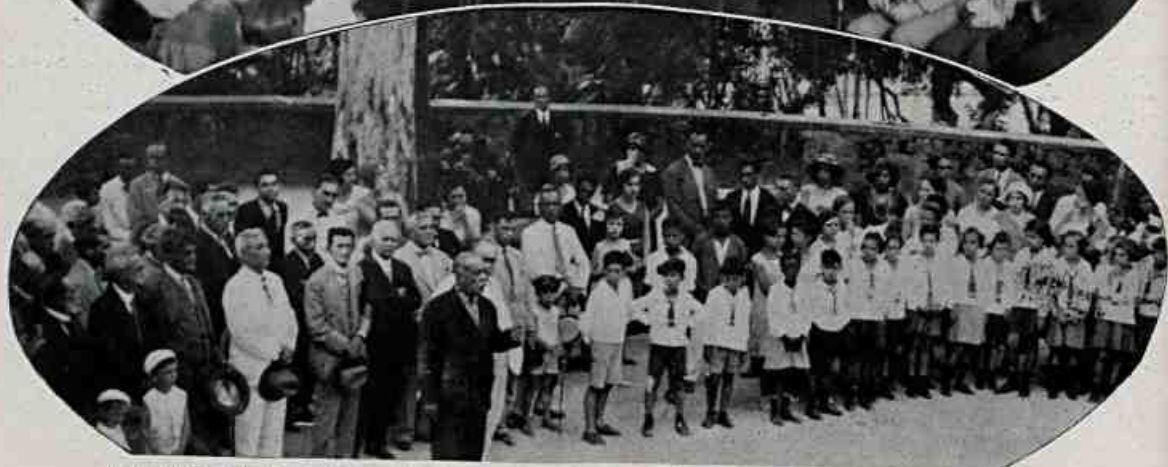
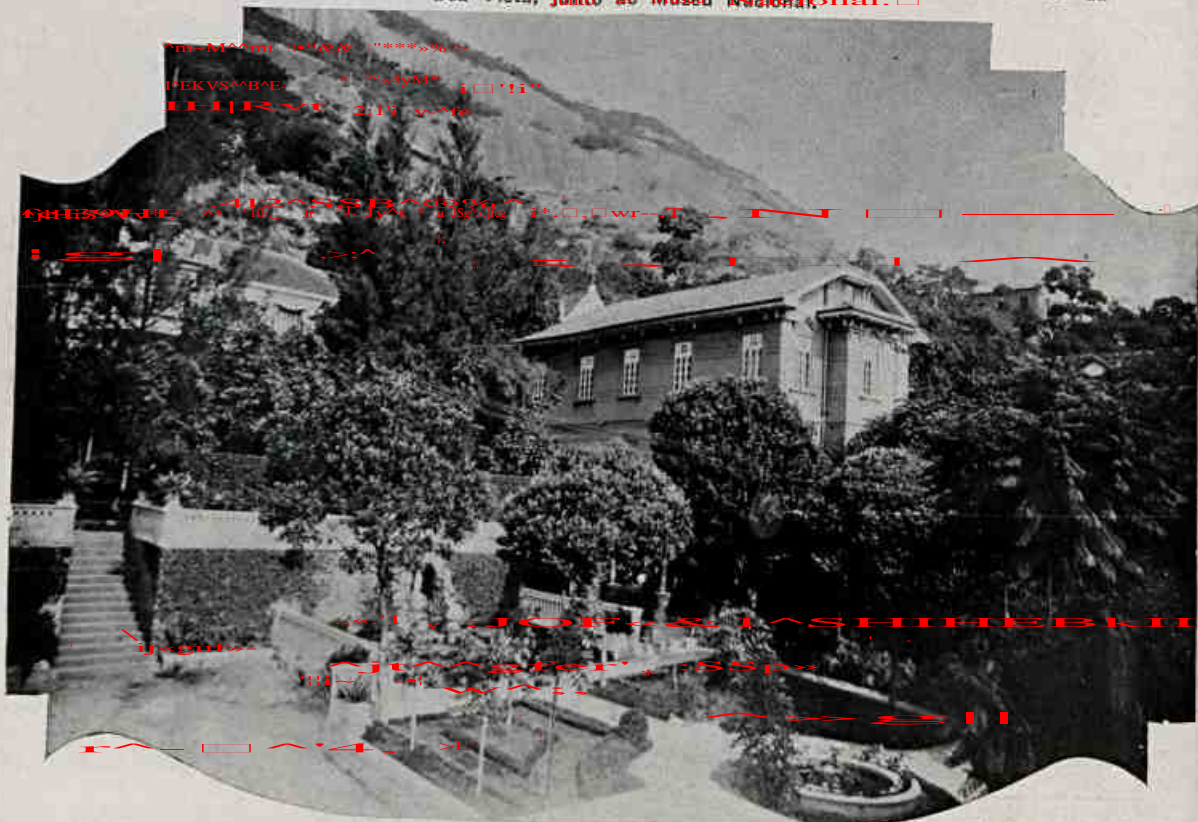
A viuva joven é a pagina vaz[ia] á espera de nova composição.

A viuva velha é a pagina já impressa á espera de distribuição.

SÉSAMO

Ao nosso confrade Mario do Amaral, que acaba de ser eleito primeiro secretario do Centro de Chronistas Carnavalescos, foi offerecido, por esse motivo, domingo passado, um almoço em que tomaram parte varios collegas e amigos do homenageado. Mario do Amaral apparece, no grupo acima, entre os drs. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e Amaral Peixoto, representante do interventor do Districto Federal, e demais convivas do agape festivo.

O dr. Mario Freire, director da Estatistica da Prefeitura do Districto Federal, em companhia das pessôas que tomaram parte no almoço que domingo passado lhe foi offerecido.

Os engenheiros civis da turma de 1921 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro festejaram com um almoço, domingo passado, o decimo anniversario de sua formatura.

Em cima: flagrante da sessão solenne realizada no edificio do Syllogeu, em homenagem á memória do conego dr. Alfredo Pereira, promovida por uma commissão de amigos e admiradores daquelle illustre sacerdote. Em baixo: aspecto da cerimonia civica commemorativa da data natalicia do marechal Floriano Peixoto, realizada sabbado ultimo, na Quinta da Bôa Vista, junto ao Museu Nacional.

O Sanatorio Botafogo é uma das melhores casas de saúde que possuimos para tratamento de doenças nervosas e mentaes, toxicomanias e dos convalescentes. Dirigido por um corpo clinico escolhido, sob a direcção dos professores A. Austregesilo, Ulysses Vianna, docentes Pernambuco Filho e Adauto Botelho, o Sanatorio Botafogo satisfaz plenamente á sua finalidade e está situado em logar aprazivel e saudavel á rua Alvaro Ramos, 177 — Tel 6-1400. A photographia acima mostra um aspecto parcial dessa importante Casa de Saúde, cujos preços de internação são modicos e vantajosos.

Depois do casamento

(Bad Girl)

Fox Movietone

Direcção: Frank Borzage

James Dunn
com: Sally Eilers
Minna Gombell

O «traço» de união.

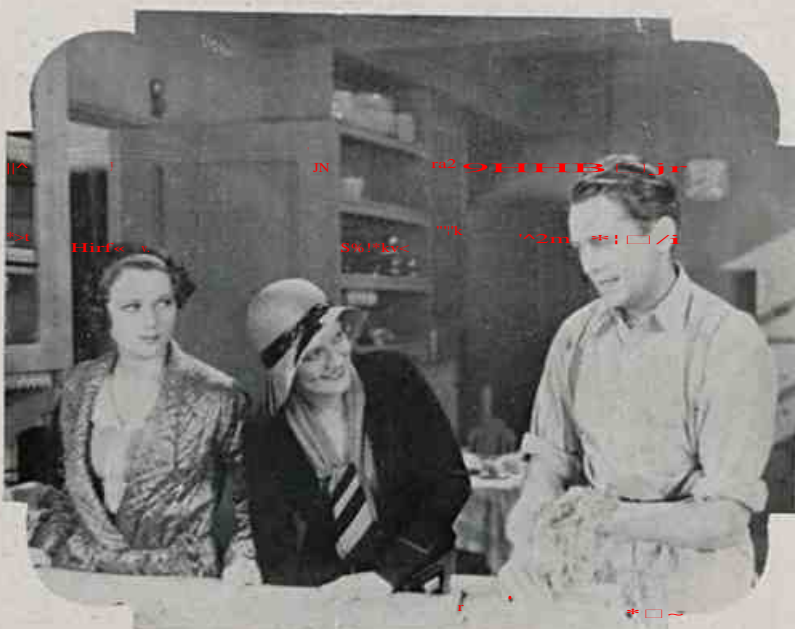
UMA historia simples de todos os dias, esta que nos vae ser contada por Dorothy Haley. Empregada num magazine, Dot tinha, como sua collega e grande amiga, Edna Griggs, cuja amizade as tornára inseparaveis. Habitando o mesmo apartamento, comendo á mesma hora, Dot e Edna eram quasi a mesma pessôa. E assim, por um radioso domingo de maio, resolveram as duas tomar parte num pic-nic, que se realizou em Coney Island.

Em meio da viagem, Dot, um espirito moderno de mulher, fez uma aposta com Edna como conquistaria um rapaz que estava só, um typo admiravel de homem, desses rarissimos exemplares, que não olham e não conquistam as mulheres. Esse rapaz era o guapo Eddie Collins, a quem Dot seduz com os seus feminis encantos.

A principio, Eddie olhou-a com indifferença; porem não tardou que, sendo homem, ao fim da viagem, considerasse vencido. Sob o pretexto de resguardar-se da chuva que cahira inclemente e forte naquella tarde de verão, Dot vae ao apartamento de Eddie, lá pernoitando. Ao dia seguinte, Dot é recebida com aspereza por seu irmão Jim, que, não acceitando explicações expulsa de casa a pobre moça, pela sua grande falta de amôr.

Eddie, que até então desconhecera o affecto sincero, sente-se apiedade pela conducta de Dot, e como verdadeiro "gentleman" promette reparar esse gesto, casando-se com ella, pois assim seria o guia e o seu amparo, sem pensar nas consequencias que poderiam advir "depois do casamento".

Casam-se, e Edna assim mesmo tem uma influencia poderosa sobre a felicidade de sua amiga, o que causa serias contendas com Eddie. Pelo seu

Mau genio.

Na casa do Gonçalo.

temperamento arredio, Dot não comprehendia a extensão de amizade do seu marido.

Desejava revelar um segredo, um segredo divino, mas receiava a maneira pela qual elle pudesse acolher essa revelação. Dot ia ser mãe, mas sabia o desagrado de Eddie pelas creanças, embora intimamente elle as adorasse e ella por sua vez tambem dissimulasse indifferença.

E nesse ambiente feliz, mas incomprehensivel, nasceu um lindo menino, que veio assim tornar um lar moderno, repleto de carinho e amôr, como um élo sagrado de dois jovens que muito se queriam, tomando agora uma vida de esperanças, sorrisos, como um espelho adoravel, exemplar da existencia da felicidade á superficie da terra!

UMA GRANDE CANTORA DA METROPOLITAN OPERA NO CINEMA

Grace Moore, uma das figuras favoritas da austera e majestosa Metropolitan Opera House de Nova York, fez a sua estréa na téla através de uma terrivel tempestade de neve. Está claro que, tratando-se de Hollywood, a tempestade era artificial, e pelo facto de ser artificial, era muito mais agradavel do que uma nevada genuina.

— Creio que eu estava sufficientemente prevenida contra os perigos de Hollywood, dizia Miss Moore espirrando e enxugando as lagrimas que escorriam dos seus cilios, causados pelo seu forte resfriado.

— Mas ninguem me havia dito coisa alguma acerca das tempestades de neve no cinema!

Isto foi no primeiro dia da sua estréa cinematographica. No segundo dia tiraram-se "close ups" com a nitidez requerida; lampadas electricas de milhares de velas devem ser dirigidas directamente sobre a cabeça de quem está sendo photographado. Nesse caso era a vez de Miss Moore.

— Sinto-me como se me tivessem assado, suspirava a joven artista, afastando-se para uma fresca penumbra do scenario. Eu agora devo parecer um perú ao sahir do forno!

Assim, com esse baptismo de fogo e neve, começou Grace Moore a sua interpretação daquella grande cantora, a immortal Jenny Lind, o rouxinol da Suecia.

Em tempo extraordinariamente curto Grace aprendeu a não olhar para a meia duzia de machinas cinematographicas, evitar o reflexo directo das innumeras luzes, e a conhecer os angulos e as distancias das machinas cinematographicas.

— Estou começando a gostar d'este assumpto de cinema, affirmou Miss Moore, no decimo quarto dia de trabalho nesse novo ambiente. A principio me parecia impossivel acabar isso com vida. Mas, como succede sempre, o que mais se gosta é aquillo que mais nos faz soffrer.

Miss Moore falava emquanto saboreava uma laranja, sentada muito commodamente num banco alto que pertencia a um dos ajudantes do operador cinematographico; a laranja lhe havia sido dada por um dos jovens operarios, o que significa que Grace Moore "pertencia ao grupo dos intimos".

Grace tem "pertencido" a muitos circulos durante os vinte e tantos annos da sua existencia. O primeiro circulo de que a joven artista se póde orgulhar foi uma humilde igreja da pequena cidade onde ella nasceu. Ali ella ensinava na escola dominical, cantava no côro, e presidia ás reuniões dos jovens iniciantes. E' difficil acreditar-se que Grace Moore, a joven provinciana que sonhava em vir a

(Continúa na pag. seguinte)

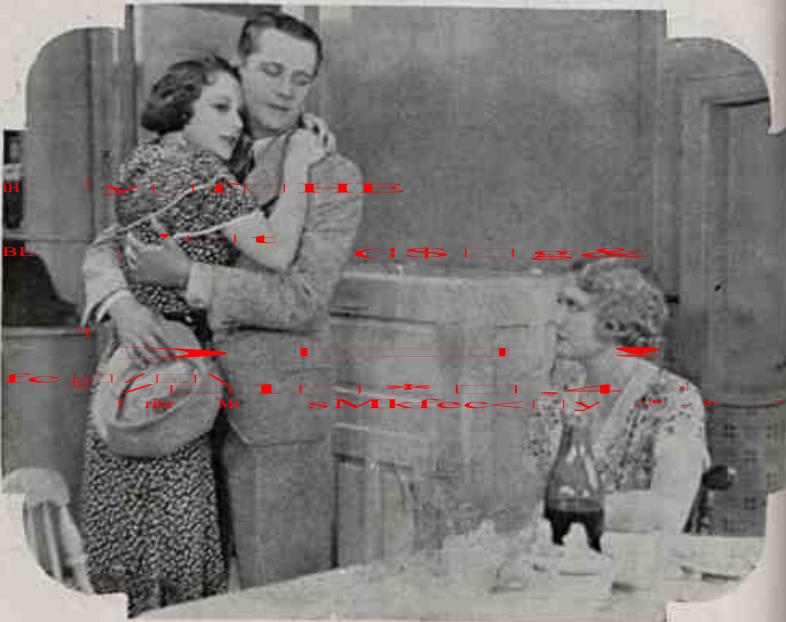
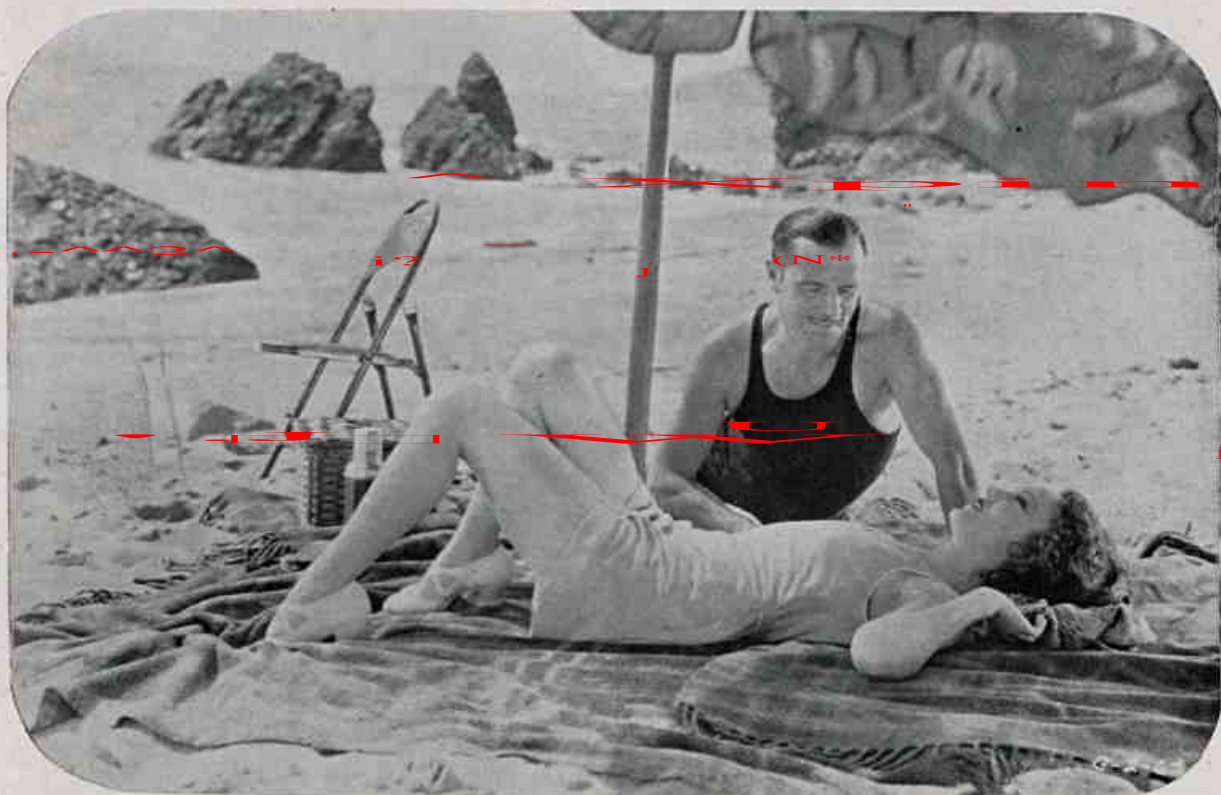
Reconciliados.

Devaneios.

DIRIGIVEL

DA COLUMBIA

Direcção de Frank Capra

com JACK HOLT — RALPH GRAVES e FAY WRAY

JACK BRANDOX, commandante do dirigivel "Pensacola" e Frisky Pierce, aviador naval, são grandes amigos. Helen, a esposa de Pierce, gosta de seu marido, mas começa a sentir a sua negligencia, porque Pierce está inteiramente devotado á sua arriscada profissão e vive atraz da fama e a ouvir os applausos do mundo. Bradon gosta de Helen, mas conserva em segredo o seu amor. Quando Bradon encontra Lois Rondelle, notavel explorador, combinam ambos um plano para chegarem ao Polo Sul por via aerea, um feito que Rondelle já havia tentado e fracassado duas vezes por via terrestre e maritima. O plano delles inclue Pierce, que atravessará de aeroplano a grande barreira de gelo do polo. O aeroplano deverá ser adaptado ao dirigivel até as regiões antarcticas. Helen apela para Bradon, afim de dissuadir o seu marido a não fazer a viagem. Depois de uma luta de consciencia, Bradon domina o amor por Helen á affeição por seu amigo, dizendo-lhe que está decidido a não leval-o. Acreditando que Bradon esteja com inveja delle, Pierce tornasse seu inimigo. A aeronave de Bradon esfrangalha-se durante uma tempestade. Fracassou a exploração. Elle é convidado a dirigir outra — "Los Angeles". Nesse intervallo, Pierce e Rondelle combinam outra expedição, a primeira parte da qual será feita por mar. Helena protesta, mas não é comprehendida e, ao perder a paciencia, determina divorciar-se de Pierce.

A expedição de Rondelle está quasi alcançando o Polo, mas, ao aterrissar afim de se fincar no chão uma

Aquella bôcca era a sua tentação.

bandeira, o aeroplano de Pierce capota e se incendeia, sendo completamente destruido. Sabendo, através do radio, do insucesso dos exploradores, Helena, ansiosamente, convence Bradon a salvar o seu marido, porque ella ainda o ama profundamente. Resolvendo assegurar a felicidade della e sacrificar os seus proprios desejos, Bradon pede á marinha permissão para levar o "Los Angeles" em busca de Pierce. Localiza e salva o seu amigo, que está meio louco e cego em consequencia dos desastres soffridos. Pierce, em companhia de Bradon, volta á civilização, onde dispensa todas as homenagens que o estão esperando. Com a esposa ao lado, elle recorda que o seu novo e grande amor nasceu nas regiões antarticas, quando tinha a morte junto delle e comprehendia que o amor de sua linda esposa ainda subsistia.

UMA GRANDE CANTORA DA METROPOLITAN OPERA NO CINEMA

(Continuação)

ser uma missionaria e embarcar para a China, viesse ser a mesma mulher que chegau a Hollywood no seu automovel particular, e que era esperada por uma multidão dos studios, photographos, artistas reporters e uma quantidade de flôres.

Grace Moore é realmente uma creatura extraordinaria. Tem um aspecto cosmopolita; mas ao mesmo tempo parece uma simples provinciana, a cantar em Paris,

Perdidos!

Ciumes.

Vienna ou Nova York. Isto constitue uma grande parte do seu encanto; e a peculiar curva do extremo de seus labios, que parecem sempre a ponto de abrir-se num sorriso.

— Durante a guerra, a minha familia enviou-me para um collegio de Washington afim de terminar meus estudos e iniciar meu curso de canto. No collegio senti grande vontade de entrar para o theatro. Até então havia sido o meu ideal dedicar a minha vida ás missões. Escapei, portanto de accordo para a norma estabelecida para as meninas que querem trabalhar no theatro. Cheguei a Nova York com outra companheira de collegio, e principiamos a andar pelos departamentos de elencos. Finalmente, contrataram-me para cantar numa companhia ambulante. A empresa quebrou; e, sem pagar-nos o salario, deixou-nos apenas com a passagem para Nova York. De accordo tambem com a norma, passei mezes e mezes procurando collocação, sem encontrar mais que trabalhos ligeiros aqui e ali. Eventualmente fui parar num theatro da Broadway, fazendo o papel de prota-

(Conclue na pag. seguinte)

Queria lêr-lhe nos olhos o pensamento.

UMA GRANDE CANTORA DA METROPOLITAN OPERA NO CINEMA

(Conclusão)

gonista numa comedia musical.

A comedia musical não satisfazia a nossa heroina, comtudo. Passando por deante dos escuros e austeros muros da Metropolitan Opera House, suspirava ella por acharse ligada com essa grande instituição. Cantava todas as noites em frente ás luzes scenicas de um theatro de Broadway, sorria aos applausos, e ia então para casa sonhar com os seus "triumphos operaticos..."

— Por fim, consegui arranjar uma audição com o director Gatti-Cazzaza. Foi uma decepção. Disseram-me que eu não servia para a opera, que o melhor que podia fazer era esquecer os meus sonhos e esperanças de vir a cantar opera algum dia. Creio que essa noite a mais infeliz de toda a minha vida, sorria Miss Moore, recordando-se daquelles tempos. Mas decidi que não abandonaria os meus sonhos sem fazer outra prova. Fui á Europa e estudei dia e noite, desistindo da minha carreira na comedia musical afim de arriscar uma gloria incerta.

O resto já é sua historia musical. Ella deu uma segunda audição em Milão, e assignou um contracto com a Metropolitan Opera Company. Alguns mezes depois cantava em Nova York, na Metropolitan Opera House ante uma selecta e enthusiastica assistencia, e teve a satisfação de sentir que havia realizado os seus sonhos. Foi então cantar na opera de Paris. Em Paris, a alta e delgada menina do côro daquella igreja provinciana, transformava-se na mulher culta, elegante e refinada de hoje.

Com a mudança rapida da sua vida nestes ultimos annos, Grace Moore adaptou-se depressa á rotina de Hollywood. Mora numa casa baixa, alva, de estylo hespanhol, no alto de uma collina perto de Culver City; e passa os dias de descanso numa casinha de campo na praia de Malibu, inspirando-se nas aguas azues do Pacifico.

— A parte mais difficil da minha adaptação ao cinema tem sido em acostumar-me a mudar de horas, disse, rindo-se, Moore. Aqui durmo ás nove e levanto-me as sete para estar no studio as oito em ponto. Mas, apesar de tudo sinto-me feliz em ir para a cama as nove depois de passar um dia inteiro sob aquellas luzes!

Nesse momento chamaram-n'a avisando-lhe que se aprompdasse para entrar em scena. Tendo acabado de saborear a sua laranja, Grace Moore deslizou por traz das paredes de lona do improvisado camarim no scenario, seguida por sua creada negra, da cabelleireira e da mulher que lhe fazia a maquillage. Poucos momentos depois apparecia de novo, vestida com uma larga saia bem rodada de tafetá, do estylo usado em tempos idos.

Ao longe, num canto do scenario sonoro uma orchestra symphonica executava uma melodia suave. Grace Moore sentou-se, emquanto o fogo de uma enorme chaminé jorrava movediços reflexos sobre o seu traje de côr de orchidea. E começou a cantar em frente aos microphones. Todos no scenario, directores, inspectores, musicos, electricistas, carpinteiros e mechanicos escutavam aquella maravilhosa voz como se fossem o seu proprio publico de Nova York, Paris ou Milão.

Quando ella terminou, ouviram-se muitos applausos espontaneos e calorosos, despertando écos extranhos no scenario sonoro. Grace Moore agora "pertence" realmente a Hollywood.

FIOS DE PRATA

Quando elles vêm, como delgados fios
De prata, aos olhos tristes despontando,
Desde a tarde da vida. E, fugidios,
Vão-se, qual bruma, os sonhos dissipando...

Do passado aos caminhos erradios,
Volto. Que sói! Que vida illuminando
Tudo! No emtanto, pobres atavios,
Mostras que a tarde já me vae chegando!

Primaveras em flôr! Manhãs doiradas!
Eterna symphonia da saudade
Acordando illusões já sepultadas!

Cantae na voz do carrilhão que plange
Na torre azul de toda a mocidade
Que o declinio da vida me confrange!...

ALCIDES MAIA

Novidades Literarias da Europa

O XIX seculo, que foi prodigo em genios para a França, vem de ser consagrado pelas edições *Les ouevres representatives* em uma esplendida, detalhada collecção de 21 volumes, em todas as suas manifestações — Poesia, Theatro, Romance, Critica, Historia, Philosophia, Ensaios, Estudos scientificos, Religiosos, Jornalismo e Viagens. Cada volume é consagrado a uma escola ou a um movimento geral, e escripto por um especialista, critico de renome ou universitario, contendo ainda uma anthologia com os textos mais importantes e caracteristicos. Essa collecção, sob a direcção de Rene Lalou, é vendida a 12 francos o volume e está obtendo enorme successo.

A 23 de abril ultimo, dia do anniversario do nascimento de Shakespeare, o principe de Galles inaugurou o theatro construido em Stratford-sur-Avon, que é um monumento consagrado á memoria do grande poeta.

No dia 15 de março ultimo, o "famoso" F. T. Marinetti, da Academia Italiana, que todo o Brasil conhece, realizou, na Galeria de la Renaissance, uma conferencia sobre a *Aeropoesia*, declamando *Novos poemas* de sua lavra e dedicados a essa escola *Aerea*. A dançarina Wy Magito, primeira bailarina, do Theatro de Pantomina Futurista, interpretou, pela primeira vez em França, as suas *Aerodanças*, sem musica. Os jornaes francezes commentam o acontecimento com enorme ironia e dizem mesmo que o maior auditorio foi de aviadores, esperando-se que, na proxima conferencia do sr. Marinetti o ministro do Ar seja convidado.

Lucien Rolmer foi, com Joachim Gasquet, um dos grandes lyricos que a França perdeu com a guerra. Seu livro *Les chants perdus* vem de apparecer, editado por Messein e organizado por Desthieux. Um grupo de poetas francezes vem de se reunir afim de cultuar a memoria e a obra desse mavioso lyrico, que foi, tambem, um romancista de excepcional valor e popularidade.

L'Avenir d'une illusion é o novo livro de Freud, que vem de apparecer com enorme estrondo em Paris, por tratar da questão religiosa.

A recepção do general Weygand, eleito para a Academia Franceza na vaga de Joffre, que tinha sido fixada para 21 de abril, foi transferida. Com effeito, aquelle illustre academico, actualmente em tratamento no Val-de-Grace, deverá breve embarcar para o Midi, afim de ali passar a sua convalescença, não devendo voltar a Paris sinão em fins de maio. A recepção de Pierre Benoit, o successor de Georges Porto Riche, será 15 dias após a posse do general Weigand. A eleição para a vaga do poeta Charles Le Goffic recentemente fallecido, só terá lugar em junho.

Franc Nohain consagra ao romance francez um excellente estudo no "Echo de Paris": "Em quinze dias, — diz elle, — tivemos varios e excellentes romances. "Le Cercle de Famille" de André Maurois; "Sabine", de Jacques Lecretelle; "Le Chateau des Brouillards", de Roland Dorgelès, e "Noeud de Viperes", de François Mauriac. Isto é um symptoma magnifico e prova de sobejo que o excellente romance francez ainda não morreu, como querem alguns demolidores.

O livro pedagogico, que pudesse servir de guia, ou influir na educação das crianças, que fosse de utilidade aos paes, estava quasi que esquecido em França. Dahi o exito que vem de obter "Bec á Bec" ou "Le Bonheur d'Apprendre", de Mme. Suzanne Benyamine, um livro de grande utilidade e que a imprensa recebe com expressivos applausos.

Por occasião do centenario de Goethe, o museu de artes plasticas de Leipzig organizou uma exposição consagrada a "Goethe e á arte da livraria". Assim se vêm, num excellente conjuncto, as mais bellas edições das obras do grande poeta, publicadas nestes ultimos trinta annos, tanto na Allemanha como no estrangeiro. A Bibliotheca Nacional de Paris e outras bibliothecas de quasi todo o mundo enviaram as edições de luxo publicadas em suas linguas, inclusive a China, Japão e Persia a India e o Egypto, o que é verdadeiramente admiravel. Uma outra parte dessa exposição que despertará attenção é a secção creada para 50 artistas allemães e numero indefinivel de estrangeiros, que apresentarão, cada um, uma illustração ou desenho, pintura ou gravura, sobre creações de Goethe.

BRICIO DE ABREU

Arnaldo Tabayá — BADU' — Editora Guanabara — Rio — 1932 — 5$

UM romance que assignala uma estréa mais que auspiciosa, pois revela o apparecimento de um escriptor de classe.

O volume é precedido de algumas palavras de Afranio Peixoto: "Sem querer comparar, lendo-o, lembra-me que, si Machado de Assis não tivesse nascido velho, si podesse esquecer os seus classicos, si fosse moço e rebelde algum dia, bem poderia escrever um livro assim... Um livro de ternura e de reserva, de amôr e de piedade, de saudade e de consolo, um belo livro novo como esta *Badú*, doce fruta brava do Norte que Arnaldo Tabayá provou e não póde mais esquecer, como acontecerá aos seus leitores, a principiar por mim."

De inteiro accôrdo com o querido Mestre.

Rabindranath Tagore — O GITANJALI — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

GUILHERME DE ALMEIDA traduziu este lindo poema de Tagore, cujo espirito animado de belleza já é bastante conhecido no meio literario brasileiro.

O mystico poeta da India encontrou um traductor digno em Guilherme, que soube conservar as caracteristicas da obra.

O *Gitanjali*, como *Naivedym*, do mesmo autor, é um poema delicioso.

Zuleika Lintz — PRELUDIO — Edições Pongetti — Rio — 1932

Na praia, a agua tremula serpenteia,
Em fremitos divinos se incendeia
Sob o clarão solar.
Luminosa, a manhã
E' uma deusa pagã
Reclinada no collo amoroso do mar...

A areia, branca e morna,
E' o véu nupcial com que a manhã se adorna
Em languida delicia.
O mar, em seu lyrismo de selvagem,
Faz de cada meneio uma homenagem,
Uma verde caricia...

....

Parece que andei acertado, trazendo o livro para a praia.

Deante do mar de Copacabana, entro em contacto com mais um bello espirito de mulher, o que, para mim, constitue um doce enlevo. A primeira surpreza, recebo-a com certa emoção. Estou quasi maravilhado!

A manhã resplandece!
O mar tem arremessos de alegria
E convulsões de amor!

Presinto que o livro não é de uma creatura vulgar. Trata-se de uma poetisa espontanea, de larga imaginação.

Leio *Ritornello*:

Ha o brilho sem par do dia
Nas aléas do jardim.
Ha uma esplendida alegria
Não sei se nelle ou se em mim...

Ha sombras da noite escura
Nas aléas do jardim.
Ha um soluço de amargura
Não sei se nella ou se em mim...

Depois de umas paginas ingenuas, candidas, este grito magnifico:

Amo o fogo, amo todas as potencias
Rebeldes e indomaveis,
Que escapam a tyrannicas influencias!
De essencia una e immortal,
Como a vaga, a avalanche, o vendaval!

Amo o fogo porque, no seu clamor,
Freme o orgulho incontido de vencer.
Minh'alma, sê fogueira!, e, a teu calor,
Posso tudo cantar, fremir, viver!

Prosigo a leitura:

Era uma vez a perola redonda
Que, no fundo do mar, calma, dormia.
Tanto e tanto a agitou, inquieta, a onda
Que a pobre á praia foi rolar um dia.

Era uma vez um grande e nobre Amôr
A transbordar de um coração feliz.
Tanto o feriu a lamina da dôr
Que o Amôr fugiu — ficou a cicatriz.

Ahi estão alguns fructos colhidos ao acaso. Fructos sazonados, macios, avelludados como pecegos... *Preludio* é um livro que espelha uma alma. Alma de mulher creança, ainda, que vive em perenne deslumbramento.

Aqui e ali, um pequenino senão, sem maior importancia, mas, ha de se reconhecer, na poetisa que surge, uma esplendida affirmação de talento para o verso.

Zuleika Lintz sabe expôr o que sente, de maneira encantadora. Ha vibração no seu verso, eis tudo.

Fecho o livro, porém me fica no ouvido este canto:

A Noite vence! A Noite é soberana!

E eu fico, muda e só, braços em cruz,
Numa saudade mystica da luz...

A CURVA PERIGOSA

TENHO tanta coisa a dizer-te que não sei como começar, minha querida mãesinha. Deixo, assim, que a penna corra livremente, á vontade dos meus pensamentos.

Antes, porém, desculpa-me ha muito não te enviar noticias minhas. Deixei-te, em Aix, sob a intensa commoção que te causava a minha partida. Não esqueço nossa velha casa da rua Mirabeau. E a contemplação constante da estatua do rei Renato certo não te distrahirás grande cousa.

Disseste-me, então: "Sê prudente, meu Octavio e lembra-te sempre de que és o unico filho sobrevivente dos oito que tive."

— Não esquecerei nunca isso, querida e adoravel mãesinha!

— Desejava não ter nenhuma inquietação, mas não posso vencer a minha emoção. Quando escuto o ruido da tua horrivel machina, torno-me de angustia e estremeço como se estivesse em frente de um perigo mortal. Teu *brevet* de mecanico- chauffeur, não me trouxe nenhuma alegria. Tenho medo.

— O que chamas minha "horrivel machina" é um soberbo carro de vinte e quatro cavallos, um lindo e elegante Dion-Bouton, ultimo modelo, realmente encantador, em que ainda espero fazer-te passear, um dia.

— Nunca, nunca.

— Verás, mãesinha...

— Não, não entrarei nelle.

— Sim.

— Não, já te disse.

— Está bem... Está bem. Um dia, veremos. Agora, vou a Manosque visitar meu amigo Renoux, que está em férias. Nós dois subiremos a Riez via Gréoulx.

— A Riez e por Greoulx, de auto?

— Por que não?

— Apenas, meu querido louquinho porque isso é impraticavel.

— Estou certo do contrario.

— Uma estrada em constante aclive, em serpentina, pedagosa, trahidora, margeada de horriveis precipicios.

— Mas é muito larga.

— E a volta da rampa?

— Que rampa?

— Um pouco acima de Greoulx, a estrada faz uma curva muito brusca. A' esquerda, a montanha, á direita, um precipicio, um abysmo insondavel. Ha alguns annos, teu pae e eu passámos por alli. Contaram-nos um sem numero de desastres occorridos naquella perigosa passagem. Ah! meu Octavio, comprehende, sê sensato!

— Nada receies, mamãe. Não te lembres nunca das passagens perigosas, nem na estrada de Riez, nem em qualquer outra. Sou o homem mais calmo deste mundo. Manejo o auto ha seis annos. Acredita: para mim não ha perigo."

E parti, mãesinha. E já ha tres semanas estou longe de ti, que deves andar profundamente inquieta e afflicta. Esta carta, porém, vae reanimar-te e tranquillizar-te inteiramente.

Cheguei á Manosque sabbado, ás 4 horas. No dia seguinte, pela madrugada, eu e João estavamos de pé, já prestes a iniciar a nossa excursão. A senhora Renoux, assim como tu, tambem nos falou da curva perigosa. Rimos ambos. "Decididamente, disse João, esta preoccupação das curvas é uma doença das mamães!"

Ás 10 horas estavamos em Gréoulx. O hotel é ainda o mesmo que me descreveste. Uma casa hospitaleira e alegre, muito linda e pitoresca, encravada no meio de um panorama admiravel. Uma curta parada de uma hora e pouco e, *fon-fon!*, tornamos a partir.

João e eu estamos loucamente alegres. A estrada sobe, sobe, pedregosa, estreita, cinzenta.

Algumas arvores sombreiam o caminho, aqui e alli, mas o conjuncto é cheio de sol, muito claro, muito scintillante. O ambiente é todo embalsamado pela fragrancia das arvores das flôres sylvestres. Faz um calor abafado, calor caniculár de meio dia em plena estação da colheita das searas loiras. E fazemos não sei que milhas, a hora, esquecendo nossas mamães, nossas promessas, nossos habitos de prudencia. João, sempre, divertido, ri a bom rir e diz:

— A curva perigosa! E' agora!

Muito tarde. Attingimol-a... Um momento de intraduzivel emoção... e atravessamol-a sem incidentes. De repente, porém, na nossa direcção vejo um cyclista. Oh! a horrivel visão!... Em um segundo um drama pavoroso, deante dos meus olhos angustiados...

Vejo cahir o cyclista e lembro-me dos desastres de que falaste. Solto um grito e, violentamente, em risco de espatifal-o, freio o meu carro...

. . . .

O cyclista viu o perigo e, perdendo todo sangue frio, fez uma manobra desastrada. Fomos encontral-o sem movimento, á margem da estrada muito estreita, a dez centimentros da rampa que dá para o abysmo...

Apressamo-nos em soccorrêl-o. O chapéosinho de palha muito fina cahira-lhe da cabeça e vimos de subito uma magnifica cabelleira loira! Era uma mulher! Ergui-lhe a cabecinha doirada e amparei no meu hombro.

Ugy Mario

Sim, mamãe, era uma mulher e que linda creatura! Uma joven adoravel, encantadora que, voltando á si, recuperando os sentidos momentaneamente perdidos, murmurou com uma voz melodiosa como um canto:

— Obrigada, senhores. Sou a senhorita Richard, filha do senador. Moramos em Ricardelles, o pequeno castello de que se vê daqui apenas o terraço.

Minha familia terá muito prazer em recebêl-os, se quizessem ter a bondade de me levar á casa, porque a bicycleta está em lamentavel condição. Certo, dispensar-me-ão esta attenção, bem captivante...

— Seria revoltante, se não o fossemos depois do susto que lhe causámos por nossa culpa.

— Por culpa dos senhores?

— Infelizmente, sim, senhorita. Vinhamos em marcha vertiginosa, justamente quando a deveriamos ter diminuido o mais possivel... Deploramos a nossa insensatez que quasi custa a vida a...

— A uma moça. Mas... *tout est bien qui finit bien*... Estou alegre e satisfeita por poder levar a Ricardelles, quasi sempre sem visitantes, dois hospedes para... alguns dias, não é...?

— Oh?

— Verão como se darão bem em nossa casa! Sentir-se-ão bem e á vontade! E ambos os senhores têem um ar muito bom!

Muito bom! Só isso?

Não sei porque fiquei chocado com a impressão que lhe produzi.

Abrevio, mãesinha, senão minha carta vae a volume...

Fomos recebidos de braços abertos em Ricardelles. O sr. Ricard passa na sua propriedade todo o tempo que consegue roubar ás suas funcções senatoriaes. A senhora e a senhorita Ricard raramente vão a Paris. São, ambas, excellentes creaturas, em todos os sentidos: bôas, alegres, meigas, simples, trabalhadoras. Têem os teus gestos, as tuas idéas, os teus principios...

Quando Helena canta (ella se chama Helena, mãesinha!) a aria de Lakmé, "Pourquoi dans les grands bois", dá á physionomia a expressão ardente e recolhida que tanto admirava em ti, quando pequenino, pedia-te: "Canta, mãesinha, para que eu veja tua physionomia de artista!"

Será preciso dizer-te mais, para explicar-te que pedi a mão de Helena?

Não, sem duvida, porque teu terno coração já terá adivinhado, sentido e comprehendido o segredo do coração de teu filho.

Sim, mãesinha, adivinhaste: amo Helena e seus paes concedem-me sua mão. Apenas esperamos senão o teu pedido official para celebrar nosso noivado.

E tu vaes vir bem depressa, não é? Não só porque Helena é linda, graciosa, bôa e rica, como tambem porque desejos muito, de todo teu coração, a felicidade do unico sobrevivente "dos oito filhos que tiveste".

Os campos, sob o sol de fogo, espalham reflexos de esmeralda scintillante. As copas verdes das arvores agitam-se suavemente. Tudo brilha, scintilla e sorri.

Amo-te, mãesinha adorada. Beijo-te... Espero-te... Sou feliz e estou louco, louquinho, como dizes.

Assim é a vida, minha querida mamãe. Eu, o celibatario inabalavel, pelo amôr; eu que cheguei aos trinta annos tendo no coração um sagrado horror pelo casamento, eis-me tornado em fogo, em chamma, e para sempre.

E o unico culpado de tudo isto, de todo este adoravel desastre, foi a curva, a perigosa curva do abysmo. E só ella, mãesinha, conseguiu vencer o meu tenaz e ridiculo capricho.

Mas, como sempre, tinhas razão, mamãe querida: essa curva, era mesmo uma curva perigosa...

VERDADE SEJA

Abriu-se uma janella em meu destino.
E ella que era um casarão sombrio
por onde, ás vezes, no ambiente frio,
passava o tempo cauteloso e fino...

E vêm-me umas saudades de menino,
um não sei que no coração vazio
que eu me fico a sonhar horas a fio
pela janella azul do meu destino.

Ali a claridade é illimitada.
Luz da vida não tem, mas sob a treva,
da luz que ali não tem, surge, encantada,

essa outra luz que falta a quem mal vive
como eu, conforme vou, e Deus me leva
atraz dessa ventura que não tive.

ESDRAS-FARIAS

ATRAVEZ DA TEMPESTADE

ENQUANTO o Mediterraneo bramia, sob o peso da horrivel borrasca que o sacudia, a galeota *Phrynea* se abrigou numa pequena bahia apertada entre rochedos de porphyro. Estavamos a bordo desta pequena e linda embarcação, que era o unico domicilio do seu proprietario, Wlademir Salf, singular personagem que espero melhor conhecer para melhor poder falar a seu respeito.

Ninguem sabe de onde veiu tal homem. Seu nome e seu prenome nada significa.

A lenda que corre a seu respeito diz que elle, por occasião dos celebres massacres de Odessa, prestou grandes serviços a varios milionarios britannicos, transportando seus capitaes para a Inglaterra, e restituindo-os integralmente. Foi em Londres que elle iniciou sua vida como gerente de *music-hall*, negociante de prazeres, etc. Depois, correu o mundo, lançando casinos, animando as partidas, emprestando o dinheiro que não tinha, mettendo-se em mil negocios mais ou menos clandestinos, sobretudo onde houvesse mulheres a vender e homens a comprál-as.

Sua fortuna, porém, data de 1926, quando a quéda do franco tantos males causou á vida financeira da França. Foi nessa occasião que Salf encontrou a sua bôa sorte.

Fundou seus primeiros jornaes, que não passavam de gazetas, creadas particularmente para informar a élite turistica em viagem mundo afóra. Escriptos em inglez, habilmente illustrados, obtiveram logo exito incontestavel, alcançado talvez, mais ainda, pela ameaça da "chantage" em torno dos milhares de viajantes espalhados por toda a parte. E' preciso notar que esta ameaça nunca chegou ao escandalo. Todos os seus magazines elle os dirigia com uma admiravel displicencia, sem abandonar seu hiate, sem interromper seu cruzeiro, sem faltar ao seu unico amôr, o que tinha pela sua galeota *Phrynéa*.

Assim, eramos seus hospedes neste primeiro dia de março de 1932, pelas cinco horas da tarde, á hora mesmo em que deveria terminar, em todos os portos das ilhas britannicas este cruzeiro de navios que buscavam attingir o Reino Unido antes que ahi fosse abolido o regimen do livre cambio. Cruzeiro bastante tragico, porque a tempestade bramia tambem sobre o oceano.

Vinham de trazer, nesse momento, a Wlademir Salf, os despachos das agencias que relatavam as peripecias da "corrida".

Elle leu esses telegrammas, caminhando de um lado para outro, no pequeno salão onde parecia sentir-se tão á vontade.

— Muito excitante! *shocking!* disse, jogando os despachos sobre a mesa.

Salf não gosta muito de falar e quando o faz é em voz lenta e abafada. No emtanto, é um excellente *conteur*, á maneira dos inglezes, como nos ia dar a prova.

— O que vou contar, occorreu ha tempo, disse, sentando-se, a olhar para as unhas tratadas, em que a arte da manicure conseguira disfarçar um pouco a vulgaridade de seus dedos.

"Tinha alugado um navio e compra uma carregação. O negocio seria magnifico si se conseguisse chegar ao porto de destino antes que os direitos soffressem uma majoração, a ser estabelecida, de cento por cento. E eu era o unico a saber disto. Não, propriamente, o unico porque puzéra a par disso a unica mulher que fui tentado a amar na vida. Talvez a tenha amado verdadeiramente. Era bella, uma belleza fascinante! Supponho que ella queria ligar a sua vida á minha porque se decidiu a acompanhar-me nesse pessimo cargueiro. E, mesmo, jurava pelo céo e pelo inferno que não poderia viver sem mim. Navegámos, então, dez dias em plena lua de mel. Tambem o commandante do navio conhecia um pouco o fim da viagem. Não tanto, porém, para poder comprehender todo o meu plano. Havia bastante dinheiro a ganhar e assim o commandante como a equipagem estavam bem satisfeitos. Os machinistas e foguistas trabalhavam alegremente.

Estavamos com algumas horas de avanço sobre o tempo previsto quando nos alcançou uma tempes-

CAIXA DE

UMA CURIOSIDADE — Quem ouve primeiro?... O que occupa um logar no paraiso de um theatro ou o que houve a opera por meio de um receptor radio- telephonico, a 800 kilometros de distancia?

Por mais estranho que pareça, ouve primeiro quem está mais longe.

Com effeito, o espectador do "paraiso", situado mais ou menos a 50 metros do palco, ouve a musica ou as palavras 0"14 depois de sua emissão, considerando-se que o som tem uma velocidade de 340 metros por segundo.

Por outro lado, o microphone transmissor, que está muito perto dos artistas, recebe o som quasi que instantaneamente. Como as ondas hertzeanas teem uma velocidade de 300 mil kilometros por segundo o receptor do auditor que estiver a 800 kilometros de distancia, recebe estas ondas tres milesimos do segundo depois de sua emissão. Assim quem está ao lado

De Binet-Valmer

tade. Conheci muitas na minha vida, mas como esta nenhuma. Apesar disso, durante ainda dois dias, contámos alguma vantagem e a minha querida Gladys não chegára a enjoar. Mantinha-se, mesmo, indifferente ao perigo que corriamos. Achei-a admiravel e dei graças ao Senhor por m'a ter concedido. Estavamos, porém, a um dia de viagem do porto a que nos destinavamos quando a tempestade redobrou de violencia. Foi um horror! Um tufão, um verdadeiro tufão desencadeado! O que estaes ouvindo zoar, agora, nestes rochedos é um chôro de bébé comparado com o que, então, nos foi dado ouvir. Mas, bebamos mais um whisky!

E o wisky correu, de novo, a roda.

— Esse pavoroso espectaculo decidiu — disse Salf, continuando — a sorte da minha vida sentimental e da minha fortuna. O commandante entrou na cabine onde a minha terna Gladys me jurava um amôr eterno. E' agradavel ouvirem-se juramentos dessa natureza sobretudo quando se corre perigo de vida. "Desejava falar-lhe, sir!", disse-me o commandante e fez-me signal de acompanhál-o. Era grave, eu já o previra, a nossa conversa. A borrasca barrava-nos a marcha: "Dez probabilidades sobre cem, senhor, de chegarmos a tempo e noventa de irmos a fundo!"

Eram aquellas realmente as condições do problema, de que eu iria ser juiz. O commandante era o senhor a bordo do seu navio, mas humildemente me delegava seus poderes, porque elle e toda a sua tripulação estavam collocados entre o appetite do ganho e o instincto da conservação. Mas eu, a quem elle escolhia para arbitro, estava sob a depedencia de uma terceira força, porque eu amava ou julgava amar Gladys, de quem me tornára uma especie de creado amoroso.

"Si fugirmos da tempestade, disse-me o commandante, respondo pelo navio." Elle, em tal hypothese, porém, perdia apenas o que ia lucrar, o premio que lhe promettêra, mas eu teria perdido tudo o que possuia, pois tomára dinheiro emprestado para preparar aquelle emprehendimento.

Apaixonado, creado amoroso que era, disse ao commandante: "Mas sou tambem responsavel por esta mulher. Ella é quem vae resolver."

Expliquei a Gladys a situação verdadeira. Quando, porém, lhe disse tudo, fazendo-a comprehender o que ella ainda não tinha comprehendido; quando lhe demonstrei que tinhamos apenas dez probabilidades, contra cem, mas que essas dez probabilidades de salvamento nossa unica felicidade, ella largou a gritar, como um porquinho que se estivesse sangrando. Como ella foi "disgusting!" Tive, porém, paciencia bastante, apesar de não haver tempo a perder: "Si me amas é preciso arriscares-te por mim, a quem mil vezes, disseste, darias a tua vida... Si amas o dinheiro e o que elle proporciona, é preciso tambem te arriscares.... Si não me amas, nem o dinheiro, nem a situação que elle nos proporcionar, que é que amas?...." Era um raciocinio solido, mas ella continuou a soltar seus gritinhos de porquinha choramingas. O commandante escutou e foi entrando na cabine sem ter sido chamado. Eu, além do mais, sentia-me humilhado. Ella dizia: "O que quero é viver! Viver".

Queria viver a sua miseravel, pobre, vida de mulher sem honestidade e sem esperanças, e isso era-lhe tão precioso que sequer não desejava arriscar nas dez probabilidades de exito que a sorte lhe dava a jogar.

— Que resolveu, sr. Salf?

Fechei a porta do camorote onde se achava a porquinha choramingas e disse ao commandante: "Rompamos a tempestade!" E vencemol-a; attingimos o porto a tempo; o commandante e a equipagem tiveram o seu premio e eu... eu ganhei. Puz para fóra a mulher que não queria senão viver sua miseria de vida e livrei-me, para sempre, da estupida idéa de ligar qualquer outra á minha propria vida... Bebamos mais um wisky...

SURPREZAS

do alto-falante ouve os sons um pouco antes do espectador que se acha no theatro.

•

OS PHARÓES E OS PASSAROS — Os pharóes são um dos maiores inimigos dos passaros. Estes, attrahidos pela sua luz, chocam-se contra os seus vidros, morrendo.

Numa noite de outubro, no Cabo Guis Nez, morreram ao redor do pharol ahi existente mais de cinco mil passaros. No pharol de Belle-Isle foram apanhados, uma tarde, cerca de 3.200, havendo entre estes algumas gaivotas pequenas. E não ha muito, no pharol de La Coubre, encheram-se uma porção de bolsas com cerca de 7 mil.

O pharol de luz intermittente é menos nocivo aos passaros que o de luz fixa, porque, no intervallo da projecção da luz, o passaro pode nortear-se e mudar de rumo.

A Ressurreição de Quasimodo

(CONCLUSÃO)

Com o gesto e a voz, a mulherzinha imitava o tremor do soldado forçado a apoiar a marcada irreverencia do cabo:

— *Brigadier, repondit*
Pandore,
Brigadier, vous avez raison.

O patrão, francês baixote e gordalhufo, commentava, então, a modinha antiga:

— *Mesdames et messieurs*. Esta canção é uma das mais celebres canções da França. O famoso *Chansonnier* Gustave Nadaud fê-la para por em ridiculo Napoleão III, que estivera preso, levado pelos gendarmes, na fortaleza de Ham. Um dia, com grande espanto e medo, ele se viu preso por dois policiais a cavalo um cabo e um soldado, que o conduziram ao jardim das Tulherias. O imperador esperava-o com alguns dos seus intimos. Bateu no hombro do poeta, que tremia, muito palido, e pregou-lhe ao peito a cruz da Legião de Honra, dizendo:

— Um soberano deve premiar o talento sem distinção de côr politica e sem se lembrar dos agravos pessoais.

A freguesa aplaudiu. Eu resmunguei para um dos meus amigos:

— Nós sabemos como os tiranetes de quotidiano que recompensam a inteligencia que não vai á sua missa...

Agradava-me aquele cabaret semi historico, tradicionalista e até folclorico. Por mim ficaria algum tempo ali, bebericando o perfumado Armagnac que se despejava duma *dame-jeanne*, garrafão da altura de metro, carregado por dois criados. Mas o jornalista carioca propôs:

— Vamos acabar a noite em Montmartre, no Fetichef...

E assoprou-nos aos ouvidos uma informação secreta, que nos fez arregalar os olhos.

— Vamos! exclamámos todos.

A' saida, um apache discutia com o Quasimodo:

— Você me prometeu dez francos para fazer a cena, afim de impressionar os americanos. Trouxe a Angèle e até a machuquei, fingindo estrangula-la. Levei nos queixos um sôco do americano humanitario que interveiu e agora só recebo cinco francos! Não está direito! E' uma safadeza!

O corcunda riposto[u] sem altear a voz:

— Mas a rapariga abiscoitou a quota que as americanas fizeram entre elas e os maridos. Eu vi pelegas de dez francos. Mais de uma por sinal.

— E' bôa! A quota você já dividiu com ela, seu aleijão duma figa. Quero os dez francos prometidos, sinão...

Afastámo-nos desiludidos dos Quasimodos interesseiros de hoje. O da Esmeralda era um sonhador e os sonhadores não ressuscitam. Ao tomarmos um taxi no boulevard Saint Michel, escutamos ainda a voz esganiçada e raivosa do homunculo falsificado apostrofando o apache de fancaria

— *Fiche-moi la paix, ordure!*

Gustavo Barroso

DEPOIS...

De J. N. Brinckmann

QUANDO Paulo da Camara chegou ao cães, o "Massilia" soltava baforadas espessas de fumo pela bôcca amarella e negra de uma das suas chaminés.

Foi com grande surpreza que na vespera da partida elle soube que César Augusto iria para a Europa. Elles, que foram amigos inseparáveis durante tantos annos, já não se viam desde algum tempo, pois os negocios de César Augusto quasi o impediam de permanecer no Rio. Agora ia em commissão do governo. Estaria de volta dentro de poucos mezes.

Por isso, na manhã daquelle dia, fóra dos seus costumes, Paulo accordou muito cêdo para levar com satisfação o seu abraço de despedida.

Mal se aproximou do transatlântico, avistou um grupo de pessôas muito suas conhecidas em volta de César.

— Olá, Paulo!

— César Augusto!

E os dois amigos se uniram num abraço apertado e longo.

Paulo cumprimentou a todos, risonho e satisfeito, por encontrar ali gente que havia muito tempo não via.

— Você tambem, Lali?... Meu Deus como está linda a Helena!... Sempre risonha, hein, Vera?...

E a Vera, uma garota "blonde", que de tudo fazia "blague" e por tudo sorria, entregou-lhe a mão e elle beijou-a.

Todas as pequenas conhecidas tinham ido levar o Cesar Augusto a bordo e, para todas, Paulo teve a amabilidade de alguns adjectivos... Elle sabia que só a futilidade agradava áquellas carinhas queimadas pelo sol das praias, manchadas pelo pó de arroz.

— Paulo, quero apresentar-te minha noiva.

E, em tom confidencial:

— Creio que não a conheces. E' a minha verdadeira affeição.

Cesar, puxando-o pelo braço, apresentou-o a uma pequena loura, de sobrancelhas longas e levemente arqueadas, vestida pelo ultimo modelo das vitrinas, que o panno verde-claro de uma sombrinha quasi escondia.

Paulo procurou occultar com um sorriso a sua admiração, quando os olhos verdes e languidos de Lolita pousaram nos seus... Ella não conteve o gesto de surpreza e susto e, com um olhar significativo, esticou-lhe a mão sem luva...

— Ah! conheço-o muito... Como vaes, Paulo?

Cesar Augusto não percebeu a troca de olhares, nem a expressão de espanto de Lolita. Achou muita graça naquelle imprevisto encontro e ficou muito contente quando Paulo lhe fez elogios da noiva...

Conhecia-a muito, desde menina. E bordou-lhe virtudes e bondades que só a gentileza de agradar permittia. Cesar Augusto ouvia-o risonho, emquanto a conversa pouco a pouco se perdia na variedade dos assumptos.

Foi quando um apito rouco e o silvo do rebocador chamaram os passageiros para bordo. Cesar Augusto subiu esboçando um sorriso, mas enxugando as lagrimas que lhe escapavam furtivamente dos olhos.

Em pouco, o "Massilia" largou, deixando negro fumo nos ares e nas aguas a brancura das espumas que se iam apagando lentamente... Lolita ficou no cáes até não mais ver o lenço de Cesar Augusto que, lá longe, acenava para o seu lenço molhado de lagrimas e cheirando a jasmim...

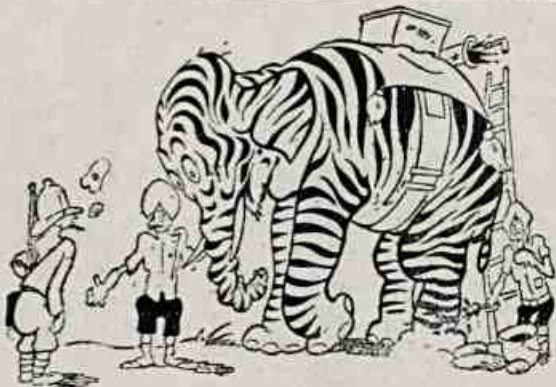
* * *

— Você, Lolita?...

— Que acaso delicioso, Paulo!...

Mas o acaso, ali, fôra bem proposital. Lolita, desde o dia em que tornára a ver Paulo no embarque do noivo, não socegára. Andava atráz delle pelos quatro cantos da cidade. Esteve, talvez, uma dúzia de vezes deante do telephone na incerteza de lhe falar ou não... Mas, prudentemente, para que elle não pensasse que ella andava á sua procura, esperou o proximo sabbado certo de encontrál-o no "footing". Foi a todos os logares onde era possivel encontrál-o, subiu e desceu um bom numero de vezes a Avenida e, quando já um pouco desanimada entrou numa confeitaria elegante para um "ice-cream", seus olhos bateram em cheio nos olhos delle. Fingiu grande surpreza em encontrál-o e, com a mesma camaradagem que em outros tempos os uniu, foi sentar-se á sua mesa.

A principio, a conversa

(Conclúe na pag. seguinte)

PREPARATIVOS DE CAÇA — Para illudir ao tigre, eu "disfarço" o elephante...

vagou sobre assumptos de pouco interesse, até que uma pergunta de Paulo abriu caminho a muitas outras...

— Lembra-se do nosso ultimo verão em Caxambú?...

E Lolita começou a recordar com Paulo os momentos mais deliciosos que os dois tinham vivido. Muitas vezes os olhos de Lolita se encheram de lagrimas e ella, emocionada não lhe poude esconder a sua grande saudade. Falou-lhe da monotonia da sua vida de então, mulher afeita ás emoções inéditas e aos prazeres mais diversos. Fêl-o comprehender que só a contentaria um amor como aquelle que em outros tempos os unira... Que César Augusto nada representava para ella... Que si consentira em ficar noiva delle, fôra unicamente para se distrahir, para mudar um pouco o rumo das coisas, porém, não que tivesse vontade de se entregar áquelle homem... Foi quando Paulo leu,

DEPOIS...

(Continuação)

nos seus olhos parados, alguma coisa que era o reflexo da velha affeição que accordava. Comprehendeu a desventura daquella mulher que aos outros sempre parecera tão feliz... Sentiu que ella o amava ainda que queria ser delle, não impor-

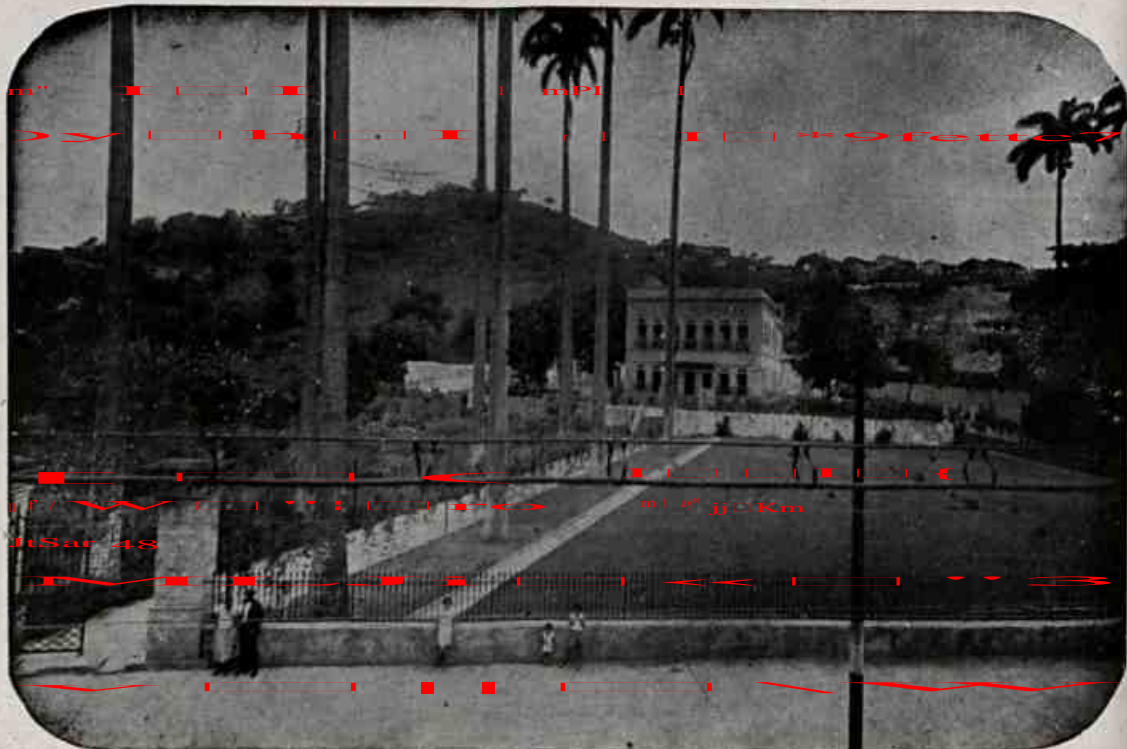
— Como! Então não sabia que havia sido o primeiro a chegar?
— Oh, não!... eu vinha tão depressa, que não me pude mesmo vêr chegar...

tava fosse um amor depois isso seria o poucas horas... Depois nos...

— Vamos ao cinema...

Paulo da Camara atravessou a Cinelandia com Lolita ao lado, falando entretidamente da vida na sua futilidade... Quando entraram na sala escura do cinema, ella agarrada ao braço delle procurava com o verdes seus olhos o castanho dos olhos de Paulo.

* * *

Um mez depois daquelle sabbado, os dois encontraram-se ás escondidas, num apartamento elegante. Até então tudo fizéra para abandonar Lolita. Para si mesmo aquillo não passava de simples distracção. Sentia-se feliz em proporcionar algumas horas de felicidade áquella mulher que não se cansava de confessar-lhe o seu amor. Julgava que de sua parte houvesse, apenas, uma grande sympathia. Esperava a chegada de César Augusto e o

repentimento de Lolita.

Mas, uma tarde, em que lá se encontraram, sozinhos, numa intimidade que a confiança imprimira a um e outro, poucas semanas antes do retorno de Cesar Augusto, Paulo fêl-a comprehender que precisavam se separar. Elle iria para longe e só tornaria muito tempo depois. Ella procurasse esquecel-o o mais depressa possivel.

Lolita não poude occultar as lagrimas que encheram os seus olhos verdes. Fixou o homem que verdadeiramente amava, numa expressão de incomprehensão e desespero e, soluçando alto, escondendo o rosto nas mãos.

Paulo sentiu uma sensação estranha passar-lhe pelo corpo... Seria que elle não podia mais se separar della? Mas quê?... Então?... Foi quando as idéas se elucidaram no seu cerebro e elle reconheceu a desgraça em que se lançára tambem aquila mulher... Agora, nada mais podia fazer. Não era só sympa-

DEPOIS...

(Conclusão)

thia que os ligava: era muito mais que isso... Comprehendeu que devia ficar, porque o destino impellia um para o outro... Tomou-lhe as mãos, inclinou a cabeça afundada no seu peito e chorou, chorou como reconhecendo o seu grande erro... Depois, levantou os olhos vermelhos encharcados de lagrimas, e, fitando Lolita:

— Não, nunca, Lolita...

Ella entregou os labios, o rosto, os braços ao unico homem que destinára tudo o que de mais puro tinha para lhe offertar...

* * *

Quando Cesar Augusto voltou, não encontrou no cáes nem o amigo, nem Lolita. Não perguntou por elles. Duas cartas que recebêra, uma della, outra de Paulo, contaram-lhe tudo o que acontecêra entre os dois... Não chorou sua destidita... Sabia que a felicidade não se procura, nem se compra. Vem por si mesma...

E, agora, espera, confiante, o dia em que ella virá para si, feita em realidade ou escondida nas dobras da propria illusão de que ella é feita...

Sempre a vida, sempre o destino e a incerteza...

— Ah! ah! o senhor é caricaturista? E' incrivel! Como póde um homem inventar caras semelhantes!

A CARTA

A tarde vinha morrendo. O quarto de Neiva estava envolto em penumbra. Os sons melancolicos da hora e o tom apagado que começavam a apresentar os objectos encontravam uma repercussão triste no semblante abatido da moça e nas olheiras que lhe ensombravam os olhos humedecidos.

Tinha-se, fitando Neiva, a impressão de que ella muito soffria e agora, cansada, se abandonava á dôr. Os lindos cabellos castanhos, em desalinho, os traços correctos do rosto, agora contrahidos, os grandes olhos amortecidos indicavam uma sensação de fadiga.

Neiva devia estar numa grande luta moral, uma luta que de tão intensa lhe abalára todo o organismo. Por vezes, a sua commoção era mais intensa e ella chorava, sentia-se então mais confortada; logo depois a invadia aquella sensação de cansaço. Em certos momentos, sahiam-lhe palavras balbuciantes:

— Não, não devo escrever-lhe; seria humilhar-me, seria demais...

E quando as lagrimas lhe rolavam dos olhos:

— Por que não esqueço este amôr?

Lembrou-se do seu passado. Quando menina ainda, quando as suas idéas eram apenas phantasias, desejára ter um nome pomposo, ser uma grande senhora e acceitára o conselho da familia para desposar o barão de Santa Maria.

Pouco tempo durára essa ligação de interesse; alguns mezes depois do seu casamento, Neiva, apenas com dezesete annos, se vira abandonada pelo marido estroina, a quem, aliás, nunca havia amado.

Ficou-lhe, então, uma comprehensão do que era a vida. Fôra sem base a sua união e viu que não era o interesse, nem os ditames da sociedade o que podia conservar em harmonia duas almas que não se estimavam. O casamento muito menos, pois que casada ella fôra e agora vivia só. Devia haver uma força mais poderosa que ligasse os seres por toda a vida.

Quando os annos se foram passando e os traços do caracter de Neiva se foram delineando, os sentimentos apenas esbatidos se tornaram nitidos, ella percebeu, sentiu em todas as coisas uma força geratriz, uma força poderosa: o amôr.

O amôr afigurou-se-lhe uma verdadeira religião, mas como as outras, incomprehendida, servindo a debates e, mais que todas, deturpada.

Sim, poucos sentiam o amôr na sua fórma mais ampla; delle o que notou foi o affecto cheio de liames, preceitos e convenções. Todos cingiam o amôr ao seu modo de entender e muitos o confundiam com o casamento.

O verdadeiro amôr existe por si só, sem que possa ser o reflexo da razão mais forte.

Nesse ponto de seus pensamentos Neiva parou. Tomou-lhe de assalto uma resolução. Correu á gaveta do seu toucador, tirou de dentro delle um papel rosa, foi até a sua escrivaninha, onde havia penna e tinta, e dispôz-se a escrever. A sua mão assetinada e esguia traçou sobre o papel uma palavra: *"Sergio..."*

Ante a lembrança daquelle nome, escapou-lhe um soluço, um soluço abafado, mas que revelava todo o estado afflictivo e desesperador de sua alma.

Conhecêra Sergio ha[...] via tres annos, dep[...] que o marido a aba[...] donára.

Ella continuou:

"E' a ultima vez [...] lhe escrevo. Quero q[...] me escute, preciso p[...] um grande favor a vo[...] o homem que quiz [...] nar feliz!... Pensei [...] tivesse comprehendido [...] affecto que havia en[...] nós: Não era apenas [...] desejo de posse o [...] nos aproximava; emb[...] as caricias ardentes [...] trocavamos fossem [...] manifestações do no[...] amôr, havia uma fo[...] muito mais poderosa [...] me ligava a você. A [...] vida havia se entrel[...] do á minha, eu não [...] amava somente pelo [...] physico attrahente, pe[...] seus olhos romantic[...] mas pelo interesse [...] tinha em sua vida, p[...] teu futuro, por tudo q[...] pudesse advir de vo[...] Era como si sua [...] fosse minha, e todas [...] outras pessôas estran[...] a ella, sem que ou[...] creatura pudesse ter [...] lações de affecto co[...] você. Você era meu; [...] mente meu para toda [...] vida."

Os olhos de Neiva [...] nhavam-se de lagrima[...] A letra já lhe sahia [...] certa:

"Não é o casame[...] que une dois seres, [...] somente o amôr. O ca[...] samento é apenas a [...] sequencia de duas [...] tades livres que se [...] rem, é apenas um [...] tracto social."

Neiva parou um [...] tante murmurando c[...] sigo:

— Poucos são os [...] pensam assim.

Ella mesmo só o [...] nhecêra depois que [...] ra aquelle grande am[...]

"Sergio, bem sabe q[...] no nosso meio o hom[...] e a mulher attingindo [...] certa idade, suppõem [...] devem casar e vão esc[...] lher a pessôa possuidor[...]

dos predicados que almejam; raros os que esperam o amôr expontaneo, pois julgam que o casamento é a felicidade, o fim da vida, quando elle só deve existir para a união legal de dois amantes. Ha tanta banalidade quando um homem foge a uma mulher, por não estar em bôas condições monetarias, por não preencher a essa ou áquella formalidade... O amôr, si fôr sincero, não admitte taes considerações. Si fôr preciso, espera-se a vida inteira, porque só se deseja aquella creatura, não se supportando a possibilidade della pertencer a outra. Fazem-se os maiores sacrificios e renuncias, porque a felicidade está em passar-se a vida bôa ou má ao lado da pessôa que se ama. Em sorrir com ella nos momentos alegres, ou ampará-la e chorarem juntos nos revezes da sorte. E' preferivel as lagrimas junto do ente querido, do que o conforto num meio indifferente. Não se comprehende a vida sem esse determinado alguem. E eu, que penso assim, soube, no emtanto, reconhecer a honra e acceitei a renuncia que você fez ao

De Walter de Sequeira

nosso amôr, dizendo que se sacrificava pela minha felicidade.

"Mas agora, permitta-me que lhe fale assim, vejo que você é tão banal quanto os outros homens. Sim, Sergio, si você renunciou ao nosso amôr, foi porque não me queria sufficientemente, foi porque não comprehendeu esse affecto e o achou um sentimento como qualquer outro. Você teve forças para pôr nelle limites e regras.

"Tirei todas essas conclusões depois que o vi, na minha frente, namorar outras mulheres. Creio que você suppõe que, eu por ser casada, não posso, não tenho direito de amar e, no emtanto, o coração é livre. Si você se sacrificou pela minha felicidade, acha que eu posso ser feliz vendo-o namorar outras? No emtanto, julga que já fez muito por mim e agora, como é solteiro e tem direitos, trata de divertir-se. Uma vez que começa um prazer seu, já não pensa em mim... Que ironia! Como você é banal! Fez do nosso affecto um sentimento mediocre e, entretanto, continuará crente do bem que me fez.

"E onde está essa minha felicidade, diga? Como posso ter animo para a vida, si você, na minha frente, depois do que houve entre nós, póde *flirtar* as minhas proprias amigas?!... Si você, que eu suppuz parte da minha existencia, está, em todo lugar aonde vou, tão longe de mim, como si fossemos dois estranhos?!...

"Sim, ante o seu gesto, terei de acabar menoscabando o meu proprio amôr.

"Você, talvez, não comprehendesse algum gesto brusco meu, quando me fala. Certamente pensará que, dado o nosso impedimento, não tenho o direito de ter ciumes e devo achar tudo natural; mas asseguro-lhe que o amôr não admitte restricções.

"A sua renuncia é justa, mas queria pedir-lhe que, quando me visse, evitasse namorar outras creaturas.

"Sergio, eu soffro, porque eu o amei, amo e amarei sempre, apesar de todas as convenções, apesar de todas as barreiras, apesar de toda a humanidade. — Neiva".

Neiva soluçava ao terminar a carta. Lagrimas de sangue escorriam-lhe dos olhos, e sua physionomia estava desfeita pela dôr. De repente um grito escapou-lhe do peito:

Não, não mandarei esta carta; banal como elle é, não me poderá comprehender e continuará a proceder no mesmo.

Chorando, amarrotou o papel em que extravasára a sua alma, emquanto seus labios murmuraram, tristemente:

— E foi esta a felicidade que elle me deu!...

CHIMÉRA

Solidão: refugio de infelizes.
A cathedral do dia se esborôa
E o poente, á superficie da lagôa,
Desenha um rendilhado de matizes.

Ronrona o moinho em frente: a voz ecôa...
E do rodizio ao valle, entre as raizes
Do arvoredo, aos balanços e deslizes,
Brilhando, a lympha de crystal cachôa.

A varzea, em flôr, a sandalo trescala...
Na transcendencia dessa tarde-opala,
Parece que anda algum destino azul!

Sou eu, — ó sorte de infinita mágoa! —
Que vou, em so ho, os olhos razos d'agua,
Jogando a alma, aos farrapos, pelo azul!

RUY CÔRTES

AQUEM DA ATLANTIDA

Do notavel homem de letras, professor e historiador maranhense Ruben de Almeida publicamos a seguinte, erudita epistola enviada ao nosso companheiro Gustavo Barrozo a proposito do seu livro "Aquem da Atlantida":

"Prezadissimo Gustavo Barroso,

"Não de um folego, como hypocritamente insinuam criticos amaveis querendo significar de modo resumidissimo o agrado que lhes causou tal ou qual obra, porém com o maior dos requintes — que a tanto exigia o valor do livro — acabo de ler o seu magnifico "Aquem da Atlantida."

Aquelles são os glutões, os devoradores de paginas; faço empenho em incluir-me no rol dos que os francezes chamam com muita propriedade os *gourmets* e que poderemos traduzir por epicurista, não só no sentido que ultimamente é costume attribuir a esse termo, de cultor de prazeres materiaes, senão e principalmente na accepção em que o praticava o grande philosopho de Gargettos, de apreciador dos prazeres espirituaes.

Com tal disposição de animo é que saboreei o seu formoso trabalho, e é ainda sob a impressão do suave enleio que me deixou na mente leitura tão reconfortadora que me apresso em vir dar-lhe, com a mais sincera das effusões, os meus cordeaes cumprimentos, tanto mais sinceros quanto sei que não visam meras praticas de vulgar cortezia, comquanto desvaliosas por partirem de quem, pela humildade do seu merecimento, nada póde accrescentar ao exito de uma obra sobre que já se pronunciaram as mais fulgurantes pennas da critica nacional.

Confesso-lhe que o livro me agradou incondicionalmente, dando-me a certeza de que ainda ha no Brasil — mercê dos deuses! — pessôas que arrostam a indifferença do publico com trabalhos de profunda erudição, numa época dolorosissima como esta que estamos vivendo, em que o numero de edições de uma obra costuma variar na razão inversa da sua importancia, por outras palavras: numa quadra de franca decadencia literaria, cujos cultores — novos-ricos das letras — affrontam o publico ledor com a mais absoluta das audacias e cabal certeza da impunidade. Verdade é que esse phenomeno se verifica justamente numa época em que a critica, decahida do seu antigo esplendor, longe de zurzir, como merecem, impiedosamente, esses cogumelos literarios, pelo contrario os auxiliam na tarefa dolorosa de corrupção mental, entrando nesse numero os noticiadores de jornaes, muitas vezes de concerto com as casas editoras...

V., até hoje, meu amigo, tem sabido, com uma pertinacia digna de registro, salvar o seu nome illustre, dessa condemnação, pois, percorrendo a sua esplendida bibliographia de quarenta e cinco volumes, o que se vê e o que se sente, é a de pensamento prodigalizado numa obra variadissima, elevada, nobre, patriotica, dignificando do mesmo passo a nossa Terra e a nossa Gente. Durante os vinte annos de franca productividade, v., meu amigo, não mudou a róta traçada, e o autor de "A condessa de Pangim", em 1932, continúa sendo o mesmo autor de "Terra de sol", de 1912.

Folklorista profundo em "Ao som da viola", "Casa de maribondos", "O sertão e o mundo"; historiador perito em "Tradições militares" e "O Brasil em face do Prata"; novellista historico na série de guerras que sustentou o Brasil; sociologo emerito em "Heroes e bandidos" e "Almas de lama e de aço", quasi todos os generos tem v. explorado, conto, novella, literatura infantil, viagens, didactica, traducções, em todos bem succedido.

Experimentou agora a erudição atacando um problema que muito de perto nos interessa, porque, resolvêl-o, é precisamente resolver o problema das nossas origens, e o resultado, como sempre, é o que se está presenceando.

Bem sabe v. que a bibliographia atlantida ascende a cerca de quatro mil volumes, e entre tão vultoso numero — alegra constatál-o — é o seu o primeiro que, verdadeiramente digno do assumpto, appareceu em lingua portugueza, e só por essa circumstancia já havia motivos, e de sobra, para elogiál-o. Não é só, porém. Com o verdadeiro sentido de historiador soube v. dispôr os capitulos de tal maneira intelligente, que a sua leitura resulta agradavel até mesmo — é esse um dos seus maiores valores — até mesmo aos profanos.

Passemos em revista os diversos capitulos da sua obra. Nos reparos que vou fazer, queira o meu querido amigo enxergar, menos a pretenção de critica, do que o desejo de contribuir para que tão magno problema receba maiores alicerces, dando-lhe por outro lado a alegria de verificar haver aqui pela mata quem se preoccupe com o assumpto.

Assim, no 1.º capitulo, intitulado "Os textos classicos", enumerando, com o melhor dos criterios, as varias passagens attinentes á materia, desde o da Odysséa ao de Bhagareata — Purana, esqueceu (ou não quiz citar) nomes como os de Nesiodo, Euripedes, Macrobio, Eudoxio, Aristoteles, Timagenes, Strabão, Dionysio de Mitylene, Plinio o Antigo, Pomponius Mela, Seneca, que todos versaram a questão da Atlantida. E' verdade que a alguns desses escriptores se encontram referencias em capitulos posteriores, e talvez não os considere v. essencialmente classicos, mas o caso é que o accessorio desses nomes viria alicerçar ainda mais a theoria (digamos assim) de que v. parece ser entre nós um egregio paladino.

O nome de Aesiodo é de inestimavel valor, entre outros motivos porque, na opinião de Quintiliano e Philostrato, precedeu a Homero. Quando, porém, o considerem seu contemporaneo, como querem Varrão e Plutarco, ou posterior de um seculo, segundo Velleius Paterculus, nem por isso deixa de ser dos mais antigos autores. Quando mesmo se lhe negue a

paternidade dá *Theogonia* e do *Escudo de Hercules*, ainda não lhe fica abalado o valor, porque é sobretudo nos *Trabalhos e Dias*, de authenticidade não contestada, que se encontram as mais preciosas informações sobre a Atlantida. Si finalmente se chegar a pôr em duvida a sua existencia, segundo entendem incorrigiveis iconoclastas de personalidades, ficará ao menos o seu nome como symbolo de uma época — o cyclo hesiodico, conservando e transmittindo o éco de vetustas tradições. Euripides, em diversas de suas tragedias, notadamente em *Medéa*, apresenta detalhes nos quaes é licito descobrir referencias mais ou menos claras á *Atlantida*. Macrobio, nas *Saturnaes*; Eudoxio, nos *Phenomenos*; Aristoteles em *Narrações maravilhosas*; Timagenes, na *Historia das Gallias*; Strabão, na *Geographia*; Dionysio de Mitylene, *Sobre a expedição de Baccho e de Minerva*; Plinio o Antigo, na *Historia natural*; Pomponius Mela, *Da situação do mundo*; Seneca, *Medéa*; são outros tantos autores em obras que não devem ficar esquecidas.

O cap. "Ligeira critica dos textos" merecia, mau grado o qualificativo, e para mais completa comprehensão do leitor, maior desenvolvimento. Por isto: O mytho ou legenda da Atlantida (pouco importa a designação) teve para primeiros depositarios a India e a Oceania, em cujos livros e tradições encontramos as primeiras referencias á famosa terra. Dahi passou, por migrações successivas, á Persia, ao Egypto, ás Gallias e á Scandinavia. A fonte de onde a houveram os gregos foram os santuarios do Saïs. Pois bem. Acompanhar essa marcha progressiva de tradições, explicar-lhe a irradiação, referir os povos em que avultou a maneira como chegou até os nossos dias. Com os actuaes conhecimentos da historia dos povos americanos, mostrar que essa tradição tambem aqui se encontrava ha millenios, uma vez que elles são, inclusive os nossos tupys, os legitimos herdeiros dos Atlantes, e procurando desentranhar-lhes das lendas tudo quanto ao assumpto se refira, demonstrar de modo irrecusavel a sua veracidade, eis um trabalho magnifico de exegese que, espero, o meu nobre amigo não deixará de tomar na devida consideração.

E por que, esqueceu, no cap. "Outras tradições", algumas referencias ás que correm entre os nossos indios?

N'"A theoria dos diluvios" deveria haver um logar de destaque para o nosso soberbo Tamandaré, e não apenas o seu nome á pag. 50.

No cap. "As opiniões", póde-se dizer que a lista está completa, quer dos que a negaram nos tempos antigos e cujos nomes nos transmittiu Proclus, e ainda hoje negam; quer dos que duvidam; quer dos que acceitam. Olvidou tão só a H. Beuchat, Gaffarel, Hornus Egger, Othon de Freysingen, Sylvio Enéas Picolomini.

O cap. "As localizações" está admiravel. Para completal-o bastaria accrescentar o nome de Fabre d'Olivet, imaginando, na sua *Historia philosophica do genero humano* que Atlantes era um dos muitos designativos dados aos Sudeas (Celtas e Prythos) que elle reconhece, juntamente aos Boreus (ou Pelasks) como as duas unicas raças verdadeiramente primitivas.

Os caps. "A Atlantida segundo os esotericos" e "Atlantida segundo os Scientistas" necessitavam de ser acompanhados de um outro "Como tem sido explicado o desapparecimento da Atlantida" onde fossem comprehendidas hypotheses como a de Tournefort, pensando que o Ponto Euxino, dilatado pelas aguas dos rios seus contribuintes, houvesse estabelecido communicação com o Bosphoro, e ambos transformado o Mediterraneo, tambem lago, como elles, numa enorme caudal, cavando o Gibraltar e submergindo a Atlantida. Ou a de Bory de Saint Vincent admittindo que o interior da Africa, era o leito de um immenso lago, quiçá o Trytonide, escoada para o Atlantico em seguida á ruptura das terras que os separavam. Ambos, aliás, basearam as suas hypotheses na affirmação de Diodoro da existencia do immenso lago das Hesperides que, seccado em seguida a fortes commoções do sólo, fixou as regiões circumvizinhas do Atlas, formarem a ilha Atlantida, pela presença de um duplo Mediterraneo.

Falando das "Ilhas Afortunadas" era bom não esquecer que alli foi um centro de irradiação dessa ainda hoje mysteriosissima *Lenda das sete cidades*, tão arraigada no espirito do piauhiense. § "Shule", "Os iniciados da America", "A escriptura sagrada e as mythologias americanas", "A bananeira e os atlantes", "O camello, o elephante, o cavallo e o leão na America", "A cruz na America", "Os judeus na America pre-Colombiana", "As Sagas", "Os negros na America antes do descobrimento", "A civilização chilcha", Origens da palavra Brasil" são capitulos traçados por mão de mestre.

O cap., porém, mais importante da obra é, a meu ver "Os mahadéas do Sertão", e espero que V. já tenha lido o trabalho de A. Morlet, publicado no "Mercure de France" de fev. deste anno, apreciando a revolucionadora theoria de Flindres Patrie sobre "A origem do alphabeto".

Das inscripções existentes no Brasil, as que me parecem de maior importancia, talvez porque são as que mais conheço, e *de visu*, são as das *Sette Cidades* do Piauhy. Não sei de onde houve o meu amigo as que figuram ás paginas 232, 233 e 234. O que sei é que nas duas viagens que já emprendi áquelle sitio para estudar *in loco* as suas inscripções — inscripções que, conhecidas dos especialistas europeus, causarão profunda revolução na epigraphia — nada encontrei que se pareça ao que está no seu livro. Ou não as vi eu ou quem n'as copiou deu mais largas á phantasia do que á realidade. Espero publicar a respeito, ahi no Rio, farta documentação photographica a respeito. Senti a falta da grande inscripção da Parahyba que, junto ás das Sette Cidades e ás de Itacoatiára, constituem os mais notaveis monumentos epigraphicos do Brasil.

Agora, uma reprehensão. Tratando-se de epigraphia, assume as proprias de crime lesa justiça o esquecimento do nome do meu inolvidavel amigo Bernardo Ramos, o sabio amazonense que para levar a cabo a tarefa cyclopica que

(*Continúa na pag. seguinte*)

O DIADEMA DE BERYLOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Meu caro Holmes, disse eu certa manhã, mirando da janella, vae ali um doido. Realmente, é para lastimar que os parentes o deixem assim andar á solta por essas ruas.

Levantou-se, com toda a sua pachorra, o meu amigo, de mãos nas algibeiras do chambre, e acercou-se de mim, olhando por cima do meu hombro. Era em uma linda manhã de fevereiro; o frio, era mordaz, e a neve da vespera, recamando ainda o chão, fulgia sob a acção do pallido sol de inverno.

A neve, ao centro da rua, estava espézinhada e calcada, apresentando côr denegrida, mas nas voltas, e nos monticulos onde a haviam ajuntado para desobstruir os passeios lateraes, apparecia immaculada. As lages pardacentas, apesar de varridas e raspadas, estavam ainda muito escorregadias, a ponto de evitarem os transeuntes de fazer por ali caminho. Por esse motivo, em direitura á estação do metropolitano não se via transitar viv'alma, á excepção do individuo cujos excentricos ademanes me haviam attrahido a attenção.

Era um homem dos seus cincoenta annos, alto, cheio e de bôa presença, rosto largo e feições grosseiras. Austero quanto apurado o seu trajar: sobrecasaca preta, chapéo irreprehensivel, polainas escuras e calça clara de excellente córte. E sem embargo, entre os seus actos e a dignidade do vestuario e da pessoa notava-se absoluta contradicção, pois corria a bom correr, armando um pulo de tempos a tempos, como homem cançado e pouco affeito a andar ás carreiras. Corria, gesticulando com ambas as mãos, sacudia a cabeça e fazia os mais extraordinarios esgares.

— Que demonio poderá ter o homenzinho? Vae a olhar para os numeros das portas.

— Creio que virá para aqui, disse Holmes, esfregando as mãos.

— Para aqui?

— Sim; tenho ideia de que vem consultar-me. Afigura-se-me distinguir lhe symptomas da maxima perplexidade. Ah! Eu não lh'o dizia?

Effectivamente, o homem, todo esbaforido, corria em direitura á porta, e deitando mão á campainha, fel-a tilintar tão fortemente que soou por toda a casa.

D'ali a instantes, dava entrada no aposento, cada vez mais esbaforido, gesticulando sempre, mas com expressão tal de magoa e desespero, que nós, reprimindo o riso ficámos serios, tomados de subita comiseração. Esteve uns minutos sem poder falar, balouçava-se para direita e para a esquerda, arrancava os cabellos como homem que houvesse perdido a razão. De subito, porém, erguendo-se de um salto, arremetteu de cabeça contra a parede e tivemos de atirar-nos a elle e agarral-o á força, não o deixando transpor os limites do meio da casa. Sherlock Holmes obrigou-o a sentar-se numa poltrona, postou-se ao pé d'elle, e, dando-lhe palmadas nas mãos, tentou reconfortal-o com aquelles seus modos prazenteiros que tão bem sabia apresentar.

— Veiu procurar-me para me contar a sua historia, não é verdade? Está cançado de vir ás carreiras. Descance um pedaço e, quando se achar mais desafogado, muito prazer teremos em estudar o problemazinho que então nos expuzer.

Com o peito a arfar, o bom do homem lutava contra a afflicção. Até que por fim, limpando a testa com o lenço, comprimiu os labios e olhou para nós.

— Suppõem talvez que esteja louco?! exclamou.

AQUEM DA ATLANTIDA

(Conclusão)

emprehendeu de traduzir todas as inscripções do Brasil, necessitou de empenhar todos os seus bens, vindo afinal perecer em dolorosa penuria; que debalde fez quatro viagens ao Rio, a ultima das quaes no governo Arthur Bernardes, para mendigar dos governos a esmola da publicação da sua obra, vasta de quatro volumes contendo alguns milhares de inscripções; que hostilizado pela sciencia official, viu sempre indeferidas as suas pretenções; que sacrificou, emfim, toda a sua vida em pról de um problema tão magno para merecer a chacota dos nescios e riso alvar dos apedeutas, terminando a existencia consumido de desgostos. Esse foi Bernardo Ramos, o Mestre, a quem todos nós estudiosos do assumpto, tributamos a mais profunda das homenagens.

"Os ciganos" e "A aguia mexicana" merecem louvores.

Amante de sua terra, essa esplendorosa Terra da Luz, não podia o meu amigo esquecel-a em seu livro formoso, e por isso o encerrou com o capitulo "Primeira exploração do Ceará", que se adivinha haver sido trabalhado com lagrimas nas faces e saudade no coração.

E aqui tem o meu nobre Gustavo Barroso a prova de que, como disse a começo, saboreei o seu de-

— Vejo que o opprime qualquer grande desgraça, retorquiu Holmes.

— Ah! Deus o sabe! — Uma grande desgraça, tão tremenda e tão subita que me sinto a ponto de enlouquecer. Poderia ter supportado a publicidade da deshonra, comquanto eu seja um homem cuja reputação nunca soffreu o minimo ataque. Supportaria um desgosto na familia, pois é sorte commum a todo e qualquer mortal; mas uma e outra coisa, a um tempo, e de modo tão horrivel! E' de mais!

Sinto-me estalar-me o coração! E d'ahi, não sou eu só o queixoso; as mais altas personagens deste reino podem vir a soffrer com isto, se não encontrar meio de remediar o caso.

— Socegue, senhor, acudiu Holmes, e queira dizer-me quem é e o que foi que lhe aconteceu.

— O meu nome, replicou o nosso hospede, supponho que lhe não será desconhecido. Chamo-me Alexandre Holder, da casa bancaria Holder e Stevenson, de Threadneedle Street.

Effectivamente, não me era estranho aquelle nome, visto ser o de um dos mais importantes bancos particulares da *City*. Que acontecimento se teria dado, para reduzir a estado tão afflictivo um dos primeiros cidadãos de Londres? Achava-se excitada a mais não poder a nossa curiosidade. Até que afinal, fez um esforço o nosso visitante encetando assim a sua historia:

— Sinto que o tempo é precioso e por isso me dei pressa em vir aqui, logo que o inspector da policia me suggeriu a idéia de solicitar a cooperação do sr. Holmes. Saltei para o metropolitano e vim a pé, ás carreiras, porque os trens com esta neve andam muito de vagar. E ahi tem o motivo porque venho tão esfalfado, pois não estou habituado a fazer muito exercicio. Agora, comtudo, já me vou sentindo melhor, e passo a expor-lhes os factos succintamente, mas com a possivel clareza.

"Como é de suppôr não ignoram que, para ser bem succedido em questões bancarias, é tão importante a qualquer encontrar boa collocação para os fundos respectivos, como tambem augmentar as relações e a clientela de depositantes. Um dos mais lucrativos empregos de capital é emprestar dinheiro com garantia segura. Fizemos muitos emprestimos, durante os ultimos annos mais proximos, a familias nobres, ás quaes adiantamos avultadas quantias a troco do deposito de quadros, bibliothecas e baixellas.

Hontem, pela manhã, no banco, estando eu no meu escriptorio, foram entregar-me um bilhete de visita. Dei um pulo na cadeira ao lêr o nome... mas frente a frente com o senhor cumpre-me ser discreto e limitar-me-ei a dizer que era um nome universalmente conhecido, um dos primeiros da Inglaterra. Atordoado por semelhante honra, tartamudeei meia duzia de palavras ao meu visitante, quando appareceu; elle, porém, encetou desde logo o assumpto com ademanes de homem que deseja liquidar o mais brevemente possivel um negocio desagradavel.

— Senhor Holder, disseram-me que adeantava dinheiro.

— A casa annue a isso sempre que é boa a garantia.

— Tenho necessidade absoluta e immediata de cincoenta mil libras. E' claro que podia contrahir um emprestimo dez vezes mais avultado, appellando para qualquer amigo, mas prefiro recorrer a um banco, e tratar o negocio por iniciativa propria. Dada a minha posição não deixará de comprehender que não é agradavel dever obrigações seja a quem fôr.

— Por que prazo necessita do emprestimo?

— Na proxima segunda-feira, tenho que receber uma quantia avultada, e embolsal-o-ei sem falta com o juro que houver estipulado. E'-me, porém, de todo o ponto essencial contar desde já com o dinheiro.

(*Continúa na pag. seguinte*)

---

licado volume com o requinte de um consummado epicurista.

Resumindo:

A existencia da Atlantida é para mim um facto cabalmente demonstrado por todos os ramos do conhecimento humano. A Atlantida nada mais é, como o affirmára Orhedraaff, do que a America, este continente americano a cujo concerto nos orgulhamos em pertencer. Deste continente, é o Brasil a porção mais importante e por isso mesmo talvez a que ainda não foi devidamente estudada.

Os nossos Tupys, como os mais povos indigenas americanos são os legitimos descendentes dos Atlantes e por isso nós brasileiros participamos de tão fidalga linhagem.

V., Gustavo amigo, bem sabe como de ha muitos annos me venho dedicando á empreza da rehabilitação do Selvagem brasileiro, precisamente por comprehender-lhe o verdadeiro significado. E lhe posso affirmar: no dia em que as suas crenças forem analyzadas como merecem, e as lendas interpretadas e a sua lingua aprofundada, então nesse dia, cada brasileiro saberá mais do que nunca orgulhar-se da sua Terra e da sua Gente.

E v. que está contribuindo, com o mais accendrado dos seus esforços, para esse edificio incomparavel, receba os meus mais calorosos cumprimentos.

São do velho e incondicional amigo, que muito o preza e admira.

RUBEM ALMEIDA

— Folgaria em lh'o adeantar dos meus proprios fundos sem mais formalidades se, na realidade, a quantia não fosse um tanto importante.

Por outro lado, se o fizer em nome da casa, devo em respeito ás praxes exigir, até do senhor, as garantias usuaes.

— E' isso mesmo que eu desejo, respondeu, lançando mão de um estojo preto, de marroquim, que havia posto sobre a cadeira. Terá ouvido falar do diadema de berylos?

— Uma das joias mais preciosas da Corôa.

— Exactamente.

Abriu o estojo e mostrou-me, sobresahindo em um formoso fundo de velludo côr de carne, a joia magnifica a que se referira.

— Contém trinta e nove berylos, enormes, e o preço do engaste de ouro é incalculavel. A mais baixa avaliação representaria o equivalente ao dobro da quantia que lhe peço; deixar-lhe-ei como penhor este diadema.

Tomei entre as mãos a preciosa caixa e um tanto perplexo fitei os olhos do visitante.

— Põe em duvida o valor?

— De modo nenhum. Ponderava apenas...

— Se procederei judiciosamente dando-lhe este penhor? A esse respeito póde estar socegado. Nunca lançaria mão de semelhante recurso se não tivesse absoluta certeza de poder vir buscal-o dentro de quatro dias. E' apenas uma questão de formalidade. Acha sufficiente o penhor?

— Amplamente.

— Comprehende, senhor Holder, que lhe estou dando uma prova de elevada confiança, fundada no que me disseram a seu respeito. Conto não só com a sua discreção, mas ainda que impedirá quaesquer mexericos a este respeito, e acima de tudo que tomará as maximas precauções afim de que fique em segurança esta joia; escusado será dizer que, se lhe acontecesse o minimo accidente, resultaria d'ahi grave escandalo. E o menor accidente seria tão sério como a perda total, pois não existem em todo o mundo berylos que se comparem a estes. Não obstante, entrego ás suas mãos o diadema com inteira confiança, e virei em pessoa buscal-o na segunda-feira, pela manhã.

Vendo que o meu cliente tinha pressa em retirar-se, julguei ociosa qualquer resposta, e chamando pelo meu caixa, dei-lhe ordem de pagar cincoenta mil libras. Quando voltei a encontrar-me a sós com o precioso estojo em cima da mesa fiquei em suores ao lembrar-me da tremenda responsabilidade que assumira. Era mais que certo essa joia ser propriedade nacional; rebentaria um escandalo medonho se lhe viesse a acontecer qualquer accidente. Arrependia-me de ter annuido a incumbir-me de a guardar.

Não obstante, era já tarde para reconsiderações; fechei-a no meu cofre privativo, e voltei a attender ao meu trabalho.

Ao anoitecer, entendi que era imprudencia deixar assim, para ali, no escriptorio objecto de tamanho valor. Quantos cofres de segurança não têm sido arrombados a banqueiros! E quem me affirmava que o meu o não fosse?

Em tal caso, em que terrivel situação me não encontraria eu! Resolvi pois levar commigo o estojo todos os dias, de modo a tel-o constantemente debaixo de mão. Mandei, pois, chamar um carro, e recolhi á minha residencia em Streatham, com tão preciosa joia; e sómente respirei á minha vontade quando a vi arrecadado com segurança no primeiro andar, fechado a sete chaves na secretária do meu quarto de vestir.

E agora, senhor Holmes, duas palavras ácerca da minha casa, pois desejo que fique avaliando cabalmente a situação. O meu creado particular e o meu *groom* não dormem no predio, e acham-se, portanto, fóra da questão.

Tenho tres creadas que estão em minha casa, ha annos, e cuja absoluta honradez se encontra ao abrigo de suspeitas.

A terceira, auxiliar da governante, está ao meu serviço, ha apenas uns mezes. Deu optimas referencias de sua conducta, e até agora estou muito satisfeito com ella. E' uma rapariga muito formosa, cujos admiradores mais de uma vez têm sido vistos a rondar-me a casa. Mas, não obstante, tenho-a na conta de rapariga honrada em toda a accepção da palavra.

Eis aqui quanto aos creados. A minha propria familia é tão resumida que não será longa a enumeração. Sou viuvo e tenho um unico filho, Arthur. Tem sido para mim uma decepção, senhor Holmes, e que triste decepção! Não me acho isento de culpa, certamente. Dizem que o criei com muito mimo. E' possivel.

Quando perdi a minha esposa estremecida, aquelle menino era quanto me restava n'este mundo. Não podia vel-o triste um só instante.

Nunca lhe neguei fosse o que fosse.

Teria sido melhor, talvez, para ambos havel-o eu educado com mais alguma rispidez e se não fui bem succedido em lhe dar boa criação, pelo menos eram boas as intenções.

Como é aliás natural, desejava que fosse meu successor no banco, mas não tinha quéda para o negocio. Era irrascivel, teimoso, e para lhe falar verdade, não podia confiar nas suas mãos quantias avultadas. Veiu a ser membro de um circulo aristocratico, onde graças ás suas maneiras insinuantes, contrahiu intima amizade com um certo numero de rapazes, dispondo de grandes haveres e com habitos dispendiosos. Entrou a jogar alto, a apostar nas corridas, a ponto de ter de recorrer á minha bolsa para lhe pagar as dividas de honra. Tentou por mais de uma vez dar de mão a tão perigosa companhia: a influencia nefasta de um seu amigo intimo, um tal sir Jorge Burnwell, levava-o sempre a reincidir.

E na verdade, não me admiro de que um homem como sir Jorge Burnwell haja assumido tamanha influencia no seu animo, pois era muito assiduo em minha casa e confesso que me fascinou. Mais velho do que Arthur, é homem de fino trato até ao sabugo das unhas, tem corrido meio mundo, tem visto tudo quanto ha, é optimo conversador, e de multissimo

boa presença. E comtudo, quando penso nisso a sangue frio, e o não tenho ao pé de mim para me enredar com as suas falinhas de mel, o cynismo da sua linguagem, e uns certos lampejos que lhe surprehendi no olhar, convencem-me de que cumpre desconfiar delle em tudo e por tudo.

Esta é a minha opinião, e tambem a da pequena, a da minha Mary, que tem já o modo de pensar de uma senhora.

Uma pessoa me faltou descrever-lhe: é minha sobrinha.

Por morte de meu irmão, ha uns cinco annos, ficou a pobre menina sózinha neste mundo; adoptei-a, e desde então é como se fosse minha filha. E' o meu raio de sol, meiga, carinhosa, encantadora, sabe dar ordem á vida, é optima dona de casa, e com tudo isso tão socegada, tão amorosa e tão sensivel quanto o pode ser uma mulher. E' o meu braço direito, e se não a tivesse não sei o que seria de mim. Nunca me resistira, a não ser num ponto unico. Meu filho já por duas vezes lhe propoz casamento, pois lhe quer com ternura; ella porém até agora tem-se-lhe sempre negado. Estou persuadido de que se houvesse alguem capaz de o trazer a bom caminho, seria ella esse alguem, e que depois de casado viria a ser outro homem; mas, ai de mim! já não ha remedio; é tarde, muito tarde!

E agora, senhor Holmes, que conhece a todos que vivem ao abrigo do meu tecto, vou reatar o fio á minha tristissima historia.

Depois de jantar, na sala, á hora do café, contei a aventura a Arthur e a Mary, e falei-lhes do precioso thesouro que trouxera commigo, abstendo-me apenas de nomear o meu cliente. Tenho a certeza de como a Lucy Paw, que nos servira o café, se havia retirado; mas não posso jurar se a porta estaria ou não aberta. Mary e Arthur escutaram-me com summo interesse e queriam ver o famoso diadema; a mim, comtudo, pareceu-me ser mais sensato não lhe tocar.

— E onde o guardou? indagou Arthur.

— Na minha secretária.

— Pois bem, o que lhe desejo é que os ladrões se não lembrem de entrar cá em casa, esta noite, disse.

— Está debaixo de chave.

— Ora! Abria-se com uma chave qualquer. Eu, em pequeno, abria-a com a chave do armario do quarto dos despejos.

Tinha por costume dizer tolices d'aquellas, e não fiz maior reparo no dito. Elle, porém, á noite, veiu ter commigo ao quarto, com uns modos muito serios.

— Diga-me, papá, perguntou, com os olhos no chão, não me poderia dar duzentas libras?

— Não, senhor, não posso! respondi com modo sacudido. Tenho sido generoso de mais para comsigo.

— Muito devo á sua bondade, bem o sei; mas necessito d'esse dinheiro seja como fôr! Aliás, não poderei tornar a apparecer no meu club.

— Não? Estimo muito isso!

— Pois sim! Mas não quererá decerto que eu deixe de o frequentar, pelo facto de ser um homem desacreditado. Não posso supportar semelhante idéa. Preciso d'esse dinheiro, seja como fôr, e se não m'o quizer dar terei de o arranjar em outra parte.

— Da minha parte escusas de esperar coisa nenhuma, exclamei, irado, pois que era já o terceiro pedido desde o principio do mez.

Assim que se ausentou, abri a secretária, para me confirmar na certeza de que se achava bem guardado o meu thesouro, e tornei a fechal-a á chave. Principiei então a revistar a casa a ver se estaria tudo bem fechado. E' um cuidado que entrego sempre a Mary, mas que eu, aquella noite, preferi tomar a meu cargo. Ao descer a escada, avistei a Mary á janella da sala de espera, janella que ella fechou assim que me sentiu.

— Diga-me, uma coisa, papae, perguntou-me com uns modos, que se me afiguraram um tanto enleados. Déste licença a Lucy para sahir esta noite?

— Eu? Por certo que não.

— Entrou agora mesmo pela porta trazeira. Creio que não iria além da grade para ver se viria alguem, mas, ainda assim, não me parece admissivel, e acho que se lhe não devem consentir estas sahidas.

— Fala com ella amanhã de manhã ou falar-lhe-ei eu, se achas melhor. Tens a certeza de que tudo esteja bem fechado?

— Certeza absoluta, papá.

— Então, boa noite. Dei-lhe um beijo, subi para o meu quarto, e d'ali a pouco adormeci.

Conforme vê, senhor Holmes, entro nos mais insignificantes pormenores, e não obstante, espero que me perguntará tudo aquillo que lhe pareça obscuro.

— Acho absolutamente claro o seu relatorio.

— Vamos chegando ao ponto interessante. Não tenho o somno pesado, e com a preoccupação que me assoberbava, o meu somno, seria ainda mais leve do que o usual. Por volta das seis horas da madrugada, veio acordar-me um ruido parecendo vir do interior da casa. Cessara a bulha antes de me haver acordado de todo, mas produzira em mim a impressão de uma janella fechando-se muito devagarinho. Deixei-me estar deitado, de ouvido á escuta. De subito, qual não foi o meu pavor, ao ouvir distinctamente uns passos abafados no quarto immediato. Escorreguei para fóra da cama, a arfar de assustado, e olhei para o meu quarto de vestir através da porta entre-aberta.

— Arthur! clamei, salteador, bandido! Atreves-te a pôr no diadema?

O gaz conservava-se a meia força, conforme eu o havia deixado, e ali estava o meu desditoso filho, em camisa e apenas com uma calça vestida, de pé, junto

(*Continúa na pag. seguinte*)

á luz, e com o diadema entre as mãos. Parecia tentar partil-o á força de pulso, ou entortal-o, quando menos. Ao ouvir o meu grito, deixou cahir das mãos a joia, e poz-se branco como um defunto.

Apoderei-me do diadema e examinei-o. A uma das extremidades faltavam tres pedras.

— Partiste-o! Miseravel! Deshonraste-me para todo o sempre! Onde estão essas pedras que roubaste?

— Roubei!... Eu!

— Tu, sim, ladrão! gritei louco de raiva, sacudindo-o pelos hombros.

— Não falta uma unica; nem póde faltar, affirmou.

— Faltam tres. E sabes onde ellas estão. Além de seres ladrão, queres ainda mentir-me? Pois não te vi fazer tentativas para partir outro pedaço do diadema?

— E' demais! exclamou. Nem mais uma palavra a semelhante respeito, e já que resolveu insultar-me, sahirei de sua casa assim que amanhecer e procurarei a minha vida sem dependencias de ninguem.

— Sahirás desta casa nas garras da policia! Eu farei tirar a limpo este negocio!

— De mim não tirará coisa nenhuma, bradou em estado de afflicção que me causou surpreza. Se quizer appellar para a policia que proceda a um inquerito.

No mesmo instante, achava-se a pé toda a gente em casa, visto que eu, no auge da colera, levantara a voz. A primeira pessôa que appareceu foi Mary; assim que viu o diadema e attentou na physionomia de Arthur, percebeu a verdade e, soltando um grito cahiu ao chão sem sentidos. Mandei prevenir a policia e entreguei-lhe o negocio. Quando entraram o inspector e o agente policial, Arthur, que permanecia alli de braços cruzados, perguntou-me se acaso era minha tenção accusal-o de roubo. Respondi que deixara de ser um caso privado, tornando-se do dominio publico, visto que o diadema partido era propriedade nacional. Estava resolvido a conceder livre acção á justiça.

— Ao menos, pediu, não me mande prender, acto-continuo. E' do seu, e meu interesse, o consentir que eu me ausente, quando mais não seja pelo espaço de cinco minutos.

— Para te escapulires ou talvez para esconderes aquillo que roubaste. E, tentando enternecel-o, pintando-lhe o horror da situação, suppliquei-lhe que pensasse não só na propria honra, mas ainda na de mais alguem, muito acima de mim, a qual se achava empenhada; que elle, meu filho, se arriscava a provocar um escandalo, que iria revolucionar todo o paiz. Que estava na sua mão impedil-o, declarando-me que caminho tinham levado as tres pedras.

— Não te illudas, accrescentei, foste apanhado em flagrante, e a tua confissão não poderia vir aggravar o teu caso. Mas se remediares a tua falta nos limites do possivel, dizendo-nos onde param os berylos, tudo cahirá em esquecimento e tudo te perdoarei.

— Guarde o seu perdão para quem lh'o pedir, replicou, elle, voltando-me abruptamente as costas. E vi que era por demais firme a sua resolução para que lograssem abalal-o as minhas palavras. Não havia, pois, que hesitar. Mandei aviso ao inspector e entreguei-o a este. Apalparam-n'o desde logo, revistaram-lhe o quarto, e a todos os cantos da casa, onde lhe haveria sido possivel esconder as joias, mas não encontraram o minimo indicio, e o malfadado rapaz negou-se a abrir a bocca a despeito das minhas supplicas e das nossas ameaças. Metteram-n'o no calabouço esta manhã, e, cumpridas varias formalidades na inspecção policial, apressei-me em vir procural-o ao senhor, para lhe pedir que lançasse luz n'esse mysterio. A policia confessa que não o entende. Póde fazer os gastos que julgar uteis: já prometti mil libras de recompensa. Que será de mim meu Deus? Perdi a minha honra, as pedras e o meu filho na mesma noite. Poderá haver alguem mais desgraçado?

Agarrou a cabeça com ambas as mãos, fazendo com o corpo movimentos para a esquerda e para a direita, a gemer de mansinho tal qual uma creança.

Sherlock Holmes permaneceu taciturno uns minutos, carregado os supercilios, e de olhos fitos no lume.

— Recebe muita gente? perguntou.

— Ninguem, á excepção do meu socio e sua familia, e, uma ou outra vez, a um amigo do Arthur, Sir Jorge Burnwell que tem frequentado muito a minha casa, de tempos a esta parte. E, que me lembre, mais ninguem.

— Frequenta a sociedade?

— O Arthur, muito. Eu e Mary ficamos sempre em casa. Nem eu nem ella gostamos de sahir.

— Isso, n'uma menina, é raro.

— Já fez vinte e quatro annos e é pacata, por indole.

— Segundo me conta, affligiu-a muito este negocio.

— Se affligiu! Affectou-a muito mais até do que a mim proprio.

— Nem ella nem o senhor duvidam da culpabilidade do seu filho?

— E como poderiamos duvidar, se com meus proprios olhos lhe vi entre as mãos o diadema?

— Não considero semelhante facto como prova decisiva. E o que restava do diadema soffreu alguma avaria?

— Soffreu, estava todo torto.

— E não lhe occorre que talvez seu filho estivesse tentando endireital-o?

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

O Alfinete a Machuca?

A criança chora, esperneando-se no berço, com gritos de dôr. O alfinete de segurança estará, por acaso, a magoal-a?

Não! Seu estomago delicado ingeriu o conteúdo da mammadeira, mas não o tolera. Colicas! Convulsões! Vomitos de leite coalhado.

Mãe: Para evitar sustos e mal-estar ao seu filhinho.

(Uma colherzinha misturada com o conteúdo da mammadeira, em vez de "agua de cal", evitará coliças e manhas.)

LEITE DE MAGNESIA DE Phillips

O antiacido-laxanto ideal

EVITE AS IMITAÇÕES!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo